



**UNIVERSIDADE SÃO JUDAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM
EDUCAÇÃO FÍSICA**

ROSEMEIRE DE OLIVEIRA

**MEMÓRIAS E DESAFIOS DE UMA TREINADORA
VENCEDORA EM SÉRIE NO VOLEI DE PRAIA:
IDENTIDADE E MAESTRIA**

**SÃO PAULO
2025**

**UNIVERSIDADE SÃO JUDAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM
EDUCAÇÃO FÍSICA**

ROSEMEIRE DE OLIVEIRA

**MEMÓRIAS E DESAFIOS DE UMA TREINADORA
VENCEDORA EM SÉRIE NO VOLEI DE PRAIA:
IDENTIDADE E MAESTRIA**

Tese apresentada ao programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação Física da Universidade São Judas como requisito Final para a obtenção do título de Doutora em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Graciele Massoli Rodrigues

**SÃO PAULO
2025**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Universidade São Judas Tadeu**

Bibliotecária: Marieta Rodrigues Brecht - CRB 8/10384

O48 Oliveira, Rosemeire.
Memórias e desafios de uma treinadora vencedora em série: identidade e maestria. / Rosemeire Oliveira. - São Paulo, 2025.
f. 171: il.; 30 cm.

Orientadora: Graciele Massoli Rodrigues.
Tese (doutorado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2025.

1. Treinadora vencedora em série. 2. Vôlei de praia. I. Rodrigues, Graciele Massoli. II. Universidade São Judas Tadeu, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física. III. Título.

CDD 22 – 796

Defesa da Dissertação de Doutorado de Rosemeire de Oliveira intitulada **“MEMÓRIAS E DESAFIOS DE UMA TREINADORA BRASILEIRA VENCEDORA EM SÉRIE NO VÔLEI DE PRAIA: IDENTIDADE E MAESTRIA”**, orientada pelo Prof. Dra. Graciele Massoli Rodrigues, apresentado à banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da USJT, em 2 de outubro de 2025. Os membros da Banca Examinadora consideraram o(a) candidato(a) APROVADO(A).

Banca Examinadora:

Prof.a Dra. Graciele Massoli Rodrigues (Orientadora)
Universidade São Judas Tadeu

Prof.a Dra. Elisabete dos Santos Freire (Membro Titular)
Universidade São Judas Tadeu

Prof. Dr. Erico Caperutto (Membro Titular)
Universidade São Judas Tadeu

Prof. Dr. Vinícius Barroso Hirota (Membro Titular)
Fatec de Esportes - Centro Paula Souza

Prof.a Dra. Paula Korsakas (Membro Titular)
ESEF – Escola Superior de Educação Física de Jundiaí

Autorizo a reprodução total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E-mail da autora: profa.roliveira@gmail.com

Das Histórias que me formam às Histórias que investigo

A Idade é um Número – e uma História Muito Bem Contada!

Meus amigos dizem que a idade é só um número. Mas sejamos justos: é um número respeitável, construído com paciência, coragem e, claro, um pouquinho de teimosia. Afinal, chegar até aqui exige habilidade – e nós dominamos essa arte como ninguém!

Enquanto o mundo se apressa, a gente saboreia. Já sabemos que café quente queima a língua, que um bom papo vale mais que um relógio e que as melhores risadas vêm das histórias que colecionamos. Já erramos muito, acertamos outro tanto e seguimos aprimorando a técnica de viver bem.

Os mais jovens? Ah, coitados. Ainda estão tentando descobrir coisas que nós já sabemos de cor. Nós já vivemos intensamente, nos apaixonamos (e como!), já viajamos, trabalhamos, criamos laços e deixamos nossa marca. Agora, continuamos – porque a vida não tem prazo de validade, só capítulos novos para serem escritos.

Então, brindemos ao que passou, ao que está por vir e, principalmente, ao agora. A idade? Apenas um detalhe. O que importa mesmo é a história que esse número conta. E a nossa história é boa demais!

— SeNSato

DEDICATÓRIA

Aos que chegaram antes,
Aos que seguiram comigo,
Aos que me ensinaram a contar histórias e também a recomeçar.

Dedico esta tese a quem me empurrou para frente — com palavras,
com silêncio, com fé.
Aos que olharam nos meus olhos e disseram “vai”.

Este trabalho também é deles.

AGRADECIMENTOS

Cada linha desta tese tem um pouco de mim e um tanto dos outros.

Agradeço à treinadora Letícia Pessoa, que me confiou suas histórias, seus silêncios e suas verdades.

Este trabalho nasceu da sua voz — e também do que não me disse. Sua trajetória me atravessou de forma profunda e me ensinou mais do que palavras podem dizer.

À minha orientadora, Profa. Dra. Graciele, carinhosamente chamada de Gra, que entrou no jogo nos últimos sets e ainda assim virou a partida. Chegou no quinto set — o tie-break — quando eu já achava que o jogo estava perdido. Com leitura precisa, estratégia clara e a coragem de pedir tempo quando eu mesma não sabia como reagir.

Mudou o ritmo, reposicionou o time e me lembrou que ainda dava tempo. E deu. Foi como acionar o Desafio — o VAR do voleibol — no momento certo: rever a jogada, confiar na análise e mudar o rumo da partida.

À Profa. Dra. Regina Brandão, pelo acolhimento e pelas orientações iniciais que ajudaram a direcionar meus primeiros passos no doutorado.

Ao Programa de Pós-Graduação, na pessoa da Profa. Dra. Elisabeth Freire, coordenadora, e a todos os professores das disciplinas cursadas, pelo generoso compartilhamento de saberes e pela inspiração constante ao longo desta trajetória acadêmica.

Ao Prof. Dr. Michel Milistetd, que me lembrou da existência de Letícia Pessoa como treinadora vencedora em série, abrindo uma trilha decisiva para este estudo.

À banca, que leu mais do que o texto: leu o processo. Leu os silêncios entre as linhas, o tempo que escorregou, o excesso que precisei conter — e o que transbordou. Leu as versões que não ficaram no papel, mas ficaram em mim.

Em toda a minha trajetória como treinadora de voleibol — ainda que nem perto da condição de vencedora em série —, agradeço aos amigos, profissionais e colegas de estrada que, com generosidade, estiveram presentes nos cafés (mesmo que virtuais), nas dúvidas partilhadas e nas risadas que também sustentam a ciência, e que contribuíram para significativas trocas de saberes.

Aos meus — de casa, de fé, de alma, de caminho de vida. Obrigada por segurarem tudo enquanto eu me jogava no papel. Por não me deixarem desistir quando eu já tinha jogado a toalha. Por me lembrarem, com firmeza e carinho, que ainda havia jogo — e que eu precisava voltar para a quadra.

E a mim, por ter ficado, mesmo nos dias em que pensei em ir embora — até o último apito, quando o jogo terminou... e se fez história (tese).

RESUMO

Este estudo investigou os processos de construção da identidade profissional e da maestria de uma treinadora brasileira vencedora em série, a partir dos sentidos que ela atribui à própria trajetória, às escolhas feitas ao longo da carreira e às práticas desenvolvidas no contexto do esporte de alto rendimento. O termo vencedora em série, originalmente proposto por pesquisadores internacionais da área do coaching esportivo, designa profissionais que alcançam sucesso consistente ao longo do tempo, conquistando múltiplos títulos em diferentes ciclos competitivos e demonstrando maestria pela sustentação contínua da excelência técnica e humana. Adotou-se uma abordagem qualitativa, ancorada em uma análise temática. O recorte empírico centrou-se na trajetória de uma treinadora de voleibol de praia reconhecida nacionalmente por sua longevidade no cenário competitivo, pela permanência no alto rendimento e pelo acúmulo de títulos. A coleta de informações foi realizada por meio de uma entrevista narrativa em profundidade, elaborada a partir de roteiro previamente validado por especialistas. A análise temática foi conduzida a partir de três eixos estruturantes: identidade profissional, saberes mobilizados e contexto de atuação. Os resultados indicam que, no comando técnico feminino, a condição de vencedora em série não se sustenta apenas em competências técnico-táticas, mas envolve um processo contínuo de autoconstrução, dedicação ao ofício, coragem ética, escuta sensível e enfrentamento de barreiras estruturais e assimetrias de gênero. A treinadora legitimou sua autoridade pela experiência prática, pela construção de vínculos de confiança com as atletas, pela aprendizagem contínua e pela clareza de propósito, compreendendo que formar campeãs implica, antes, formar pessoas. A originalidade da pesquisa reside na valorização de uma experiência feminina, brasileira e singular, que amplia o conhecimento sobre a formação e a atuação de treinadoras no esporte de alto rendimento, fortalece o debate sobre equidade de gênero e inspira práticas pedagógicas mais humanas, reflexivas e inclusivas.

Palavras-chave: Treinadora brasileira vencedora em série; Identidade profissional; Maestria; Liderança feminina; Esporte de alto rendimento.

ABSTRACT

This study investigated the processes involved in the construction of professional identity and mastery of a Brazilian female serial-winning coach, based on the meanings she attributes to her own trajectory, career choices, and professional practices within the context of elite sport. The term serial-winning coach, originally proposed by international scholars in the field of sport coaching, refers to professionals who achieve consistent success over time, winning multiple titles across different competitive cycles and demonstrating mastery through the continuous maintenance of technical and human excellence. A qualitative approach was adopted, anchored in thematic analysis. The empirical focus centered on the career of a beach volleyball coach nationally recognized for her longevity in the competitive scene, her permanence in elite sport, and her accumulation of titles. Data collection was conducted through an in-depth narrative interview, designed from a guide previously validated by experts. The thematic analysis was organized around three structuring axes: professional identity, mobilized knowledge, and context of practice. The results indicate that, in female coaching, the condition of a serial winner is not sustained solely by technical-tactical competence but involves a continuous process of self-construction, ethical courage, sensitive listening, and the confrontation of structural barriers and gender asymmetries. The coach legitimized her authority through practical experience, the construction of trust-based relationships with athletes, continuous learning, and clarity of purpose — understanding that to build champions is, first, to build people. The originality of this research lies in the recognition of a female, Brazilian, and singular experience that broadens the understanding of women coaches' education and professional performance in elite sport, strengthens the debate on gender equity, and inspires more human, reflective, and inclusive pedagogical practices.

Keywords: Brazilian female serial-winning coach; Professional identity; Mastery; Female leadership; Elite sport.

SUMÁRIO

RESUMO	i
ABSTRACT	ii
LISTA DE SIGLAS	iii
LISTA DE QUADROS	iv
LISTA DE TABELAS	v
LISTA DE FIGURAS	vi
APRESENTAÇÃO.....	14
INTRODUÇÃO	17
Capítulo 1 — Justificativa Metodológica e Escolha do Caso	23
1.1 Justificativa metodológica	23
1.2 O estudo de caso como opção	24
1.3 Critérios de seleção e singularidade da participante	25
Capítulo 2 — Aportes Teóricos sobre Identidade, Saberes e Contexto	27
2.1 Identidade profissional de treinadores	27
2.2 Saberes e competências profissionais	41
2.3 Contexto de atuação e desenvolvimento da expertise	49
Capítulo 3 — Considerações metodológicas e apresentação da participante.....	62
3.1 Abordagem metodológica – Caminhos da pesquisa.....	62
3.2 Estratégia de pesquisa – Estudo de caso qualitativo.....	64
3.3 Perfil da participante – Letícia Pessoa.....	65
3.4 Instrumento de coleta de informações: roteiro de entrevista.....	68
3.5 Validação do instrumento.....	69
3.6 Procedimentos de coleta de informações.....	72
3.7 Procedimentos de análise das informações.....	74
3.8 Silêncios e limites da pesquisa.....	77
Capítulo 4 — Diálogos com uma treinadora vencedora em série.....	78
4.1 Narrativas da participante	79
4.2 Síntese interpretativa em quadros.....	133
Capítulo 5 — Considerações Finais	137
REFERÊNCIAS	143
APÊNDICES	159
Apêndice A – Roteiro da Entrevista	159
ANEXOS	163
Anexo A – TCLE (Pesquisa on-line)	163
Anexo B – Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	165
Anexo C – Termo de Autorização para Identificação Nominal em Pesquisa Acadêmica.....	170

LISTA DE QUADROS

Quadro 3 – Eventos Biográficos e Categorias Teóricas.....	133
Quadro 4 – Indicadores de Transversalidade e Interseccionalidade.....	135

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Interpretação dos valores do coeficiente Kappa de Fleiss (Landis & Koch, 1977).....	70
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Adaptação do modelo SPLISS comparando Brasil e Japão, com destaque para o investimento na formação de treinadores e os pilares que impactam o rendimento esportivo internacional (adaptado de Milistetd, 2021)	51
---	----

APRESENTAÇÃO

O voleibol brasileiro sempre foi uma força dominante no cenário mundial. A chamada “geração de prata”, vice-campeã nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984, representou um marco histórico para o esporte nacional. Composta por atletas como William, Renan, Montanaro e Xandó, essa equipe trouxe os holofotes para a modalidade e abriu caminho para a consagrada “geração de ouro”.

Na Olimpíada de Barcelona, em 1992, nomes como Marcelo Negrão, Maurício, Carlão e Giovane conquistaram a primeira medalha de ouro do Brasil em esportes coletivos. A partir desse momento, o país passou a demonstrar ao mundo sua capacidade de formar equipes vitoriosas e manter-se entre as principais potências do voleibol internacional.

O Brasil formou diversas gerações de campeões e campeãs. Dentro de quadra, nossos atletas conquistaram reconhecimento mundial e se destacaram em premiações individuais, sendo considerados os melhores do mundo em várias posições. Foi acompanhando as conquistas das seleções brasileiras em campeonatos internacionais, que meu interesse pelo voleibol cresceu e, com o tempo, transformou-se na curiosidade científica de compreender como treinadoras(es) vencedores em série constroem e sustentam suas trajetórias de alto desempenho.

O termo vencedor(a) em série é usado internacionalmente para designar treinadores que alcançam sucesso consistente ao longo do tempo, conquistando múltiplos títulos em diferentes ciclos e contextos competitivos (Lara-Bercial & Mallett, 2016; Nash, 2020). Mais do que acumular vitórias, esses profissionais demonstram maestria, entendida como a capacidade de sustentar a excelência técnica e humana de maneira contínua, em ambientes de altíssima exigência. No caso das mulheres, esse feito ganha contornos ainda mais significativos, dada a histórica sub-representação feminina em posições de liderança no esporte.

Nos anos 1980, conformada com minha falta de biotipo para ser atleta de voleibol, com 1,65 m de altura e com uma experiência limitada às escolinhas de esporte, decidi mudar meus planos profissionais. Acreditava que, ao concluir a faculdade de Educação Física, poderia me tornar treinadora e, quem sabe, chegar à seleção brasileira. Assim começou minha transição das quadras para o banco.

Decidida a investir nessa carreira, adquiri o famoso livro de capa verde de Matsudaira, Manual do Treinador de Volleyball, publicado pela Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) em 1977. Era o material mais atualizado da época sobre treinamento na modalidade. Além das leituras, tive a oportunidade de assistir às aulas de um técnico da equipe Pirelli de Santo André, uma das mais competitivas e vitoriosas do voleibol nacional, o que me inspirou a sonhar em trabalhar ao lado dos melhores treinadores e treinadoras e, quem sabe, ser como eles.

Concluí a graduação e iniciei minha trajetória profissional no início dos anos 1990 como professora de iniciação esportiva. Depois, tornei-me treinadora das equipes de base do São Caetano Esporte Clube, um tradicional centro de formação de atletas do ABC Paulista. Desde então, meu envolvimento com a modalidade só cresceu, especialmente após a medalha de prata olímpica da seleção masculina em 1984.

Em 1994, quando o Brasil sediou o Campeonato Mundial de Voleibol Feminino, candidatei-me e fui selecionada para acompanhar a seleção de Cuba durante a competição. Apesar de não conhecer pessoalmente o treinador da equipe cubana, sabia que Mireya Luis, considerada por muitos a maior jogadora de todos os tempos, integrava aquela seleção multcampeã. Seria um sonho conhecê-la.

Durante a convivência com as atletas e a comissão técnica, fiquei impressionada com a grandiosidade e a generosidade dos treinadores Eugênio George e Antonio Perdomo, que lideravam a equipe. Eles venceram aquele Mundial, deixando o Brasil na segunda colocação. Nas noites em que ficávamos sentados no hall do hotel, tive a honra de ouvir suas histórias, suas trajetórias vitoriosas e até suas estratégias para vencer o Brasil, que eles consideravam a equipe mais técnica daquele campeonato.

Essas conversas noturnas me fizeram refletir e buscar na literatura os fatores que tornavam aqueles treinadores tão especiais. Comecei a questionar como eles, assim como José Roberto Guimarães e Bernardo Rezende, conseguiam conquistar títulos de maneira tão consistente, ano após ano, configurando-se como verdadeiros treinadores vencedores em série. No entanto, percebi que as aprendizagens advindas dessas trocas não eram simples de compreender, pois, até então, eu acreditava que apenas o conhecimento comprovado por livros e artigos científicos era válido. Além disso, uma pergunta ecoava em minha mente: qual seria o diferencial necessário para me tornar uma treinadora campeã? Durante aquele campeonato, não vi nenhuma mulher treinadora em quem pudesse me espelhar.

Essa ausência de mulheres em posições de comando evidenciava uma forma de invisibilidade estrutural no esporte, que persiste até hoje e motivou o foco desta pesquisa. A partir dessa constatação, compreendi que a presença feminina no comando técnico não é apenas uma questão de oportunidade individual, mas de reconhecimento e visibilidade dentro de uma cultura esportiva ainda marcada por desigualdades históricas.

Com o passar dos anos, minha atuação no esporte se expandiu para outras dimensões. Tornei-me coordenadora de curso superior em Educação Física, o que me permitiu refletir sobre os processos formativos que moldam a atuação profissional no esporte e sobre a distância entre a formação acadêmica e as demandas reais da prática. Ao mesmo tempo, permaneci engajada em iniciativas voltadas à valorização ética e social da prática esportiva. Fui agraciada com a Comenda do Mérito Esportivo do Estado de São Paulo, concedida pelo CREF4/SP, e passei a integrar o Panathlon Internacional – Distrito Brasil, onde atualmente exerço a função de delegada. Nesse espaço, tive a honra de participar da elaboração da Carta dos Direitos da Mulher no Esporte, apresentada no Congresso Pan-Americano do Panathlon, realizado no México em 2025, um marco na defesa da equidade de gênero e no reconhecimento da mulher como protagonista do esporte.

Essa caminhada, construída entre a quadra, a sala de aula e os espaços institucionais, consolidou meu compromisso com a formação ética e pedagógica de profissionais do esporte e com a ampliação das vozes femininas em posições de liderança. É desse percurso, que une experiência prática, atuação acadêmica e engajamento social, que nasce o interesse em compreender os processos identitários e de maestria que sustentam a trajetória de treinadoras vencedoras em série.

Entre as inúmeras trajetórias que compõem o voleibol brasileiro, a de Letícia Pessoa destaca-se pela permanência, consistência e capacidade de liderar em contextos dominados por homens.

Naquele período, o nome de Letícia Pessoa começava a surgir no cenário do vôlei de praia, ainda sem o reconhecimento que possui hoje. Atualmente, ela é uma das treinadoras brasileiras mais vitoriosas da história do vôlei de praia, comandando duplas femininas e masculinas e acumulando conquistas em Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais. Sua presença rompe barreiras e evidencia que, apesar das conquistas do voleibol brasileiro, o espaço das mulheres no comando técnico ainda é restrito e desafiador, tornando essencial reconhecer e valorizar essas trajetórias desde o início.

Essa trajetória de aprendizado e autoconhecimento me mostrou que, embora o caminho para se tornar uma treinadora de sucesso seja repleto de desafios, ele também oferece inúmeras oportunidades de crescimento pessoal e profissional. Foi dessa inquietação e inspiração que nasceu a presente pesquisa voltada a compreender, por meio da trajetória de uma mulher brasileira vencedora em série, como se constroem e se sustentam as experiências de liderança, identidade e maestria no esporte de alto rendimento.

Destacar o percurso de uma treinadora brasileira também é reconhecer o valor das histórias que se constroem em nosso próprio contexto esportivo, frequentemente ofuscadas por referências estrangeiras. Essa escolha reforça o compromisso desta pesquisa com a valorização das vozes femininas que fazem parte da construção do esporte nacional e com a visibilidade das mulheres que, a partir do Brasil, transformam o campo esportivo e formam novas gerações.

Refletir sobre as trajetórias de treinadoras brasileiras também implica reconhecer que, historicamente, as mulheres tiveram suas experiências e saberes pouco escutados no campo esportivo e científico. A dificuldade de reconhecimento e a ausência de espaços legítimos de fala não são questões individuais, mas estruturais, pois decorrem de uma cultura que ainda associa o conhecimento técnico e a liderança ao masculino. Valorizar e tornar visíveis essas trajetórias é, portanto, um gesto político e epistemológico: é afirmar o direito das mulheres de ocupar lugares de produção de saber, de decisão e de protagonismo no esporte.

INTRODUÇÃO

O voleibol, criado em 1895 por William G. Morgan nos Estados Unidos como uma prática recreativa voltada a adultos que buscavam uma alternativa menos extenuante ao basquete, passou por profundas transformações ao longo das décadas. De modalidade de lazer praticada em ginásios escolares, evoluiu para um esporte de alta performance, com regras adaptadas, ritmo acelerado e ampla difusão internacional. Essa trajetória de evolução técnica, tática e estrutural fez do voleibol um dos esportes mais praticados e respeitados em todo o mundo.

No Brasil, o voleibol consolidou-se como o segundo esporte mais popular do país, atrás apenas do futebol, conquistando prestígio graças aos resultados expressivos

das seleções masculinas e femininas, tanto na quadra quanto na praia. Desde a criação do ranking da Federação Internacional de Voleibol (FIVB), em 2003, o Brasil manteve-se entre os primeiros colocados, acumulando títulos mundiais e olímpicos em diversas categorias.

No vôlei de praia, a trajetória vitoriosa também impressiona. A modalidade estreou nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, e desde então o Brasil conquistou medalhas em todas as edições olímpicas, demonstrando consistência e excelência técnica. Em Paris 2024, Ana Patrícia e Duda subiram ao lugar mais alto do pódio, reafirmando o protagonismo brasileiro na modalidade e inspirando novas gerações de atletas. Esses feitos não são fruto apenas do talento das jogadoras e jogadores, mas também do trabalho estratégico, consistente e de longo prazo desenvolvido por treinadores e treinadoras, cuja influência é determinante no desenvolvimento técnico, tático e psicológico das equipes.

A crescente complexidade do ambiente esportivo impõe aos treinadores um papel multifacetado, que exige domínio técnico, competências relacionais, capacidade de liderança e sensibilidade pedagógica (Cushion, Griffiths & Armour, 2017). Além dessas múltiplas exigências, sua atuação é frequentemente alvo de julgamentos superficiais, descontextualizados e baseados apenas em resultados imediatos.

Forman (2024)¹, treinador de voleibol universitário nos Estados Unidos, problematiza essa questão em uma carta aberta, de tom crítico e reflexivo, na qual denuncia a tendência de avaliar treinadores exclusivamente pelas vitórias ou derrotas recentes. Essa prática compromete a autoridade do treinador, fragiliza a cultura esportiva e ignora os processos complexos que envolvem o desenvolvimento humano e esportivo dos atletas.

Reconhecer a natureza processual e complexa do trabalho dos treinadores é essencial para compreender seus percursos no alto rendimento. Ser treinador, hoje, vai muito além da condução de treinos e jogos: implica responder a pressões constantes por desempenho, atuar em contextos diversos e mobilizar saberes que dialogam com a formação integral dos atletas.

Nesse sentido, termos como eficácia, efetividade, expertise e maestria, embora muitas vezes usados de forma intercambiável, possuem significados distintos. Segundo

¹ Refere-se a uma publicação de caráter opinativo, disponível em formato digital, sem revisão por pares, mas que expressa percepções compartilhadas na prática cotidiana do campo: Forman, J. (2024). *Open Letter to the Volleyball Coaching Community*. Disponível em: <https://coachingvb.com/an-open-letter-to-those-who-judge-coaches/>

Côté e Gilbert (2009), a eficácia relaciona-se à capacidade de alcançar objetivos previamente estabelecidos, enquanto a efetividade envolve adaptar-se a contextos reais e obter resultados em ambientes dinâmicos. A expertise, conforme Ericsson et al. (1993, 1994), refere-se à aquisição de habilidades superiores por meio de prática deliberada e experiência acumulada, sendo o desempenho especializado resultado de esforços sistemáticos de aprendizagem e adaptação contínua.

A maestria, neste estudo, é entendida como uma dimensão que contribui para explicar como treinadores vencedores em série constroem e sustentam seu desempenho de elite. Ela envolve a consolidação de níveis superiores de atuação, resultado de prática deliberada, refinamento contínuo de habilidades e integração de aspectos éticos, relacionais e pedagógicos (Ericsson et al., 2006). Complementarmente, a identidade profissional, segundo Dubar (2012), constitui-se na negociação permanente entre a história social atribuída ao indivíduo e a construção subjetiva de sentido ao longo da carreira, influenciando diretamente as escolhas, estratégias e modos de liderança desses profissionais.

A profissionalização do esporte, especialmente no alto rendimento, transformou profundamente o contexto de atuação dos treinadores, exigindo não apenas excelência técnica, mas também solidez ética e rigor científico na formação (Beneli, Montagner, Borin, Haddad & Daniel, 2013). Nesse cenário, a atuação ética deixa de ser apenas um ideal e torna-se eixo estruturante: orienta escolhas, define prioridades e molda a cultura da equipe. A intervenção técnica, portanto, deve articular conhecimentos científicos e pedagógicos capazes de integrar aspectos físicos, técnicos, táticos, cognitivos e emocionais de forma coerente e sustentável.

A preparação esportiva vai além da reprodução de gestos técnicos ou da busca incessante por resultados imediatos. Trata-se de um processo educativo voltado ao desenvolvimento integral do indivíduo, que reconhece a responsabilidade social dos treinadores na formação de cidadãos críticos e autônomos. Esse compromisso ético demanda práticas pedagógicas que estimulem autonomia, pensamento reflexivo e ambientes de treino que respeitem a dignidade e o bem-estar dos atletas.

Entretanto, mesmo com avanços nas políticas de equidade, a presença de mulheres em cargos técnicos no alto rendimento ainda é minoritária. Levantamento conduzido por pesquisadoras associadas à Universidade Estadual de Campinas, em parceria com o Comitê Olímpico do Brasil, revelou que 48% das treinadoras brasileiras apontam o preconceito de gênero como barreira significativa para sua atuação.

Em Paris 2024, embora as mulheres representassem 56,4% da delegação brasileira, apenas 13% das funções técnicas foram ocupadas por treinadoras — número que, apesar de ter dobrado em relação a Tóquio 2020, ainda está distante do necessário (Knoploch, 2025). A assimetria entre a participação feminina como atleta e sua sub-representação em cargos de comando técnico evidencia barreiras estruturais de gênero. Iniciativas como o Programa MIRA (Mentoria Individualizada, Reflexão e Ação), do Comitê Olímpico do Brasil, em parceria com as pesquisadoras Larissa Galatti e Paula Korsakas, da Unicamp, têm buscado enfrentar essas desigualdades por meio de mentorias, imersões internacionais e planejamento formativo.

Reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional como boa prática, o programa aponta caminhos para ampliar a presença feminina no alto rendimento, ainda que persistam obstáculos simbólicos, institucionais e culturais especialmente para mulheres negras, LGBTQIA+ e de classes populares.

A compreensão dessas desigualdades pode ser ampliada pela metáfora do labirinto, proposta por Eagly e Carli (2007) e desenvolvida no campo esportivo por Barreira (2021). Diferentemente da ideia do “teto de vidro”, que supõe uma barreira única e visível a ser rompida, o labirinto representa um percurso sinuoso, com múltiplos caminhos, desvios e impasses que variam conforme gênero, raça, classe e sexualidade. Essa imagem reflete melhor a experiência feminina contemporânea, marcada por avanços e retrocessos, recomeços e negociações constantes para acessar e permanecer em espaços de liderança.

Conforme destacam Silva e Mourão (2023), o labirinto é “mais realista do que a metáfora do teto de vidro, pois descreve um trajeto repleto de obstáculos mutáveis, que exigem das mulheres esforço contínuo de redirecionamento e resistência”. No esporte, essa metáfora adquire força singular: as trajetórias das treinadoras são atravessadas por barreiras simbólicas, culturais e institucionais que se reconfiguram a cada fase da carreira, demandando estratégias de adaptação e persistência (Carvalho & Santos, 2022).

Assim, o labirinto traduz os percursos fragmentados e as negociações identitárias que marcam a experiência de mulheres em modalidades historicamente masculinas, como o voleibol. Ao adotá-lo como referência, esta tese busca evidenciar tanto as conquistas quanto as resistências que compõem os caminhos possíveis da liderança feminina no alto rendimento, reconhecendo também as limitações empíricas deste estudo para explorar, em profundidade, todos os marcadores da interseccionalidade.

Compreender os percursos, resistências e estratégias formativas dessas profissionais amplia o olhar sobre os processos identitários no treinamento esportivo e reforça a necessidade de equipes técnicas interdisciplinares, capazes de integrar fisiologia, psicologia, nutrição e outros saberes de forma coesa. A comunicação clara e a coesão entre membros da comissão técnica são essenciais para criar ambientes saudáveis e de alta performance.

Por isso, conhecer em profundidade a experiência de uma treinadora multcampeã significa iluminar processos de construção do alto desempenho, considerando gênero, exigências do alto rendimento e implicações éticas.

No voleibol de praia, destaca-se a trajetória da treinadora Letícia Pessoa, com 40 anos dedicados à modalidade e presença contínua no circuito internacional desde Atlanta 1996. Técnica de três medalhas olímpicas e três títulos mundiais, Letícia Pessoa construiu uma carreira marcada por excelência, longevidade e resultados expressivos, apesar da invisibilidade institucional e da ausência em narrativas oficiais que exaltam seus pares masculinos.

Essa escolha por investigar uma mulher treinadora não é fruto de limitações, mas de uma decisão consciente, fundamentada na relevância teórica, simbólica e política de documentar uma trajetória que desafia o modelo dominante de liderança técnica. A liderança de Letícia Pessoa privilegia a escuta ativa, a empatia e a integração entre ética, conhecimento técnico e formação humana. Ao fazê-lo, ela redefine o que significa ser uma treinadora de elite e amplia as possibilidades de compreensão sobre a maestria profissional feminina.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como se constrói e se sustenta a trajetória de uma treinadora vencedora em série, a partir dos sentidos que atribui à sua experiência, às escolhas feitas e às práticas adotadas no contexto do esporte de alto rendimento, considerando a maestria e a identidade profissional como dimensões que ajudam a explicar essa trajetória.

Objetivos específicos:

- Analisar aspectos identitários presentes nos relatos da treinadora sobre sua formação, valores e trajetória no vôlei de praia;
- Identificar saberes, competências e estratégias mobilizados para sustentar sua permanência e alto desempenho no alto rendimento;

- Interpretar os sentidos atribuídos à atuação, às escolhas e à construção da autoridade técnica, relacionando-os à noção de maestria e à identidade profissional no contexto de treinadores vencedores em série.

Dessa forma, busca-se responder: como se constrói e se sustenta a trajetória de uma treinadora vencedora em série, em um contexto esportivo historicamente dominado por homens?

Encerrada a introdução, o próximo capítulo apresenta a justificativa metodológica e a escolha do estudo de caso, destacando as razões da opção pelo enfoque qualitativo e pela singularidade da treinadora investigada.

Capítulo 1 - Justificativa metodológica e escolha do caso

1.1. Justificativa metodológica

Esta tese parte do lugar da mulher no esporte de alto rendimento, reconhecendo que trajetórias de treinadoras ainda se constroem sob assimetrias históricas de acesso, reconhecimento e poder.

Ao tornar visível a experiência de uma treinadora vencedora em série no vôlei de praia, evidenciam-se práticas, saberes e decisões que sustentam autoridade técnica e liderança em um campo majoritariamente masculino compreendendo identidades como processos em constante movimento e a maestria como uma dimensão construída e mantida ao longo do tempo.

Diante desses objetivos e da natureza da pergunta de pesquisa, justifica-se a adoção de uma abordagem metodológica capaz de responder de forma consistente às questões propostas. A escolha adotada neste estudo decorre diretamente da natureza do fenômeno investigado e dos objetivos traçados.

Conforme Yin (2015), a pesquisa qualitativa e, em especial, o estudo de caso, são apropriados quando se busca compreender fenômenos contemporâneos em profundidade, em situações em que o contexto influencia decisivamente a compreensão do objeto investigado.

A análise da trajetória, da identidade e dos saberes de treinadoras vencedoras em série, com ênfase nas intersecções de gênero, exige uma perspectiva que permita captar significados, interpretações e experiências em sua complexidade e singularidade.

Stake (1995) destaca que o estudo de caso qualitativo possibilita compreender as múltiplas dimensões de uma experiência sem reduzi-la a variáveis isoladas, valorizando o olhar interpretativo e a densidade descritiva.

Optou-se, assim, por uma perspectiva qualitativa de caráter interpretativo, por compreender que a realidade social e, no caso, o campo esportivo de alto rendimento, é construída e ressignificada nas interações, discursos e práticas. Essa compreensão encontra eco em análises como a de Minayo (2014), para quem a investigação qualitativa busca interpretar sentidos e significados, respeitando a complexidade do social.

Tal perspectiva permite acessar não apenas os fatos objetivos da trajetória profissional, mas também as percepções subjetivas, os sentidos atribuídos pelas participantes e as dinâmicas relacionais que permeiam sua atuação.

A investigação qualitativa, nesse contexto, mostra-se adequada por possibilitar a análise aprofundada de casos específicos e pela valorização do contexto como elemento constitutivo do fenômeno.

Como aponta Ridder (2017), o estudo de caso contribui para a construção teórica não por meio de generalizações estatísticas, mas por interpretações densas e sensíveis às particularidades do contexto investigado.

Nesse sentido, o caso da treinadora Letícia Pessoa foi selecionado não por sua representatividade numérica, mas por sua capacidade de revelar, com profundidade e densidade, os processos que envolvem a construção da identidade e da maestria profissional no esporte de alto rendimento.

1.2 O estudo de caso como opção

A opção por um estudo de caso qualitativo decorre da natureza do problema de pesquisa e dos objetivos propostos. Diferentemente da história de vida, que privilegia a reconstrução biográfica em sua totalidade, o estudo de caso concentra-se na análise de um fenômeno delimitado em profundidade, permitindo articular as experiências individuais à luz de referenciais teóricos e das questões investigadas.

Segundo Yin (2015), o estudo de caso é especialmente apropriado quando se busca compreender um fenômeno contemporâneo em seu contexto real, sobretudo em situações em que as fronteiras entre fenômeno e contexto não estão claramente definidas. Stake (1995) acrescenta que essa abordagem permite compreender as múltiplas dimensões de uma experiência singular, valorizando a descrição detalhada e a interpretação situada.

Para Ridder (2017), a força do estudo de caso está na possibilidade de produzir interpretações densas e teoricamente relevantes, sem a pretensão de generalizações estatísticas, mas com foco em análises que iluminam processos específicos.

No âmbito da pesquisa qualitativa, Minayo (2014) lembra que a escolha metodológica deve sempre considerar a pertinência entre o problema de investigação e a estratégia adotada, garantindo que os caminhos percorridos possibilitem apreender significados e sentidos atribuídos pelos sujeitos.

Assim, ao optar pelo estudo de caso neste trabalho, busca-se examinar de forma situada e relacional como se constroem a identidade profissional, os saberes e a autoridade técnica de uma treinadora vencedora em série no voleibol de praia.

Essa estratégia metodológica assegura coerência entre a questão de pesquisa, os objetivos formulados e a necessidade de interpretar os sentidos atribuídos pela participante a sua própria trajetória, reconhecendo que é na densidade da singularidade que emergem elementos capazes de contribuir para a compreensão de fenômenos mais amplos.

1.3 Critérios de seleção e singularidade da participante

A escolha da treinadora Letícia Pessoa como participante deste estudo fundamenta-se em critérios acadêmicos e práticos. Do ponto de vista acadêmico, sua trajetória no voleibol de praia representa um caso singular capaz de iluminar, com profundidade, processos relacionados à identidade profissional, à construção da autoridade técnica e à atuação de mulheres em contextos esportivos de alto rendimento.

Stake (1995) observa que o valor do estudo de caso não está na representatividade numérica, mas na potência interpretativa de fenômenos que oferecem pistas para a compreensão de questões mais amplas. Nessa mesma direção, Ridder (2017) ressalta que estudos de caso contribuem para a construção teórica justamente pela densidade das interpretações produzidas a partir de contextos singulares.

Do ponto de vista prático, a seleção decorreu da acessibilidade à participante, da disponibilidade para colaborar com a pesquisa e da possibilidade de realizar entrevistas narrativas em profundidade.

A viabilidade de acesso constitui, segundo Minayo (2014), um elemento essencial da pesquisa qualitativa, uma vez que a interação com os sujeitos investigados depende da construção de vínculos de confiança que favoreçam a produção de sentidos e interpretações consistentes.

A singularidade da treinadora investigada reside em sua condição de vencedora em série em um campo marcado por forte predominância masculina, o que lhe confere uma posição privilegiada para refletir sobre identidades, saberes e estratégias de permanência.

Yin (2015) enfatiza que o estudo de caso é particularmente adequado quando se pretende compreender fenômenos complexos em seu contexto real, articulando dimensões objetivas e subjetivas que não podem ser dissociadas.

Nesse sentido, a trajetória de Letícia oferece subsídios valiosos para compreender como se constroem e se sustentam carreiras de treinadoras em um ambiente de desigualdades de gênero, revelando os processos que envolvem a construção da autoridade técnica e da maestria profissional.

Assim, a seleção da participante não se baseia em critérios estatísticos ou de representatividade numérica, mas em sua capacidade de revelar, com densidade e profundidade, aspectos essenciais à análise da identidade e da maestria profissional de treinadoras vencedoras em série.

A opção metodológica adotada neste estudo ancora-se, portanto, em princípios ético-epistemológicos que asseguram a coerência entre a questão de pesquisa, o referencial teórico e as estratégias de investigação.

Tal escolha implica reconhecer a centralidade da escuta sensível, a valorização da experiência situada e a atenção às dimensões relacionais que perpassam a atuação da participante. Ao priorizar uma perspectiva qualitativa e interpretativa, busca-se respeitar a singularidade do caso, garantindo que os sentidos atribuídos pela treinadora à sua própria trajetória sejam preservados em sua densidade e complexidade. Esse compromisso reforça a adequação do estudo de caso como caminho metodológico e sustenta a robustez analítica necessária para responder à pergunta de pesquisa.

Capítulo 2 — Aportes teóricos sobre identidade, saberes e contexto

2.1 Identidade profissional de treinadores

Partindo da análise contextual realizada no Capítulo 1, que discutiu as transformações contemporâneas no campo esportivo e os desafios enfrentados por treinadoras(es), este capítulo aprofunda a compreensão da construção identitária de treinadoras e treinadores vencedores em série, integrando marcadores sociais como gênero, raça e classe às discussões sobre prática profissional, subjetividade e reconhecimento.

A identidade profissional é um conceito central na análise da atuação de treinadores e treinadoras vencedores em série. Essa identidade é dinâmica e em constante construção, sendo moldada por fatores sociais, culturais e contextuais que refletem as especificidades do ambiente esportivo. Diferentes autores contribuíram para o entendimento desse processo, destacando a natureza relacional, adaptativa e reflexiva da identidade dos treinadores.

Cabe reconhecer que a literatura de base que fundamenta os estudos sobre identidade e expertise de treinadores foi produzida majoritariamente por autores homens, o que resultou em uma visibilidade desigual das experiências de mulheres no comando técnico e em lacunas persistentes sobre trajetórias femininas.

Essa predominância masculina moldou agendas, conceitos e exemplos de referência, com ênfase recorrente em casos de sucesso de técnicos homens e escassa problematização das barreiras estruturais enfrentadas por treinadoras. Mesmo quando as análises contemplam modalidades femininas, a autoria e os objetos de estudo tendem a reproduzir um olhar que naturaliza papéis de gênero, limitando a compreensão de dinâmicas de poder, oportunidades e reconhecimento.

Tornar esse viés explícito não diminui o valor das contribuições clássicas, mas amplia sua leitura crítica e orienta a incorporação de referências e evidências que incluam mulheres, de modo a fortalecer uma abordagem mais representativa, comparativa e sensível às desigualdades que atravessam a construção da identidade profissional no esporte.

Essa perspectiva de identidade como fenômeno relacional e em constante reconstrução também é reforçada por Jones, Corsby e Thomas (2023), que, ao analisarem a formação e a atuação de treinadores(as), criticam a divisão artificial entre

teoria e prática e defendem que a construção identitária se fortalece quando o conhecimento teórico é vivido e experimentado no cotidiano profissional, sendo integrado de forma autêntica às decisões, estratégias e interações estabelecidas com atletas e equipes. Para os autores, a identidade do(a) treinador(a) não se forma à parte da ação, mas emerge da integração entre saberes reflexivos, consciência crítica e prática situada. Nesse sentido, vivenciar a teoria de forma concreta e aplicá-la no contexto real de atuação é parte constitutiva do processo de se tornar treinador(a), o que implica romper com modelos dualistas que dissociam o conhecimento da experiência.

No contexto esportivo, Jones (2005) define a identidade profissional como um processo contínuo, influenciado pelas interações do(a) treinador(a) com seu meio de atuação. Cushion, Armour e Jones (2003) reforçam essa concepção ao enfatizar a construção social da identidade, destacando que ela é reformulada a partir das interações cotidianas, da prática reflexiva e da complexidade dos ambientes de atuação. Essa visão é aprofundada por Cushion, Griffiths e Armour (2017), que oferecem contribuição importante ao sublinhar que a identidade profissional se desenvolve em diálogo constante com os desafios e dinâmicas do contexto esportivo.

A identidade profissional do treinador não se reduz ao acúmulo de competências técnicas ou ao reconhecimento público das vitórias. Ela se constitui como um processo dinâmico e relacional, no qual o sujeito constrói sentidos sobre si e sobre sua prática a partir das experiências vividas, das interações com atletas e colegas e das expectativas institucionais e sociais que o cercam. Essa construção é atravessada pela tensão entre a identidade real e a identidade projetada socialmente, expressão que designa a imagem de profissional que o campo esportivo tende a valorizar. Essa imagem social do treinador, muitas vezes associada à figura do líder disciplinador, racional e estrategista, reflete representações históricas de liderança e autoridade predominantes nas culturas esportivas. O confronto entre o modo como o treinador se reconhece e o modo como é reconhecido pelo contexto gera zonas de conflito e negociação identitária, nas quais emergem os sentidos mais profundos da profissão.

Sob essa perspectiva, a identidade profissional é compreendida como uma construção narrativa em permanente elaboração, que articula elementos biográficos, culturais e relacionais. Essa dimensão narrativa da experiência favorece a compreensão das continuidades e rupturas que caracterizam o percurso profissional, evidenciando como cada treinador ou treinadora reinterpreta, ao longo do tempo, os significados de sucesso, excelência e liderança.

Essa concepção dialoga com Trudel e Gilbert (2006), que defendem a formação identitária a partir da aprendizagem experiencial em contextos reais de atuação, nos quais o profissional negocia continuamente seu papel, seus valores e suas decisões pedagógicas.

Côté (2006) aborda a identidade profissional a partir de uma perspectiva de desenvolvimento de carreira, sugerindo que ela é moldada por valores, crenças e conhecimentos adquiridos ao longo das diferentes fases da trajetória do treinador. Essa abordagem é reforçada por Beijaard, Meijer e Verloop (2004), que apontam que a identidade profissional resulta da interação entre a experiência pessoal e as exigências do campo profissional, mediada pela capacidade reflexiva do indivíduo.

Além desses autores, Dubar (2012) contribui com uma perspectiva teórica mais ampla ao definir a identidade profissional como um processo de negociação contínua entre dois eixos principais: identidade biográfica, construída pelas experiências individuais ao longo da vida, e identidade relacional, moldada pelas interações sociais e expectativas do meio profissional.

Embora esta pesquisa trate majoritariamente da atuação de treinadores multicampeões, é importante reconhecer que a construção da identidade profissional também está atravessada por marcadores sociais como gênero.

A identidade profissional de mulheres treinadoras ocorre em um campo profundamente marcado por desigualdades estruturais e simbólicas, que não apenas limitam o acesso aos cargos de liderança, como também impõem a essas profissionais um constante processo de legitimação.

Diversos estudos demonstram que, mesmo em modalidades femininas ou contextos de formação, a autoridade técnica das mulheres é frequentemente colocada em dúvida, exigindo performance reforçada de competência, controle e resistência para que sejam reconhecidas como líderes legítimas (Almeida & Freitas, 2020; Amaral & Galatti, 2021; Ferreira & Darido, 2015; Rubio, 2019).

Essas barreiras não são apenas de ordem institucional, como a baixa presença de mulheres em cargos de comando e a ausência de políticas inclusivas, mas também de natureza simbólica, sustentadas por discursos naturalizados sobre o papel masculino no esporte e sobre a suposta falta de vocação das mulheres para liderar tecnicamente equipes (Goellner, 2005; Rubio, 2011a; Medeiros, Melo & Moura, 2023).

A presença feminina nas comissões técnicas, portanto, não garante, por si só, a inclusão efetiva. Muitas vezes, essa presença é permeada por exclusões subjetivas, desconfiança e marginalização.

Martínez-Mina, Mazo e Knijnik (2015) descrevem esse fenômeno como “estar presente, sem estar incluída”, expressão que remete a situações em que a treinadora participa formalmente do grupo, mas não tem acesso real às decisões estratégicas, não é ouvida em momentos-chave ou não recebe atribuições compatíveis com sua função. Trata-se de uma inclusão simbólica, que mantém barreiras implícitas e reforça hierarquias de gênero, fazendo com que a profissional precise provar continuamente sua competência para conquistar espaço efetivo e reconhecimento dentro da equipe técnica.

A construção da identidade de treinadoras em ambientes esportivos dominados por homens é, portanto, atravessada por mecanismos históricos de exclusão que se perpetuam tanto na formação inicial quanto nos altos níveis de rendimento, refletindo padrões que excluem sistematicamente as mulheres da narrativa oficial do esporte (Goellner, 2013; Vieira, 2020). A análise dessas estruturas revela que a trajetória da treinadora Letícia Pessoa, embora exitosa, não é fruto de um sistema que promove a equidade, mas da sua habilidade de sobreviver e afirmar-se em um campo ainda resistente à presença de mulheres em posições de comando.

A construção da identidade profissional de treinadoras é profundamente atravessada pela busca por reconhecimento em contextos que, historicamente, as invisibilizam. Mesmo quando ocupam cargos técnicos ou espaços de liderança, as mulheres enfrentam formas sutis e explícitas de negação simbólica, que exigem reafirmação constante de sua legitimidade. Essa lógica é evidenciada em Amaral e Galatti (2021), que mostram como as mulheres, mesmo presentes nas estruturas esportivas, precisam adotar estratégias permanentes de legitimação para serem vistas como autoridades no campo.

Essa invisibilidade também se manifesta na forma como a mídia e os discursos públicos constroem a imagem das mulheres no esporte. Goellner (2015) evidencia como a cobertura midiática reforça estereótipos e contribui para o apagamento do trabalho técnico realizado por treinadoras, fenômeno que obriga essas profissionais a fazer mais para alcançar reconhecimento equivalente ao de seus pares homens.

Essa perspectiva é reforçada por Rubio (2019; 2011b), que aponta para a ausência de modelos femininos nas instâncias de poder esportivo, revelando a dificuldade de as mulheres serem vistas como referências legítimas. Além da mídia, a

própria estrutura esportiva perpetua invisibilidade institucional. Ferreira e Darido (2015) e Medeiros, Melo e Moura (2023) destacam que as mulheres treinadoras, mesmo quando bem formadas e experientes, têm seu conhecimento colocado à prova com frequência maior do que os homens, o que afeta diretamente a consolidação de suas identidades como técnicas respeitadas. Assim, a consolidação profissional dessas mulheres transcende o desempenho técnico, demandando estratégias contínuas de visibilização e legitimação simbólica (Goellner, 2007a; Rojo & Melo, 2006; Guimarães & Carvalho, 2023). Trata-se de um percurso marcado por disputas de legitimidade, no qual ser treinadora envolve enfrentar constantes processos de questionamento e exclusão simbólica.

A identidade profissional de treinadoras não emerge de forma instantânea, mas se constitui progressivamente ao longo da trajetória formativa, em processo marcado por experiências acumuladas, desafios enfrentados e reconfigurações constantes de papéis e significados.

Nesse percurso, aspectos da trajetória formativa articulam-se com a consolidação da identidade, evidenciando que a constituição profissional dessas mulheres é contínua e se transforma ao longo do tempo. Estudos de Ferreira (2012), Moura (2023) e Souza (2023) mostram que essa construção identitária é fortemente influenciada pelas vivências práticas no campo, pelo enfrentamento de resistências e pelo desenvolvimento de competências que vão além do domínio técnico, incorporando autorreflexão e autoconhecimento como elementos formativos.

A formação inicial também tem papel decisivo. Santos et al. (2023) apontam que, já durante a graduação, as mulheres enfrentam experiências formativas desiguais em comparação aos homens, com menor estímulo, menor visibilidade e maiores barreiras de inserção nos espaços de prática profissional.

Essas assimetrias impactam diretamente a construção da identidade das futuras treinadoras, que precisam desenvolver estratégias de resistência desde o início do processo formativo. Além disso, a identidade profissional vai sendo elaborada em meio à vivência de múltiplos papéis, como evidenciado por Sevadio (2022), ao explorar a figura da treinadora-professora. Essa identidade híbrida reflete a realidade de muitas mulheres que transitam entre espaços pedagógicos e técnicos, tecendo sua trajetória em contextos marcados por disputas de legitimidade e por múltiplas exigências sociais.

A construção identitária confirma, assim, sua natureza processual e relacional, sendo continuamente moldada pelas experiências acumuladas, pela mediação dos

contextos e pelas estratégias que as treinadoras desenvolvem para afirmar sua presença, consolidar seus saberes e sustentar seu pertencimento ao campo esportivo (Ferreira & Darido, 2015; Santos et al., 2023; Moura, 2023).

A continuidade da atuação dessas mulheres no campo esportivo, apesar das adversidades, exige o desenvolvimento de estratégias constantes de resistência, que também passam a compor suas identidades profissionais.

A permanência de mulheres treinadoras no campo esportivo é, frequentemente, um ato de resistência frente a um ambiente estruturalmente desigual. A literatura evidencia desafios constantes para se manter em posições de liderança, especialmente em contextos historicamente masculinizados, o que as obriga a elaborar estratégias próprias de enfrentamento e sobrevivência institucional, simbólica e subjetiva (Ferreira & Darido, 2015; Rubio, 2019; Rojo & Melo, 2006).

Essas estratégias incluem desde a reafirmação contínua da autoridade técnica, passando pela busca ativa por redes de apoio, até o desenvolvimento de discursos que confrontem estereótipos de gênero ainda fortemente presentes nas estruturas esportivas. Kilty (2006) aponta que as barreiras vivenciadas pelas treinadoras operam em múltiplos níveis, interpessoais, organizacionais e culturais, e exigem resiliência, adaptação e resistência permanentes.

Essa multiplicidade de frentes de enfrentamento é confirmada por Martínez-Mina, Mazo e Knijnik (2015), ao descreverem como mulheres treinadoras precisam lidar com a sensação de exclusão simbólica, mesmo quando formalmente inseridas nos espaços de decisão técnica. Além disso, experiências narradas por treinadoras em diferentes estudos revelam que o enfrentamento dessas barreiras passa a constituir parte da própria identidade profissional.

Novais, Mourão e Soares (2017) destacam que os relatos dessas mulheres estão permeados por estratégias cotidianas de resistência, que se tornam constitutivas da maneira como elas se reconhecem e se posicionam enquanto treinadoras. A luta por permanência, nesse sentido, é também um exercício de autodefinição, em que o enfrentamento se converte em afirmação identitária (Goellner, 2007b; Medeiros, Melo & Moura, 2023; Sanchotene, 2024).

A construção da identidade profissional de treinadoras não se dá apenas em relação às estruturas formais do esporte, mas também a partir das experiências subjetivas e das relações afetivas que moldam sua trajetória. Diversos estudos apontam que os vínculos interpessoais, as experiências emocionais e a autorreflexão constituem

dimensões centrais no modo como essas mulheres elaboram sua identidade no contexto esportivo (Sevadio, 2022; Santos, 2024; Moura, 2023).

A relação com atletas, colegas de trabalho, dirigentes e familiares opera como um campo de negociações identitárias, em que sentimentos como pertencimento, reconhecimento, frustração ou orgulho desempenham papel fundamental. Essa dimensão afetiva aparece, por exemplo, nos relatos analisados por Santos et al. (2023), em que treinadoras apontam como as emoções vivenciadas durante a formação inicial impactaram significativamente sua motivação e permanência na área.

As experiências subjetivas tornam-se, assim, um dos pilares da construção da identidade, tanto em termos de resistência quanto de ressignificação de si mesmas. Além disso, estudos como os de Ferreira (2012) e Souza (2023) revelam que as narrativas de vida dessas profissionais estão carregadas de marcas emocionais ligadas à superação, orgulho, solidão e conquistas afetivas.

Essas experiências não apenas compõem o percurso individual, mas também retroalimentam a maneira como essas treinadoras percebem seu lugar no mundo esportivo, ressignificando os desafios vividos e construindo um sentido mais amplo para sua atuação. A identidade profissional das treinadoras, portanto, é atravessada por um componente relacional e afetivo que não pode ser negligenciado. Tal perspectiva amplia a compreensão tradicional sobre identidade técnica, reconhecendo que as emoções e os vínculos estabelecidos ao longo da trajetória não são periféricos, mas estruturantes desse processo (Goellner, 2008; Santos, 2024; Silva, 2021).

A construção dessa identidade está imbricada com múltiplos papéis sociais, especialmente aqueles ligados às expectativas de gênero. As mulheres que atuam no esporte de rendimento enfrentam desafios adicionais relacionados à conciliação entre vida pessoal e profissional, à sobrecarga emocional e à cobrança social quanto ao desempenho em ambos os espaços.

A maternidade, nesse contexto, emerge como dimensão ambivalente: por um lado pode fortalecer vínculos afetivos e ampliar a empatia na atuação profissional, por outro é frequentemente instrumentalizada como justificativa institucional para exclusões e convocações não realizadas.

Silva (2021) demonstra que, no futebol, a ausência de treinadoras em seleções é comumente associada à percepção de que a maternidade compromete a disponibilidade e o comprometimento, o que revela a persistência de discursos excludentes e naturalizados no campo esportivo. Estudos como os de Santos (2024) e Vieira (2020)

revelam que a carreira esportiva feminina é marcada por renúncias, reorganizações familiares e pressões cotidianas, elementos que impactam diretamente a trajetória identitária dessas treinadoras. Essa lógica reforça a ideia de que a identidade profissional das mulheres não é construída em um vazio, mas em um campo tensionado por expectativas sociais de gênero.

A dupla ou tripla jornada, a pressão por corresponder ao ideal de competência técnica e a responsabilização pela esfera doméstica conformam um cenário em que as mulheres precisam negociar constantemente suas identidades, ora reafirmando sua autoridade profissional, ora lidando com a culpa e o julgamento social por não priorizar os papéis tradicionais (Santos, 2024; Rubio, 2019; Souza, 2023).

A conciliação entre essas esferas, longe de ser resolvida de forma harmônica, impõe às treinadoras a necessidade de criar percursos identitários únicos, muitas vezes atravessados pela solidão, mas também por uma força interna de afirmação e transformação. É nesse entrelaçamento entre papéis sociais, experiências pessoais e atuação profissional que a identidade dessas mulheres se constitui, resistente, complexa e inegociável.

A identidade das treinadoras é interseccional, moldada por raça, classe e deficiência, que criam experiências únicas de exclusão ou resistência. A literatura evidencia que as trajetórias dessas profissionais são atravessadas por múltiplas opressões e desigualdades, que se manifestam de formas distintas e interseccionadas em suas experiências no campo esportivo (Perondi, 2023; Sanchotene, 2024; Vieira, 2020).

A abordagem interseccional, cunhada por Crenshaw (1989), revela como marcadores sociais se entrelaçam, criando experiências únicas de opressão ou privilégio. Essa perspectiva permite reconhecer que as dificuldades enfrentadas por uma mulher branca de classe média não são as mesmas de uma mulher negra, periférica ou com deficiência, ainda que ambas atuem na mesma função profissional.

Perondi (2023), ao analisar a baixa representatividade de treinadoras no esporte brasileiro, evidencia como o racismo estrutural, a desigualdade de classe e os estereótipos de gênero operam conjuntamente para dificultar o acesso e a permanência de mulheres negras, indígenas e de outras etnias historicamente excluídas em cargos de liderança técnica. Tais hierarquias operam simbolicamente, por meio da invisibilização, e materialmente, por meio da sub-representação.

Sanchotene (2024), ao abordar as experiências de treinadoras no esporte paralímpico, mostra que, além dos obstáculos comuns a todas as mulheres treinadoras,

aquelas que atuam com atletas com deficiência enfrentam invisibilização institucional, falta de reconhecimento técnico e cenário ainda mais restritivo em termos de oportunidades.

As identidades dessas profissionais são, assim, moldadas por um campo de tensões interligadas, que desafiam as noções tradicionais de competência e legitimidade no esporte. Vieira (2020) reforça que, mesmo com o avanço da participação feminina nos Jogos Olímpicos, há permanências evidentes quanto à sub-representação de mulheres negras em cargos de comando. Isso revela uma seletividade racial e de classe que condiciona quem pode ocupar espaços de poder no esporte.

Portanto, o reconhecimento da interseccionalidade é essencial para compreender os diferentes caminhos identitários trilhados pelas treinadoras e para construir políticas de formação, visibilidade e permanência mais justas e representativas.

A atuação dessas profissionais desafia representações tradicionais do esporte como espaço masculino, o que impacta diretamente na forma como constroem suas trajetórias, valores e formas de liderança (Ferreira, 2012). No caso das mulheres treinadoras, essa identidade é forjada em contextos marcados por desafios históricos, nos quais a presença feminina ainda é vista como exceção e requer constante negociação de legitimidade (Ferreira, 2012).

A atuação dessas profissionais desafia representações tradicionais do esporte como espaço masculino, o que impacta diretamente na forma como constroem suas trajetórias, valores e formas de liderança. No contexto esportivo, essa abordagem dialoga com os estudos de Jones (2005), Cushion e Jones (2003), Côté (2006), Lyle (2002) e Trudel (2006), pois permite compreender como a trajetória pessoal e profissional dos(as) treinadores(as) influencia a construção de sua identidade.

A literatura recente também tem destacado o papel do tempo e das experiências acumuladas ao longo da trajetória profissional. Klimstra e Schwab (2021) propõem que a identidade deve ser compreendida como fenômeno situado em múltiplas escalas temporais, concepção que encontra eco na proposta de De Ruiter e Gmelin (2021), ao tratarem da identidade em tempo real. Essas contribuições sugerem que a identidade é continuamente negociada à medida que o(a) treinador(a) vivencia novos desafios e contextos.

A leitura pluralista dessas abordagens amplia a compreensão da identidade como algo que se renova constantemente, em diálogo com a prática e a autorreflexão (Sfard & Prusak, 2005).

O processo de formação identitária dos treinadores também está intrinsecamente associado às experiências de prática deliberada (Ericsson, Krampe & Tesch-Römer, 1993; Ericsson et al., 2006).

A prática deliberada, caracterizada pelo esforço intencional e estruturado para aprimorar habilidades específicas, é componente fundamental na trajetória dos treinadores vencedores. Esse tipo de prática promove não apenas a aquisição de competências técnicas superiores, mas também a formação de identidade profissional voltada para a excelência, a autoavaliação contínua e o aperfeiçoamento ético e pedagógico. Essa perspectiva reforça a visão do treinador como um profissional que gerencia complexidades, constrói sua identidade de forma contínua e reflexiva e depende de interações sociais e culturais para desempenhar seu papel com eficácia.

Pope, Hall e Tobin (2014) utilizam a teoria da identidade de papéis para explorar como treinadores se identificam com o seu papel profissional, apontando para a multiplicidade de expectativas que os cercam. Esses papéis podem incluir ser técnico, líder, mentor, educador e até mesmo figura parental para os atletas. A forma como os treinadores negociam esses papéis influencia diretamente a percepção de si enquanto profissionais.

A identidade profissional dos treinadores de alto rendimento evoluiu significativamente ao longo do tempo, passando de atuação amadora e empírica para um perfil especializado e multifuncional, que integra conhecimento técnico, científico e habilidades de liderança.

Galatti et al. (2018) destacam que o esporte contemporâneo exige adaptação constante por parte dos treinadores, influenciada por fatores como a globalização e a diversificação das práticas esportivas. Essa transformação molda não apenas a forma como os treinadores atuam, mas também como constroem sua identidade profissional.

A maestria, no contexto do treinamento esportivo, deve ser entendida como integração dinâmica entre saber técnico, saber pedagógico e saber humano. Essa integração envolve o domínio do conteúdo específico da modalidade, a capacidade de ensinar e de organizar situações didáticas significativas, e as competências relacionais e éticas que orientam escolhas em contextos de elevada exigência. Tal concepção articula desempenho e formação humana, reconhecendo que a excelência competitiva depende da construção de culturas de prática que promovem autonomia, corresponsabilidade e desenvolvimento contínuo.

Essa leitura consolida a maestria como processo, e não como estado final, e aproxima os estudos de alto rendimento de perspectivas educacionais que valorizam a reflexão-ação do treinador (Mallett & Lara-Bercial, 2024).

As soft skills, ou competências interpessoais, representam um eixo essencial da maestria no treinamento esportivo. Mais do que atributos complementares, elas constituem a base relacional e ética que sustenta o trabalho do(a) treinador(a) em contextos de alta complexidade. Empatia, escuta ativa, comunicação assertiva, autocrítica e capacidade de inspirar confiança são elementos centrais na construção de ambientes de aprendizagem e de desempenho sustentável. Essas competências permitem lidar com emoções, gerir conflitos e fortalecer o vínculo humano que torna o processo de treino significativo e transformador.

Mallett e Lara-Bercial (2024) destacam que treinadores vencedores em série cultivam essas qualidades como parte de sua liderança, equilibrando exigência técnica e cuidado com as pessoas. De modo convergente, Gould, Nalepa e Mallett (2022) e Côté e Gilbert (2009) apontam que a excelência profissional não decorre apenas do domínio técnico, mas da capacidade de conectar-se com os atletas, reconhecer suas necessidades e promover um ambiente de confiança e corresponsabilidade. Assim, a maestria incorpora dimensões cognitivas, afetivas e éticas, expressando-se na integração entre saber técnico, saber pedagógico e saber humano, que permitem ao(à) treinador(a) agir com sensibilidade, consistência e propósito em situações de pressão e imprevisibilidade.

A maestria, no contexto do esporte de alto rendimento, não deve ser compreendida como ponto de chegada, mas como processo contínuo de aperfeiçoamento ético, técnico e humano. Segundo Mallett e Lara-Bercial (2024), a maestria emerge da interdependência entre desempenho, reflexão e propósito, sendo sustentada por compromisso com a aprendizagem permanente e com o desenvolvimento integral de atletas e equipes.

Nessa perspectiva, o(a) treinador(a) não busca apenas resultados, mas a construção de um legado formativo que alia excelência e cuidado. Rosado (2015) descreve a maestria como expressão máxima da competência profissional, caracterizada pela capacidade de transformar conhecimento em ação, de promover contextos de aprendizagem significativos e de inspirar valores humanos por meio do esporte. Assim, a maestria consolida-se como síntese de saber técnico, saber pedagógico e saber relacional, refletindo um tipo de liderança que transcende a vitória e valoriza a formação ética e o crescimento mútuo entre treinador(a) e atletas.

Em síntese, a identidade profissional no alto rendimento é tecida por experiência e prática deliberada, mas se sustenta na capacidade de aprender continuamente, de mediar relações e de alinhar escolhas a princípios éticos. A maestria emerge dessa articulação entre saber técnico, pedagogia da intervenção e competências humanas, convertendo conhecimento em ação situada e orientando projetos de longo prazo para atletas e equipes.

A maestria, no contexto do treinamento esportivo, deve ser entendida como processo contínuo e dinâmico que integra saber técnico, pedagógico e humano. Essa integração ultrapassa a soma de competências e se expressa na capacidade de transformar conhecimento em ação situada, sob condições de alta complexidade e pressão.

Mallett e Coulter (2016) descrevem o treinador bem-sucedido como ator, agente e autor de sua prática, articulando visão, tomada de decisão informada e autorreflexão sistemática para criar culturas de desempenho sustentáveis. Nessa perspectiva, o domínio técnico se converte em liderança ética e pedagógica, capaz de promover ambientes de aprendizagem baseados em confiança, corresponsabilidade e desenvolvimento contínuo. Assim, a maestria não é um estado final de excelência, mas um movimento permanente de reflexão, adaptação e crescimento, orientado por propósito e legado.

Segundo Jones e Wallace (2005), a capacidade de inovar, aprender continuamente e se adaptar ao ambiente esportivo em constante mudança define a identidade dos treinadores multicampeões no século XXI. Compreender a identidade profissional dessas(es) treinadoras(es) requer uma análise da evolução histórica do papel da(o) treinadora(or), considerando as mudanças nas demandas do esporte e na gestão esportiva ao longo das décadas.

Nos primórdios do esporte organizado, até o início do século XX, as(os) treinadoras(es) eram frequentemente ex-atletas que assumiam a função de transmitir conhecimentos empíricos sobre o jogo. Jones (2006) destaca que, nessa época, os treinadores eram pouco reconhecidos como especialistas, sendo vistos mais como orientadores informais que auxiliavam os jogadores com base em suas próprias experiências. Entre as décadas de 1940 e 1970, com o crescimento das competições internacionais, como os Jogos Olímpicos e os Campeonatos Mundiais, o papel do treinador tornou-se mais técnico e estratégico.

Segundo Lyle (2002), esse período marcou o início da gestão técnica e tática sistematizada, em que os treinadores passaram a tomar decisões embasadas na ciência do esporte, aplicando conceitos de biomecânica, nutrição e psicologia esportiva. A partir da década de 1970, o avanço das ciências do esporte trouxe mudanças ainda mais profundas para a identidade dos treinadores.

Cushion e Jones (2003) apontam que o uso de métodos científicos, como a análise de desempenho e a periodização do treinamento, tornou-se um divisor de águas, diferenciando treinadoras(es) que adotavam abordagens empíricas daqueles que integravam o conhecimento acadêmico à prática esportiva.

Foi nessa época que surgiram treinadores inovadores, como Rinus Michels, responsável por revolucionar o futebol europeu com a estratégia do futebol total. À frente do Ajax e da seleção holandesa, Michels desenvolveu filosofia de jogo baseada na versatilidade dos jogadores, na posse de bola e na pressão constante, consolidando-se como um dos maiores estrategistas do futebol mundial. Sua abordagem sistemática e científica não apenas rendeu títulos, como a Eurocopa de 1988, mas também influenciou gerações subsequentes de treinadores.

Com a globalização do esporte nas décadas de 1990 e 2000, a identidade das(os) treinadoras(es) passou a ser fortemente associada ao sucesso competitivo. Côté e Gilbert (2009) enfatizam que a expertise do treinador moderno não se resume à técnica, mas integra conhecimento, capacidade de intervenção e adaptação ao contexto de maneira situada, o que exige prática reflexiva contínua. Essa visão é compatível com a perspectiva de prática deliberada (Ericsson et al., 1993) e com os conceitos de experiência situada propostos por Trudel e Gilbert (2006), que articulam a expertise ao desenvolvimento de competências pedagógicas e relacionais refinadas ao longo do tempo.

Nesse contexto, ganharam destaque figuras como Sir Alex Ferguson e Phil Jackson, cujos legados transcenderam conquistas esportivas. Ferguson, à frente do Manchester United por quase três décadas, construiu uma das trajetórias mais vitoriosas da história do futebol, conquistando treze títulos da Premier League e duas Ligas dos Campeões, entre outros.

Reconhecido por sua disciplina, visão estratégica e capacidade de desenvolver jovens talentos, tornou-se ícone da liderança esportiva adaptativa. Já Phil Jackson marcou a história da NBA com onze títulos conquistados como técnico, seis com o Chicago Bulls e cinco com o Los Angeles Lakers, implementando o triângulo ofensivo

como modelo tático e incorporando filosofia de gestão baseada em princípios de harmonia e meditação, que favoreciam a coesão de grupos com personalidades complexas. Esses treinadores ilustram a evolução da identidade profissional como processo que integra múltiplas competências técnicas, táticas, interpessoais e estratégicas, configurando perfil de liderança reflexiva, visionária e altamente contextualizada.

Apesar da predominância de exemplos masculinos na literatura e na memória esportiva, algumas mulheres também alcançaram a condição de treinadoras vencedoras em série, rompendo barreiras históricas de gênero e ampliando as referências de liderança no alto rendimento.

No voleibol, Lang Ping representa caso paradigmático. Foi a primeira pessoa no voleibol a conquistar medalha de ouro olímpica como jogadora, em Los Angeles 1984, e como treinadora, no Rio de Janeiro 2016, conduzindo a seleção chinesa feminina a títulos olímpicos e mundiais (Encyclopaedia Britannica, 2024; Volleyball Hall of Fame, 2024; International Olympic Committee, 2024). Sua trajetória exemplifica maestria profissional sustentada pela combinação de saber técnico, sensibilidade humana e liderança ética, construída em contextos de alta exigência e pressão competitiva.

No basquetebol universitário dos Estados Unidos, Dawn Staley e Tara VanDerveer também se consolidaram como referências de excelência e permanência no comando técnico. Staley, tricampeã da NCAA com a Universidade da Carolina do Sul, foi eleita Naismith Coach of the Year em diversas temporadas, tornando-se símbolo de competência e consistência no cenário esportivo norte-americano (University of South Carolina Athletics, 2024).

VanDerveer, por sua vez, conquistou múltiplos títulos nacionais com Stanford University, além de ter liderado a seleção feminina dos Estados Unidos ao ouro olímpico em 1996, demonstrando longevidade e consistência no mais alto nível competitivo (Stanford University Athletics, 2024).

Essas trajetórias femininas mostram que a maestria não é atributo de gênero, mas resultado de competência, consistência e compromisso ético com o desenvolvimento humano e esportivo, o que amplia o repertório de referências da literatura sobre identidade profissional.

Mallett e Coulter (2016), ao estudarem a anatomia de um treinador olímpico bem-sucedido, mostram que a excelência decorre da capacidade de atuar simultaneamente como ator, agente e autor de sua prática, articulando visão, decisão

informada e autorreflexão sistemática para sustentar culturas de desempenho. Esse entendimento converge com Nash, Sproule e Horton (2011), que identificam a conexão entre propósito, experiência e ação como marca da intervenção de alto nível, na qual o domínio técnico se combina a competências pedagógicas e relacionais para produzir contextos de aprendizagem significativos.

Atualmente, a identidade profissional de treinadores vencedores em série é tecida na intersecção entre saber técnico apurado, sensibilidade pedagógica e competências humanas, sustentada por ciclos contínuos de prática deliberada e reflexão crítica.

Em ambientes de alta complexidade, a liderança efetiva demanda leitura contextual, comunicação clara, autorregulação emocional e construção de confiança, elementos que estruturam processos de desenvolvimento de longo prazo e dão sentido ético às escolhas cotidianas de treino e competição.

Em síntese, a identidade profissional no alto rendimento não é um ponto de chegada, mas um processo de construção permanente, atravessado por relações, contextos e valores. A maestria emerge dessa integração dinâmica, convertendo conhecimento em ação situada e orientando projetos esportivos que conciliam desempenho e formação humana.

Com base nessa fundamentação, as seções seguintes examinam como treinadores e, em especial, uma treinadora brasileira vencedora em série, constroem e sustentam seus modos de ser e fazer no esporte de alto rendimento, evidenciando as articulações entre trajetória, saberes, valores e ambientes de prática.

2.2 Saberes e Competências Profissionais de Treinadores

A atuação de treinadoras vencedoras em série no esporte de alto rendimento demanda um conjunto robusto e articulado de saberes, habilidades e disposições que transcendem o domínio técnico-tático. Trata-se de um processo formativo contínuo, atravessado por vivências, reflexões e adaptações diante de contextos complexos, tensionados por desigualdades de gênero e expectativas sociais.

Compreender os saberes mobilizados por essas profissionais exige olhar para a prática como um espaço de elaboração de sentidos, negociação de identidades e produção de conhecimento situado (Cushion, 2007; Wright et al., 2007). Nessa

perspectiva, os saberes que fundamentam a ação das treinadoras configuram-se como um entrelaçamento entre conhecimentos formais, experiências práticas e capacidades relacionais, desenvolvidos ao longo da trajetória profissional.

Côté e Gilbert (2009) destacam que a competência profissional do treinador é composta por três dimensões interdependentes, os saberes técnicos, os interpessoais e os intrapessoais. Essa estrutura evidencia que a atuação competente vai além da simples aplicação de métodos e estratégias, exigindo sensibilidade relacional e capacidade de autogestão. Sob essa ótica, a competência não se limita a um conjunto de aptidões objetivas, mas envolve a integração de saberes diversos e a capacidade de adaptá-los criativamente a contextos em constante transformação. Ela é, portanto, situada, relacional e contingente.

Para Mesquita, Ribeiro e Borges (2021), os treinadores são desafiados cotidianamente a tomar decisões pedagógicas e estratégicas que demandam não apenas conhecimento técnico-científico, mas também escuta sensível, leitura de ambiente e capacidade de improvisação estruturada, conceito que expressa a habilidade de reorganizar o plano de ação diante de imprevistos sem perder de vista a intencionalidade pedagógica.

A construção dessas competências, sobretudo no caso das mulheres treinadoras, ocorre em cenários marcados por obstáculos estruturais e simbólicos que interferem diretamente na forma como constroem suas trajetórias e exercem a autoridade profissional.

Como ressaltam Santos et al. (2023), as mulheres enfrentam desigualdades históricas na ocupação de espaços de liderança, sendo frequentemente submetidas à avaliação constante de sua legitimidade e competência, mesmo quando apresentam resultados expressivos. Diante disso, é fundamental reconhecer que o desenvolvimento da expertise não se dá de maneira linear nem exclusivamente por meio de formações formais.

A expertise envolve refletir criticamente sobre a prática, reelaborar estratégias e aprender com a experiência acumulada. Esse processo, conforme Mallett e Lara-Bercial (2016), está ligado à metacognição e à prática deliberada, em que o aprimoramento profissional se dá pela intencionalidade e pela avaliação contínua do desempenho.

A dimensão técnica, frequentemente associada ao conhecimento tático, metodológico e científico do esporte, constitui um dos pilares da atuação no alto rendimento. No entanto, compreendê-la apenas como domínio de conteúdos práticos ou

biomédicos seria uma simplificação que ignora a complexidade da prática pedagógica e da gestão de grupo. A técnica, nesse contexto, não é neutra: é atravessada por escolhas didáticas, visões de jogo e pela forma como a treinadora se relaciona com os sujeitos envolvidos no processo de treinamento.

Rubio (2011a) lembra que o conhecimento técnico no esporte não pode ser dissociado de sua função social e educacional. A treinadora que domina os fundamentos e estratégias da modalidade não apenas executa uma função de ensino, mas também media saberes, negocia sentidos e institui valores no cotidiano do treino. Isso se acentua quando falamos de mulheres em posição de liderança técnica, muitas vezes pressionadas a provar sua competência de maneira recorrente, como se estivessem em constante exame.

Essa realidade, documentada por Kilty (2006) e confirmada por Goellner (2005), evidencia que o saber técnico das treinadoras é, com frequência, colocado em dúvida, mesmo diante de trajetórias vitoriosas. A construção do domínio técnico, portanto, exige mais do que acúmulo de conhecimento: pressupõe uma prática deliberada (Ericsson, 2006), na qual o aprimoramento contínuo resulta de feedbacks sistematizados, avaliação crítica, estudo aprofundado e capacidade de adaptação.

Para Camacho et al. (2020), a treinadora de alto rendimento opera constantemente entre o planejado e o imprevisto, precisando adaptar conteúdos, reformular propostas e lidar com fatores externos como clima, calendário, lesões e logística, exigindo dela um nível elevado de flexibilidade e discernimento tático.

Esse tipo de competência técnica não pode ser entendido como um saber isolado. Ele se entrelaça com as competências interpessoais, que dizem respeito à forma como a treinadora se comunica, motiva, escuta e lidera o grupo. Côté et al. (2009) afirmam que os saberes interpessoais são determinantes para a criação de um ambiente de confiança e para o engajamento coletivo em torno de objetivos comuns.

Em contextos de alta performance, onde a margem de erro é mínima e as exigências são elevadas, a capacidade de construir relações sustentáveis com atletas, comissões e dirigentes torna-se uma vantagem competitiva. As mulheres treinadoras, ao exercerem essa liderança interpessoal, frequentemente enfrentam resistências que vão além da competência propriamente dita. Como salientam Vieira (2020) e Silva (2021), há uma desconfiança cultural sobre a autoridade de mulheres em cargos técnicos, associando liderança a traços historicamente masculinos, como agressividade e assertividade.

Isso impõe às treinadoras a necessidade de desenvolver estratégias comunicacionais que conciliem firmeza com escuta, exigência com afeto, comando com acolhimento criando um estilo próprio de liderança que desafia estereótipos de gênero. Esse equilíbrio é delicado e, muitas vezes, invisível no discurso técnico. Treinadoras olímpicas no vôlei de praia exemplificam essa articulação entre saberes técnicos e interpessoais.

Ao mesmo tempo em que conduzem treinamentos de altíssimo nível, com atenção aos mínimos detalhes biomecânicos e táticos, constroem vínculos afetivos com suas atletas, escutam suas dores e sustentam o grupo em momentos de crise. Essa autoridade profissional se consolida não apenas pelo acerto técnico, mas pela coerência entre o saber e o ser, entre o que se ensina e como se vive o processo de formação esportiva.

Além disso, há uma dimensão fundamental que sustenta e atravessa essas competências: os saberes intrapessoais. Trata-se da capacidade da treinadora de gerir emoções, reconhecer limites, refletir sobre sua prática e sustentar um projeto pessoal de permanência no esporte. Em ambientes marcados pela competição acirrada, pela instabilidade contratual e pela sobrecarga emocional, a estabilidade interna torna-se vital.

Para Milistetd et al. (2020), o desenvolvimento profissional de treinadoras(es) passa necessariamente por autoconhecimento e autorregulação emocional, que garantem consistência das ações e longevidade na carreira. Esse aspecto ganha contornos ainda mais relevantes quando se observa o contexto das mulheres treinadoras, que muitas vezes acumulam funções familiares, enfrentam o isolamento nos bastidores masculinos e precisam encontrar estratégias para seguir firmes em sua missão formativa.

Como afirmam Perondi (2023) e Moura (2023), a resiliência dessas profissionais não é apenas resposta individual a dificuldades externas, mas prática cotidiana de resistência à exclusão, uma escolha consciente de permanecer em um espaço que, historicamente, não as acolheu.

A construção dos saberes interpessoais exige um trabalho pedagógico contínuo de escuta, empatia e negociação com os diferentes atores do ambiente esportivo. Essa competência vai além da cordialidade ou simpatia, envolve leitura precisa do grupo, manejo de conflitos, estímulo à coesão e estabelecimento de metas compartilhadas.

Segundo Santos et al. (2023), treinadoras que desenvolvem tais habilidades criam ambientes de treinamento mais positivos e colaborativos, nos quais atletas se

sentem mais motivados e seguros. Contudo, o exercício da liderança interpessoal é constantemente atravessado por normas de gênero que impõem barreiras simbólicas à atuação.

Goellner (2007b) e Kilty (2006) observam que muitas treinadoras são forçadas a adotar posturas autoritárias para reafirmar legitimidade, ou, ao contrário, suavizar comportamentos para evitar rótulos negativos. Essa tensão constante produz desgaste emocional que exige das mulheres esforço adicional de autorregulação e reinvenção contínua de seus modos de liderança.

É nesse ponto que os saberes intrapessoais se tornam decisivos para a sustentação da carreira. O autoconhecimento, a confiança em seus valores, a reflexão sobre erros e acertos e a capacidade de suportar a crítica são componentes centrais dessa dimensão. De acordo com Vieira (2020), a consciência de si enquanto mulher em um ambiente dominado por homens é fator determinante na construção da identidade profissional das treinadoras pois influencia decisões, estilos de liderança e permanência no cargo.

Nesses contextos, como sublinham Almeida e Freitas (2020), a treinadora que desenvolveu competências intrapessoais robustas, autoconfiança, resiliência e capacidade de ressignificação tende a reagir de modo mais equilibrado, mantendo o grupo coeso mesmo diante da adversidade.

Treinadoras com trajetória consolidada no circuito internacional de vôlei de praia ilustram com clareza essa intersecção entre saberes interpessoais e intrapessoais. Letícia Pessoa relata que, em muitos momentos, sentiu-se invisibilizada ou desacreditada por ser mulher entre treinadores homens inclusive após conquistas olímpicas. Essa experiência, longe de paralisá-la, impulsionou a construção de um estilo de liderança que combina firmeza e cuidado, exigência e diálogo. Sua prática é marcada pela escuta ativa, pela antecipação de conflitos e pela capacidade de manter o grupo alinhado sob pressão, evidências de sua expertise interpessoal e intrapessoal.

Como lembra Cushion (2007), o desenvolvimento profissional é um processo contínuo que exige engajamento reflexivo, abertura ao feedback e disposição para aprender com a experiência. A trajetória de treinadoras com longa experiência confirma o que Jones, Armour e Potrac (2004) observam: o treinador é um profissional reflexivo que aprende não apenas com o sucesso, mas, sobretudo, com dilemas e ambiguidades da prática.

É nesse contexto que o conceito de “expertise” se diferencia da noção genérica de competência. Enquanto a competência se refere ao domínio de habilidades específicas, a expertise envolve mobilizá-las em situações complexas, mutáveis e imprevisíveis, algo inerente ao alto rendimento.

A treinadora experiente improvisa com base em repertório consolidado, sem perder a direção ética de sua prática. Essa “improvisação estruturada”, proposta por Trudel (2006), resulta de anos de vivência refletida, não de intuição espontânea. A maestria, portanto, não se vincula apenas à vitória esportiva, mas à consistência pedagógica, à coerência relacional e à permanência ética em um campo que muitas vezes tenta silenciá-las. A expertise feminina no esporte é, nesse sentido, uma construção política, afetiva e técnica que precisa ser reconhecida pelas instituições formadoras e estruturas federativas.

A formação inicial das treinadoras é atravessada por assimetrias históricas que moldam desde o ingresso nos cursos de Educação Física até o modo como são percebidas nos estágios e espaços formativos.

Conforme Rubio (2011b) e Goellner (2008), as mulheres ainda enfrentam resistências simbólicas na ocupação de cargos de comando, o que impacta diretamente suas experiências formativas. Na universidade, embora os currículos apresentem conteúdos técnicos e táticos, a experiência de aprendizado é influenciada por dinâmicas de gênero que limitam a atuação das estudantes em funções estratégicas.

Santos et al. (2023) apontam que muitas são direcionadas a papéis de apoio, organização de materiais ou registros, enquanto homens assumem a instrução e a decisão nos estágios, reforçando estereótipos e comprometendo a autoconfiança.

Nesse contexto, a formação continuada surge como estratégia essencial para ressignificar trajetórias e fortalecer a identidade profissional das treinadoras. Milistetd et al. (2020) defendem que as competências profissionais se organizam em três eixos: técnico-metodológico, interpessoal e intrapessoal, e que sua consolidação requer práticas formativas contínuas e reflexivas.

Essa abordagem converge com Rubio (2011a), que propõe programas permanentes voltados às mulheres, com foco na autonomia, no enfrentamento das desigualdades estruturais e na valorização de estilos próprios de liderança.

Esses programas, contudo, ainda são escassos no Brasil. Muitas treinadoras relatam que aprenderam “na marra”, enfrentando desprezo de colegas, ausência de apoio institucional e julgamento constante de sua competência. Essa aprendizagem

revela o valor dos saberes experienciais, aqueles que não se originam exclusivamente dos conteúdos formais, mas da vivência intensa, da superação e da capacidade de transformar erros em conhecimento.

Cushion e Partington (2016) ressaltam o valor dessas experiências cotidianas como fontes legítimas de conhecimento profissional, destacando que o aprendizado se dá mais pela interação com os contextos reais do que por conteúdos abstratos.

No caso das mulheres, isso se intensifica: diante das lacunas institucionais, constroem redes informais, aprendem com atletas, observam pares e adaptam continuamente suas práticas.

É nesse ponto que a prática reflexiva se consolida como eixo central da formação de treinadoras vencedoras em série. Diferente de modelos que reproduzem rotinas e fórmulas, a prática reflexiva como descrita por Schön (1983), permite pensar a própria ação, questionar pressupostos, analisar resultados e reinventar estratégias.

A metacognição entendida como a capacidade de refletir sobre o próprio processo de pensar e ajustar estratégias em tempo real é especialmente valiosa em contextos marcados por instabilidade e exigência de respostas rápidas. No entanto, essa prática não se desenvolve isoladamente: requer ambientes que estimulem o diálogo crítico e validem os saberes femininos.

Perondi (2023) alerta que muitas treinadoras deixam o campo esportivo por não encontrarem respaldo para suas decisões, mesmo quando seus resultados são superiores aos dos colegas. Esse silenciamento compromete a permanência dessas profissionais e a formação de novas gerações.

Fortalecer a formação continuada das treinadoras é, portanto, uma questão pedagógica e política. Implica reconhecer que os saberes construídos pelas mulheres em sua pluralidade e complexidade são legítimos e transformadores. Envolve também criar políticas públicas e programas que garantam condições reais de aprendizagem e desenvolvimento profissional em igualdade de oportunidades.

No alto rendimento, a autoridade do treinador costuma ser legitimada por títulos e reconhecimento público, mas, quando exercida por mulheres, sofre mediações de estigmas de gênero (Kilty, 2006; Goellner, 2013). Essa assimetria é visível no vôlei de praia, onde a figura do treinador é central, mas a presença feminina no comando ainda é minoria. A autoridade técnica feminina é frequentemente posta em xeque por suposições de fragilidade emocional ou falta de firmeza (Almeida & Freitas, 2020).

A deslegitimação simbólica opera em gestos cotidianos, convites não feitos e oportunidades negadas. Para sustentar-se, essas mulheres acionam múltiplos recursos: domínio técnico, controle emocional, leitura de jogo e escuta sensível.

Essa pluralidade de saberes revela uma forma ampliada de autoridade, construída pela legitimidade relacional. Milistetd et al. (2020) destacam que a competência interpessoal, comunicação, empatia, escuta e gestão de conflitos é decisiva para a efetividade da atuação dos treinadores. Aplicada à realidade das mulheres, essa competência adquire contornos específicos.

Novais, Mourão e Soares (2017) mostram que muitas constroem sua liderança a partir de um ethos relacional, valorizando o vínculo e a reciprocidade como estratégias pedagógicas. Ainda assim, como observa Goellner (2007a), o campo esportivo ainda opera sob a lógica da virilidade como símbolo de competência, o que torna estilos mais cooperativos ou dialógicos vistos como fraqueza. Diante disso, as treinadoras precisam sustentar uma forma de liderança que equilibre autoridade e aceitação, firmeza e sensibilidade, uma maestria que vai além da técnica.

Essa expertise situada, construída no entrelaçamento entre saberes técnicos, relacionais e éticos, é consolidada pela resiliência em contextos adversos. Como destaca Vieira (2020), as treinadoras desenvolvem uma inteligência prática que antecipa conflitos, modula afetos e equilibra expectativas institucionais e emocionais. Contudo, os indicadores objetivos de desempenho, vitórias, medalhas, rankings não capturam a complexidade de sua atuação (Ehrenberg, 2021). Torna-se necessário ampliar o entendimento de autoridade técnica e reconhecer lideranças mais participativas, éticas e afetivamente inteligentes. Como afirma Perondi (2023), essa reconfiguração da liderança é também um ato político de resistência à masculinização normativa do saber técnico.

A análise dos saberes e competências profissionais de treinadoras vencedoras em série mostra que a excelência no alto rendimento não se sustenta apenas sobre a técnica apurada ou o domínio tático, mas emerge da articulação entre conhecimento situado, experiência acumulada, reflexão contínua e enfrentamento de barreiras estruturais. Como demonstram Goellner (2005, 2007b, 2013) e Kilty (2006), a presença feminina no comando técnico não representa apenas um dado estatístico, mas uma reconfiguração simbólica do que se entende por autoridade e maestria. O saber dessas mulheres é técnico e estratégico, mas também afetivo, político, ético e relacional. Sua construção é atravessada por silenciamentos e resistências, e não se reduz à formação formal ou aos

títulos. Como reforçam Almeida e Freitas (2020) e Santos et al. (2023), muitas precisaram redesenhar caminhos, criar redes de apoio e legitimar práticas em espaços que, por muito tempo, negaram sua presença.

A expertise dessas treinadoras é processual e profundamente intersubjetiva: forjada na escuta sensível, na adaptação tática e na liderança que evita modelos autoritários. Esse tipo de liderança dialógica, ética e inclusiva não é menos competente, é outra forma de maestria, que exige reconhecimento.

Como destacam Ferreira e Darido (2015) e Novais, Mourão e Soares (2017), compreender o desempenho de treinadoras implica também repensar os próprios critérios com que se julga o sucesso, a competência e a legitimidade no esporte. Em síntese, os saberes e competências profissionais de treinadoras vencedoras em série não podem ser dissociados das condições concretas em que suas práticas se realizam. São atravessados por marcadores sociais como gênero, raça e classe e, por isso, constituem também uma forma de resistência.

Como concluem Goellner (2007a) e Perondi (2023), reconhecer essas trajetórias não é apenas uma questão de justiça epistêmica ou de equidade institucional, mas um passo fundamental para transformar o próprio modo como o esporte se organiza, se pensa e se reproduz. As mulheres treinadoras não apenas ocupam espaços historicamente negados, elas os reconfiguram, os reinventam e os ampliam por meio de uma pedagogia própria, enraizada em valores de solidariedade, escuta, rigor técnico e responsabilidade coletiva.

O que está em jogo, portanto, não é apenas o direito de estar, mas o poder de transformar. A maestria feminina, construída na articulação entre técnica e sensibilidade, entre prática e reflexão, é expressão de resistência e inovação. Ela redefine o campo esportivo ao afirmar que o sucesso não se mede apenas por medalhas, mas também pela capacidade de formar pessoas, sustentar valores e transformar culturas. Ao reconhecer essa maestria, reconhece-se também a potência do esporte como espaço de emancipação, diálogo e transformação social.

2.3 Contexto de atuação e desenvolvimento da expertise

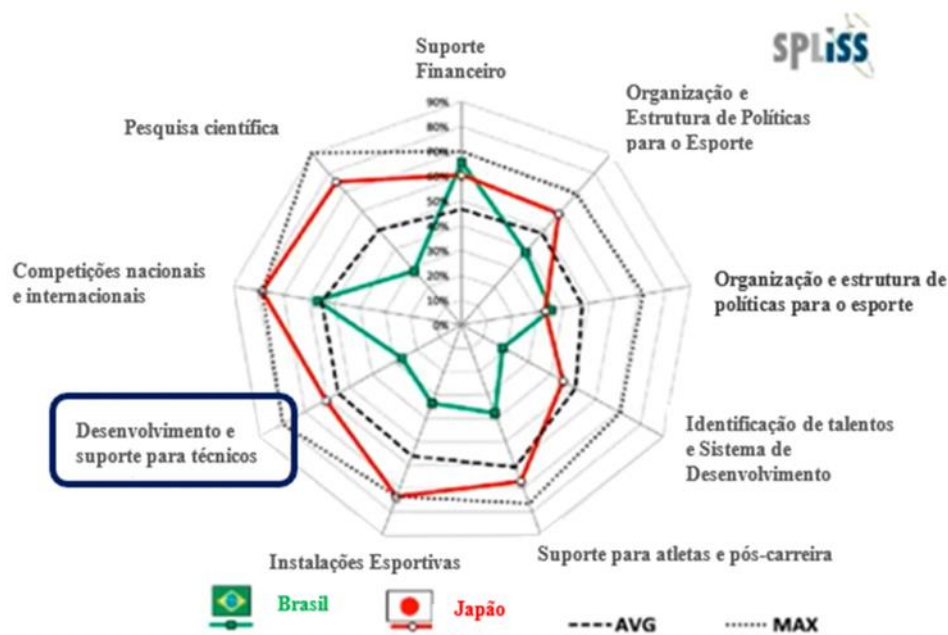
O treinador esportivo ocupa uma posição central no cenário esportivo contemporâneo, embora nem sempre receba o mesmo reconhecimento destinado aos

atletas. Apesar de sua influência direta nos resultados e na formação das equipes, sua atuação é atravessada por incertezas, fatores incontrolláveis e constante exposição a julgamentos externos oriundos de torcedores, dirigentes e da mídia. Em geral, a avaliação de seu trabalho se reduz a dois principais critérios: o histórico de vitórias e derrotas, frequentemente utilizado como parâmetro exclusivo de competência, e o olhar da imprensa, que exerce forte influência sobre sua imagem pública e sua permanência no cargo. Essa dinâmica tende a ser assimétrica: os louros das vitórias são majoritariamente atribuídos aos atletas, enquanto os reveses recaem quase sempre sobre o treinador (Becker, 2009; Dias et al., 2016).

Essa realidade evidencia a complexidade do papel do treinador, que vai além do domínio técnico e exige habilidades de liderança, gestão e constante adaptação aos múltiplos desafios do esporte de rendimento (Callary, Werthner & Trudel, 2012). Trata-se de uma função que extrapola a dimensão esportiva, integrando aspectos pedagógicos, emocionais e organizacionais, com impactos diretos no desempenho da equipe e no desenvolvimento humano dos atletas.

Durante palestra no Conselho Regional de Educação Física do Paraná (CREF-PR), Milistetd (2021) provocou uma reflexão ao comparar os desempenhos do Japão e do Brasil nos Jogos Olímpicos em que foram países-sede, Tóquio 2021 e Rio 2016, respectivamente. A partir dessa comparação, questionou-se o planejamento e o investimento em políticas esportivas estruturadas, especialmente no que diz respeito à formação de treinadores.

O modelo SPLISS (Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success), elaborado por De Bosscher et al. (2009) e adaptado por Milistetd (2021), identifica nove pilares fundamentais para o sucesso esportivo internacional: (1) suporte financeiro, (2) organização das políticas esportivas, (3) fomento ao esporte de base, (4) identificação e desenvolvimento de talentos, (5) apoio aos atletas e à carreira pós-esportiva, (6) infraestrutura esportiva, (7) capacitação de treinadores, (8) realização de competições e (9) pesquisa científica aplicada ao esporte. Conforme ilustrado na Figura 1, o Brasil apresenta deficiências críticas no pilar da capacitação de treinadores quando comparado ao Japão, o que ajuda a explicar, em parte, a disparidade de desempenho entre os dois países nos eventos olímpicos.



De Bosscher et al. (2015)

Figura 1 – Adaptação do modelo SPLISS comparando Brasil e Japão, com destaque para o investimento na formação de treinadores e os pilares que impactam o rendimento esportivo internacional (adaptado de Milistetd, 2021).

Enquanto o Japão consolidou programas robustos de formação e suporte aos treinadores, o Brasil manteve índices abaixo da média em vários pilares, especialmente no que se refere ao desenvolvimento técnico e educacional desses profissionais (Galatti et al., 2017). Tal cenário reforça a urgência de políticas públicas estruturadas que reconheçam o treinador como figura estratégica no sistema esportivo. O papel do treinador transcende a preparação técnica e tática, pois ele atua também como educador, gestor, líder e mentor.

De acordo com Becker (2009), essa função envolve o desenvolvimento de habilidades esportivas e valores como ética e disciplina, a organização logística e estratégica das equipes, a gestão emocional e motivacional dos atletas e a criação de um ambiente de confiança e aprendizagem contínua. A presença da dimensão pedagógica é tão marcante que, não raro, atletas se referem a seus treinadores como professores.

No Brasil, a formação mais comum ocorre por meio da graduação em Educação Física – Bacharelado, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 2018). No entanto, Galatti et al. (2016) observam que a formação inicial ainda apresenta lacunas

significativas, sobretudo na articulação entre teoria acadêmica e prática profissional. Com a regulamentação da profissão pela Lei nº 9.696/98, posteriormente atualizada pela Lei nº 14.386/2022, passou-se a exigir formação específica e registro profissional no sistema CONFEF/CREFs. Ainda assim, a categoria dos provisionados foi mantida, permitindo que indivíduos com experiência prática, mas sem graduação, continuem atuando.

A formação continuada é indispensável para lidar com a complexidade do esporte de alto rendimento. Milistetd et al. (2017) apontam que ela deve contemplar três dimensões complementares: o conhecimento profissional (técnico e científico), o interpessoal (comunicação e gestão de grupos) e o intrapessoal (reflexão crítica e autodesenvolvimento). No entanto, Milistetd (2021) e Dutra (2008) indicam que os cursos de graduação ainda priorizam excessivamente conteúdos técnicos, negligenciando competências relacionais essenciais.

Além da universidade, cursos promovidos por Confederações e pelo Comitê Olímpico do Brasil (COB) complementam a formação dos treinadores, sendo inclusive obrigatórios para atuação em competições oficiais em algumas modalidades (Galatti & Milistetd, 2022).

A experiência como atleta costuma ser uma porta de entrada recorrente para a carreira de treinadora(or). Exemplos como Bernardinho, José Roberto Guimarães, Marcelo Negrão, Karch Kiraly e Lang Ping ilustram como a vivência nas quadras pode servir de base para a construção de metodologias próprias. Ainda assim, Blackett, Evans e Piggott (2018) questionam se tal experiência, por si só, é suficiente para formar um treinador competente.

Held Willen (2000), ao estudar o perfil de 17 treinadores olímpicos nos Jogos de Sydney, constatou que muitos deles não foram atletas de alto nível. Seus achados sugerem que o êxito na função resulta de uma combinação de fatores, como prática acumulada, formação formal, cursos de capacitação, estudos independentes e trocas com outros profissionais (Martins & Rosado, 2017). Apesar disso, persiste a ideia de que o histórico como atleta de elite confere automaticamente legitimidade para treinar, percepção que nem sempre se sustenta na prática.

A transição de atleta para treinadora(or) tende a ser facilitada para os homens, muitas vezes incentivada por dirigentes e federações. Para as mulheres, esse processo costuma ser mais árduo. Em entrevista, a ex-líbero da seleção brasileira Fabi Alvim afirmou que “a seleção brasileira é 100%, não dá para estar 10%, 20% a menos” e

relatou que, ao desejar se dedicar à maternidade e estar presente com sua família, começou a “desmamar” do vôlei, ilustrando como a exigência total da alta performance e as escolhas pessoais podem afastar mulheres da carreira técnica. A treinadora Maria Helena Cardoso, única mulher a comandar uma seleção brasileira em Jogos Olímpicos, reforça essa percepção em estudo de Almeida e Freitas (2020). Em seu depoimento, destaca as renúncias pessoais exigidas pela carreira e aponta as barreiras culturais, familiares e institucionais enfrentadas pelas mulheres que desejam permanecer no alto rendimento.

Diante desse panorama, iniciativas como o programa MIRA (Mentoria Individualizada, Reflexão e Ação), desenvolvido pelo Comitê Olímpico do Brasil em parceria com a Unicamp, tornam-se ainda mais significativas. O programa promove mentorias, imersões internacionais e planejamento formativo para treinadoras em transição para o alto rendimento (Comitê Olímpico do Brasil, 2024a). Reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional como uma boa prática em equidade de gênero, o MIRA busca enfrentar as desigualdades estruturais que limitam a permanência e o avanço das mulheres no esporte de alto rendimento.

Essa realidade torna ainda mais notável a história de mulheres que alcançam e sustentam o sucesso esportivo por décadas. É o caso da treinadora Letícia Pessoa, cuja atuação no voleibol de praia brasileiro atravessa mais de quatro décadas, com presença constante em competições nacionais e internacionais, incluindo todos os ciclos olímpicos desde Atlanta 1996.

Técnica responsável por três medalhas olímpicas e três títulos mundiais, Atena conduziu duplas femininas e masculinas ao pódio, demonstrando não apenas competência elevada, mas também longevidade, resiliência e reinvenção metodológica. Em um universo onde poucas mulheres alcançam tal permanência e visibilidade, sua jornada rompe paradigmas e amplia os sentidos de maestria e autoridade no esporte de alto rendimento.

Como alertam Goellner (2007a) e Kilty (2006), a escassez de mulheres em cargos técnicos não é circunstancial, mas resultado de processos históricos de exclusão sustentados por estruturas institucionais e estereótipos de gênero. Portanto, estudar a trajetória de Letícia Pessoa é também um gesto político e epistemológico: desloca o foco para a experiência de uma mulher que não apenas resistiu, mas se construiu como referência em um campo historicamente masculino. Sua liderança, baseada em escuta, vínculo e compromisso formativo, desafia modelos centrados na autoridade impositiva e

na autopromoção, ao mesmo tempo em que reafirma que a excelência não está apenas nos títulos, mas na forma como são conquistados, com ética, coerência e respeito às singularidades humanas dos atletas.

Nos estudos de Blackett et al. (2018), dois perfis predominam entre os treinadores de elite: o “profissionalizado”, cuja trajetória é marcada por formação formal e acúmulo de experiências, e o “acidental”, que emerge da continuidade da carreira de atleta. Ambos os perfis se sustentam em redes de contato e legitimidade simbólica, o que ajuda a entender por que a transição costuma ser mais acessível para homens.

No Brasil, Melo e Clemente (2021) indicam que a ascensão ao posto de treinador de alto rendimento também está fortemente associada à trajetória prévia como atleta. No entanto, esse processo não se dá de forma equitativa entre os gêneros. Mesmo diante de resultados expressivos, a competência de mulheres treinadoras é frequentemente questionada, submetida a estereótipos ou considerada exceção à regra (Goellner, 2007a; Knijnik, 2012).

Além disso, o valor da formação acadêmica nos trajetos dos treinadores ainda é ambíguo. Muitos constroem sua autoridade a partir da experiência prática e da intuição, o que gera tensões entre saberes sistematizados e saberes tácitos. Cushion, Armour e Jones (2003) apontam a lacuna entre a produção acadêmica e as práticas cotidianas do campo, lacuna ainda mais acentuada no caso de treinadoras, que enfrentam exigências técnicas e disputas simbólicas pela legitimidade de sua atuação.

A maestria, portanto, não é um ponto de chegada, mas um processo contínuo de resignificação, negociação e atualização. Quando esse processo é protagonizado por mulheres em espaços historicamente masculinos, como no caso de Atena, seus significados tornam-se ainda mais potentes.

Goellner (2005, 2007a, 2007b) e Kilty (2006) demonstram que a presença de mulheres nos espaços de comando desafia estruturas tradicionais e revela novas possibilidades para o exercício da liderança. A trajetória de Letícia Pessoa não deve ser lida como exceção isolada, mas como reveladora de outras formas possíveis de ensinar, comandar e vencer no esporte.

Compreender o ambiente de atuação dos treinadores de alto rendimento é essencial para desvendar os processos que sustentam a construção de suas identidades e competências profissionais. Esses profissionais operam em ambientes marcados por uma combinação de pressões institucionais, exigências de resultados, relações

interpessoais complexas e transformações constantes nos cenários esportivos. Essa multiplicidade de demandas exige que o treinador atue para além do domínio técnico, articulando conhecimentos, valores e estratégias em contextos altamente complexos.

Segundo o International Sport Coaching Framework (ICCE, ASOIF & Leeds Beckett University, 2013), os treinadores vivenciam uma constante “zona de tensão” entre a lógica do desempenho e a do desenvolvimento humano. Essa atuação demanda decisões éticas, liderança sensível ao ambiente e capacidade de adaptação às necessidades de atletas, equipes e instituições.

Kirkland e Cowley (2023) reforçam que o ambiente de atuação influencia diretamente o estilo de liderança adotado, os modelos de aprendizagem experiencial e a construção de vínculos com atletas e comissões técnicas.

O estudo de Ferreira (2012), um dos primeiros a mapear com profundidade o percurso de mulheres treinadoras no Brasil, destaca que essas profissionais constroem suas carreiras enfrentando obstáculos que não se apresentam da mesma forma aos homens. Entre esses obstáculos estão a resistência de atletas homens a serem treinados por mulheres, o questionamento constante da autoridade técnica feminina, a sobrecarga decorrente da dupla jornada e a pressão implícita para renunciar à maternidade como condição de permanência no cargo.

Essas desigualdades aparecem em histórias como as de Rosicléia Campos, no judô, e de Mônica Rodrigues, no vôlei, que enfatizam a tensão entre vida profissional e pessoal como um dilema permanente. A sobreposição de papéis sociais é aprofundada por Valporto, Camargo e Galatti (2021), que analisam a inserção e a permanência de mulheres treinadoras no país e mostram a necessidade de estratégias permanentes de afirmação de autoridade, por vezes com adoção de posturas mais rígidas, o que gera sobrecarga emocional e contribui para evasão desses espaços.

Apesar do reconhecimento da complexidade da prática profissional, modelos tradicionais de formação ainda carecem de alinhamento com essa realidade. Piggott (2012) observa que cursos formais tendem a privilegiar abordagens normativas e tecnicistas, pouco conectadas aos saberes que emergem da experiência cotidiana. Em resposta, a revisão de Rodrigue, Culver e Milistetd (2019) indica que treinadores se desenvolvem com mais efetividade quando são reconhecidos como agentes ativos de sua formação, articulando experiências formais, não formais e informais. Essa virada demanda mudanças curriculares e também de paradigma, para compreender o treinador como profissional reflexivo e gestor do seu ambiente.

Além das estruturas de formação, o ambiente interpessoal tem papel central na configuração da prática. A relação treinador atleta, considerada um pilar do trabalho esportivo, foi amplamente estudada por Jowett e Poczwardowski (2007), Jowett (2017), Zhao e Jowett (2023) e Felton e Jowett (2013). Esses estudos mostram que a qualidade da relação interfere diretamente no desempenho, na motivação, no bem-estar dos atletas e na satisfação das necessidades psicológicas básicas.

Coussens, Stone e Donachie (2025) ampliam o debate ao analisar o impacto do suporte social percebido e recebido pelos treinadores, destacando componentes emocionais, informacionais e organizacionais com efeitos sobre saúde mental, permanência na carreira e redução de burnout. Garner, Hill e Fairclough (2020) reforçam que regulação emocional e suporte adequado são decisivos para enfrentar o estresse cotidiano do coaching.

O ambiente de atuação impõe ainda obstáculos que exigem competências específicas para lidar com situações ambíguas, imprevisíveis e de alta exigência. Nesses cenários, a aprendizagem profissional não se restringe a espaços formais, pois se produz, sobretudo, na prática cotidiana e nas interações com atletas, colegas e gestores.

Werthner e Trudel (2009) enfatizam que o desenvolvimento profissional de treinadores de elite é construído por experiências informais e reflexões situadas. Rynne, Mallett e Tinning (2010) mostram que o local de trabalho é o espaço mais potente de desenvolvimento quando mediado por reflexão crítica e suporte institucional, enquanto Myhre e Mjaavatn (2017) registram ganhos de autoconfiança e capacidade decisória em programas baseados em prática situada. Naomi (2021) defende o uso de pesquisa em tempo real para desenvolver consciência situacional, integrando teoria, prática e colaboração com pesquisadores.

Essa valorização da prática real também aparece em contextos específicos como o paradesporto. Cregan, Bloom e Reid (2007), ao estudarem treinadores de natação com atletas com deficiência física, destacam a centralidade de competências interpessoais como empatia, criatividade e sensibilidade. A escuta ativa, a flexibilidade de estratégias e o diálogo com os próprios atletas configuram um ambiente de aprendizado mútuo e exigem abertura e adaptação.

No Brasil, Freire, Nascimento Junior e Moura (2024) evidenciam que a relação treinador atleta se associa ao desenvolvimento de habilidades para a vida, à construção de valores sociais e à coesão grupal, ampliando a compreensão do impacto do trabalho do treinador para além do técnico tático. Sari e Soyer (2010) discutem a maestria no

trabalho de treinadores e mostram que a excelência não decorre automaticamente do tempo de atuação, mas da qualidade e da diversidade das experiências vividas, transformadas em ação pedagógica eficaz por meio de reflexão crítica e adaptação contextual.

Wright, Trudel e Culver (2007) demonstram que mudanças significativas na prática emergem de eventos críticos e são reelaboradas por meio de reflexão e trocas com colegas, enquanto Bloom (2012) indica que treinadores universitários bem-sucedidos constroem suas filosofias ao longo do tempo com base em valores pessoais, observação de mentores e experiências acumuladas, articulando confiança, inspiração e desenvolvimento integral dos atletas.

A partir dessa concepção ampliada, ganha força a ideia de que treinadores precisam dominar múltiplos saberes técnicos, pedagógicos, interpessoais e organizacionais. Côté e Gilbert (2009) consolidam essa perspectiva ao propor um modelo integrativo de efetividade, no qual o conhecimento profissional, o ambiente de atuação e as características pessoais se articulam.

O ambiente institucional, por sua vez, influencia fortemente a prática. Frequentemente, treinadores operam em estruturas marcadas por instabilidade, escassez de recursos e conflitos de interesse entre diferentes agentes esportivos. Diante desse quadro, Duffy et al. (2011) enfatizam o reconhecimento do coaching como profissão com responsabilidades éticas, pedagógicas e gerenciais, defendendo diretrizes para profissionalização, como sistemas de credenciamento, currículos integrados, supervisão prática e suporte institucional ao desenvolvimento contínuo.

O International Council for Coaching Excellence sustenta posição oficial até 2030 segundo a qual a profissionalização não é um estado final, mas uma jornada de aprimoramento ocupacional, sustentada por melhorias progressivas e articulação interinstitucional, com reconhecimento e proteção de direitos dos treinadores, além do papel social do coaching na promoção de impactos comunitários positivos (Lara Bercial et al., 2022).

A qualidade da articulação entre níveis institucionais também interfere no trabalho técnico. English, Nash e Martindale (2020), ao analisarem o críquete sul-africano, mostram que colaboração entre treinadores e administradores influencia tanto o desempenho quanto a implementação de políticas. Ambientes marcados por confiança, diálogo e alinhamento de objetivos favorecem práticas mais duradouras e

eficazes, ao passo que contextos fragmentados e hierarquias rígidas ampliam o distanciamento entre prática de campo e propósitos educativos do esporte.

Em panorama internacional, Németh et al. (2024) identificam tendência de transição de modelos prescritivos para abordagens centradas no treinador como sujeito ativo da própria formação, com valorização de competências transversais como comunicação, tomada de decisão, gestão de grupo e consciência ética. Para que essas competências floresçam, os currículos precisam dialogar com especificidades locais.

Martins e Rosado (2017), ao analisarem treinadores de luta olímpica em Portugal, mostram que os saberes mais valorizados são oriundos da prática real, de trocas entre pares e da aprendizagem situada, recomendando modelos híbridos que integrem teoria e prática com experiências contextualizadas e supervisionadas.

A temática da diversidade envolve também gênero e inclusão. Jowett, Gosai e Slade (2022) discutem barreiras enfrentadas por mulheres treinadoras, como desigualdades institucionais, estigmas de gênero e ausência de políticas efetivas de promoção da liderança feminina. O estudo recomenda programas de mentoria, redes de apoio e ações afirmativas para ampliar a presença de mulheres em posições de comando técnico, o que enriquece a pluralidade de estilos de liderança.

Pesquisas quantitativas convergem com esse diagnóstico. Jaime et al. (2021), ao analisarem a 31ª edição dos Jogos da Juventude do Paraná, identificaram apenas 12,67% dos cargos de treinadores ocupados por mulheres, mesmo em equipes femininas, o que evidencia exclusão simbólica persistente.

Passero, Oliveira e Galatti (2020) mostram que, nas entidades esportivas nacionais, mulheres se concentram em áreas de apoio e coordenação, permanecendo sub-representadas como treinadoras principais. O conceito de teto de vidro formulado por Kanter (1993) ajuda a explicar o bloqueio simbólico e institucional que impede o avanço de mulheres a cargos de liderança, mesmo com qualificação equivalente. Goellner (2020) argumenta que o corpo feminino no esporte foi historicamente disciplinado, controlado e excluído de espaços de poder, de modo que a presença de mulheres no comando representa ruptura com o modelo hegemônico e exige expertise técnica, resiliência simbólica e política.

Mesmo com avanços na participação feminina como atletas em grandes eventos, como o recorde brasileiro de mulheres medalhistas em Tóquio 2020 e a projeção de paridade em Paris 2024, conforme ESPN Brasil (2021) e Globo Esporte (2024), essa

representatividade ainda não se reflete de modo proporcional em cargos técnicos e de liderança.

A análise do ambiente de atuação das treinadoras no esporte de rendimento revela um campo marcado por tensões, contradições e disputas simbólicas. Ao longo dos eixos analíticos que discutem barreiras de acesso e permanência, estereótipos de gênero na liderança e trajetórias formativas, emerge a compreensão de que a presença feminina em cargos técnicos não é uma conquista consolidada, mas um processo contínuo de resiliência, afirmação e reconstrução.

As treinadoras não apenas enfrentam estruturas desiguais, mas criam caminhos alternativos, mobilizando saberes construídos na prática, em redes de apoio e nas múltiplas dimensões de suas vidas. Suas trajetórias revelam uma forma de maestria que vai além da expertise técnica, com liderança sensível, crítica e comprometida com transformação social do esporte.

Valorizar essas experiências é fundamental não apenas para justiça de gênero, mas para redefinir o significado de excelência esportiva. O que se revela é que a maestria no alto rendimento pode e deve ser um espaço de reinvenção ética, pedagógica e política, constituída por resultados e, também, por formas críticas e transformadoras de atuação.

A ausência de políticas específicas, a persistência de estereótipos e a invisibilidade institucional perpetuam desigualdades estruturais que limitam o avanço de treinadoras. Ao articular o contexto contemporâneo com as exigências do alto rendimento, abre-se uma discussão mais ampla sobre desenvolvimento da expertise.

Isso implica considerar como treinadores e treinadoras constroem carreiras em meio a pressões institucionais, demandas relacionais e exigências técnicas, mobilizando saberes para sustentar a prática profissional. Zhao e Jowett (2023) mostram que estilos de liderança influenciam diretamente a relação com atletas e que a liderança transformacional, centrada em empatia, escuta e motivação, tende a produzir ambientes mais saudáveis do que abordagens autoritárias ou distantes. Jowett e Shanmugam (2016) propõem uma abordagem relacional do treinamento, na qual vínculos são construídos como processo dinâmico e sensível ao ambiente, com efeitos sobre liderança, ensino e motivação. Essas camadas evidenciam que o treinador de alto rendimento precisa operar simultaneamente em frentes técnica, relacional e institucional. Mallett e Lara Bercial (2016) observam que treinadores multicampeões desenvolvem visão de longo prazo, capacidade de construir ambientes sustentáveis e

habilidade para cultivar relações sólidas. A maestria não se sustenta apenas em conhecimento técnico, mas também em sabedoria prática, gestão emocional e clareza de propósito.

Considerando esses elementos, a atuação em contextos de alta performance demanda combinação singular de saberes, valores e estratégias. O exercício profissional ocorre em meio a exigências técnicas, relações complexas, ambientes institucionais instáveis e contextos socioculturais em transformação. Nessa moldura, a prática deixa de ser aplicação linear de conteúdos e se configura como processo adaptativo, relacional e reflexivo.

O ambiente de elite é caracterizado por complexidade, ambiguidade e carga emocional. Esses espaços requerem competências interpessoais e intrapessoais sofisticadas para respostas responsivas, ágeis e adaptáveis, conforme Côté e Gilbert (2009), Jones e Wallace (2005) e Potrac et al. (2017). A capacidade de improvisação estruturada, destacada por Cushion (2007) e retomada por Mallett e Lara Bercial (2024), torna-se essencial e articula-se com a noção de flexibilidade psicológica proposta por Doorley et al. (2020) e Kashdan e Rottenberg (2010).

A sobrevivência no ambiente de alta performance pressupõe permanecer tempo suficiente para desenvolver a prática e aperfeiçoar competências, como observam Rynne e Mallett (2012), Rynne, Mallett e Tinning (2010) e Tao, Rynne e Mallett (2019). No entanto, uma cultura que valoriza apenas resultados imediatos restringe a compreensão do escopo real do trabalho e fragiliza processos de longo prazo, como discutem Block (1995) e Hagger (2014).

A resiliência emerge, então, como expertise central. Fletcher e Sarkar (2012) definem resiliência como processos mentais e comportamentais que promovem ativos pessoais e protegem contra efeitos negativos de estressores, distinguindo a resiliência de recuperação, que devolve o indivíduo ao nível anterior de funcionamento, e a resiliência robusta, que fortalece proativamente diante de novos estressores (Fletcher & Sarkar, 2013).

Em treinadores campeões em série, tal resiliência se desenvolve com percepção aguçada para informar a ação, conceito trabalhado por Santos et al. (2013), que descrevem a detecção de nuances situacionais para decisões flexíveis e adaptativas. Cushion (2007), Jones e Wallace (2005) e Potrac et al. (2017) apontam a flexibilidade e a improvisação estruturada como aspectos centrais dessa prática.

Além da adaptabilidade técnica, treinadores vencedores em série demonstram resiliência emocional, reinterpretando adversidades como oportunidades de crescimento e aprendizado, com exposição gradual a obstáculos razoáveis e suporte adequado, o que atua como inoculação ao estresse, fortalecendo um sistema de enfrentamento mais robusto, conforme Fletcher e Sarkar (2016). Outro fator central é a paixão pelo coaching. Vallerand (2012) descreve a paixão harmônica, baseada em valores internos e autodeterminação, que promove bem-estar e persistência.

Deci e Ryan (1985) e Ntoumanis e Mallett (2014) relacionam motivação autônoma à sustentabilidade da carreira, com identidade profissional ancorada em propósito claro e valores consistentes, o que protege contra esgotamento e desengajamento. Stambulova et al. (2009) discutem transições de carreira e destacam a importância de recursos pessoais e contextuais para atravessar momentos críticos. Nessa mesma direção, o apoio social de familiares, colegas e atletas é recurso essencial para enfrentamento do estresse e manutenção do bem-estar psicológico.

O legado e o impacto social também compõem dimensões centrais do ambiente de atuação de treinadores vencedores em série. Esses profissionais não limitam a identidade ao sucesso imediato, pois constroem projetos de contribuição duradoura para o esporte e para o desenvolvimento humano, como argumentam Mallett e Lara Bercial (2024).

Ao se perceberem agentes de mudança, moldam ambientes positivos, cultivam culturas de respeito e excelência e deixam marcas que transcendem resultados competitivos. McAdams e Pals (2006) oferecem um enquadramento útil ao articular narrativas de vida, traços e metas pessoais na compreensão do desenvolvimento humano, que pode ser transposto para o estudo de treinadores que inscrevem sentido e propósito na própria trajetória profissional.

Assim, mesmo em contextos marcados por volatilidade e pressão, o espaço de elite pode se tornar arena de expressão ética, relacional e educativa, na qual obstáculos são convertidos em oportunidades de crescimento e reafirmação de valores e propósitos.

Capítulo 3 — Considerações metodológicas e apresentação da participante

Este capítulo descreve os caminhos metodológicos adotados na construção da pesquisa, fundamentando-se na abordagem qualitativa com desenho de estudo de caso único, orientado pela busca da compreensão profunda da identidade e da maestria de uma treinadora vencedora em série. A seguir, são apresentados os principais componentes metodológicos:

3.1 Abordagem Metodológica – Caminhos da Pesquisa

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, orientada por uma perspectiva interpretativa e compreensiva do fenômeno investigado. O objetivo é compreender como se constrói a identidade e a maestria profissional de uma treinadora vencedora em série, a partir dos sentidos que ela atribui à sua trajetória, às escolhas feitas ao longo da carreira e às práticas adotadas no contexto do esporte de alto rendimento. Essa escolha metodológica decorre da natureza multidimensional, situada e relacional da experiência humana especialmente quando se trata de percursos profissionais excepcionais, atravessados por relações de poder, valores pessoais e decisões ético-pedagógicas.

Para investigar esse fenômeno com profundidade, optou-se pelo estudo de caso qualitativo como estratégia metodológica, dado seu potencial para explorar em detalhe acontecimentos inseridos em contextos reais, onde as fronteiras entre o fenômeno e o ambiente não são claramente delimitadas.

Segundo Yin (2015), o estudo de caso é especialmente apropriado quando se busca responder a questões do tipo "como" e "por que", diante de eventos contemporâneos que escapam ao controle do pesquisador.

A escolha por um estudo de caso único, de natureza interpretativa, possibilita acessar nuances, tensões e elementos relacionais que atravessam a construção identitária e a prática profissional da treinadora analisada.

Yin (1994, 2015) defende que essa estratégia investigativa permite a exploração de fenômenos complexos a partir da articulação entre diferentes fontes de evidência, respeitando a lógica da triangulação. No contexto desta pesquisa, a busca por

compreender os sentidos atribuídos por uma treinadora à sua trajetória e prática profissional justifica a adoção dessa abordagem, que privilegia a imersão interpretativa e a reconstrução narrativa do caso.

Stake (2005) complementa essa perspectiva ao afirmar que o estudo de caso busca compreender o particular e o experiencial, não com o propósito de generalização estatística, mas de generalização naturalística, aquela que emerge da densidade descritiva e interpretativa da análise.

Enquanto Yin enfatiza a lógica da triangulação, Stake amplia esse enfoque ao valorizar a profundidade do olhar sobre um único caso, escolhido não por representatividade numérica, mas por sua potência de iluminar aspectos centrais de um fenômeno.

Seguindo essa perspectiva, Letícia Pessoa, a treinadora focalizada neste estudo, constitui um exemplo paradigmático. Sua trajetória, marcada por excelência esportiva e resistência simbólica, oferece subsídios valiosos para compreender, no âmbito deste estudo de caso, a identidade profissional de mulheres no esporte de alto rendimento.

Na mesma direção, Ridder (2017) destaca o valor teórico do estudo de caso ao possibilitar a articulação entre teoria e prática, contribuindo para o desenvolvimento de interpretações sensíveis ao contexto.

Essa articulação é particularmente relevante no campo dos estudos sobre treinadores esportivos, que exigem abordagens capazes de captar as dinâmicas éticas, emocionais, relacionais e políticas que moldam o exercício profissional.

A construção metodológica também dialoga com as proposições de Rule e John (2015), para quem o estudo de caso exige uma postura teórica reflexiva e comprometida com a interpretação situada.

Os autores enfatizam que os casos não "falam por si", sendo sempre mediados por escolhas epistemológicas, referenciais teóricos e escuta atenta. Por isso, o trabalho com narrativas e relatos biográficos demanda sensibilidade diante das múltiplas camadas de sentido que emergem do discurso do sujeito.

Essa concepção encontra respaldo em autores como Bruns (1989), que ressalta o valor do estudo de caso na compreensão dos significados produzidos nas práticas sociais, permitindo ao pesquisador acessar os bastidores das ações, decisões e dilemas vividos.

Gog (2015), por sua vez, reforça que a profundidade do estudo de caso depende da capacidade do pesquisador de captar as sutilezas contextuais e relacionais do fenômeno, com responsabilidade ética e rigor interpretativo.

A noção de que o estudo de caso é uma estratégia metodológica legítima, séria e produtiva também é defendida por Yin (1981), que o posiciona como via eficaz para investigar fenômenos complexos, não redutíveis a variáveis isoladas. Nessa perspectiva, a riqueza metodológica não está na quantidade de casos, mas na profundidade interpretativa que cada caso permite.

A opção por um estudo de caso único encontra, ainda, respaldo em Silva, Oliveira e Silva (2021), que apontam a potência dessa estratégia para explorar em profundidade realidades específicas e pouco investigadas. Esses autores sublinham que a singularidade do caso, longe de ser limitação, constitui uma oportunidade analítica: quanto mais densa e reveladora for a experiência estudada, mais potencial ela tem para gerar conhecimento relevante.

A trajetória de Letícia Pessoa, marcada por conquistas, reinvenções, resistências e legitimações técnicas, constitui um campo relevante para compreender, a partir deste estudo de caso, como se constrói, se sustenta e se transforma a identidade de uma treinadora vencedora em série.

Assim, o uso do estudo de caso único como estratégia metodológica nesta pesquisa justifica-se pela profundidade da análise proposta, pela excepcionalidade do fenômeno investigado e pela riqueza interpretativa das informações produzidas.

A abordagem qualitativa e interpretativa adotada respeita a complexidade e as interpretações situadas construídas pela participante, evitando reduções analíticas ou classificações rígidas.

O compromisso ético-epistemológico com a escuta sensível, a transparência analítica e a valorização do conhecimento produzido na e pela experiência constitui o alicerce metodológico deste estudo.

3.2 Estratégia de Pesquisa – Estudo de Caso Qualitativo

Para investigar a construção da identidade e da maestria profissional de uma treinadora vencedora em série, selecionou-se intencionalmente um caso cuja trajetória exemplifica os desafios e conquistas da liderança feminina no esporte de alto rendimento.

A escolha da participante e do contexto seguiu os princípios do estudo de caso qualitativo, privilegiando a profundidade analítica e a densidade interpretativa de uma realidade singular e emblemática.

A seleção da participante teve como critério central a sua relevância para a compreensão do fenômeno investigado, em consonância com autores como Stake (2005) e Yin (2015), que indicam que a escolha do caso deve estar alinhada aos objetivos da pesquisa e à sua capacidade de revelar dimensões significativas do objeto de estudo neste caso, os processos de formação da identidade profissional e da maestria no esporte de alto rendimento.

De acordo com Silva, Oliveira e Silva (2021), o estudo de caso único é indicado quando se busca aprofundar a análise de uma realidade que, por si só, oferece complexidade, densidade e potencial analítico.

No caso desta pesquisa, os marcadores sociais que atravessam a atuação da participante como gênero, reconhecimento técnico, decisões pedagógicas e tensões éticas, fornecem um campo fértil para compreender a constituição da subjetividade profissional no esporte.

A definição do número de participantes não seguiu critérios estatísticos, mas sim os princípios da saturação teórica e da coerência com o desenho metodológico adotado. Conforme argumentam Rule e John (2015), a riqueza interpretativa de um único caso, quando investigado com profundidade e rigor, pode ser suficiente para produzir conhecimento significativo.

3.3 Perfil da participante – Letícia Pessoa

Letícia Pessoa é uma das figuras mais relevantes do voleibol de praia brasileiro e mundial, cuja trajetória se inscreve como exemplar para a compreensão da identidade e da maestria profissional de treinadoras no esporte de alto rendimento. Nascida no Rio de Janeiro, iniciou sua vivência esportiva no voleibol de quadra, mas foi na modalidade de praia que encontrou o espaço para consolidar sua carreira como treinadora.

Desde o final da década de 1980 e início dos anos 1990, acompanha a ascensão do voleibol de praia no cenário nacional e internacional, atuando de forma ininterrupta ao longo de mais de quatro décadas em competições de alto nível.

Sua presença constante em todos os ciclos olímpicos desde Atlanta 1996, um feito raríssimo para profissionais da modalidade, confere a Letícia uma condição ímpar: a de “Treinadora Olímpica”.

Essa designação não é apenas uma chancela esportiva, mas também simbólica e acadêmica, pois destaca que sua trajetória não se restringe a resultados competitivos. O termo traduz o reconhecimento de uma profissional que, em meio a um ambiente fortemente masculino, conquistou legitimidade e autoridade técnica em nível internacional.

Para este estudo, adotar a nomenclatura “Treinadora Olímpica” tem a função de valorizar o lugar singular ocupado pela participante e reafirmar que não se trata de qualquer profissional do esporte, mas de alguém cuja experiência atravessa décadas de alto rendimento e cuja trajetória ilumina, com profundidade, tensões, resistências e conquistas de mulheres nesse espaço.

No plano das conquistas esportivas, Letícia acumula um histórico expressivo que a coloca entre as maiores treinadoras de voleibol de praia do mundo. Foram três medalhas olímpicas de prata, duas com a dupla feminina Adriana Behar/Shelda (Sydney 2000 e Atenas 2004) e uma com a dupla masculina Alison/Emanuel (Londres 2012), além de oito medalhas em Campeonatos Mundiais, distribuídas entre duplas femininas e masculinas.

Soma ainda quatorze títulos no Circuito Mundial, conquistados com diferentes atletas, o que demonstra não apenas competência técnico-tática, mas também uma habilidade singular de adaptação a contextos diversos e de gestão de equipes heterogêneas. Esse repertório de resultados confirma sua consistência ao longo de quatro décadas de atuação e reforça a dimensão de longevidade, resiliência e reinvenção que marcam sua trajetória.

Sua relevância, entretanto, vai muito além da soma de medalhas e títulos. Letícia construiu sua autoridade em meio a barreiras simbólicas, institucionais e culturais que atravessam a trajetória de mulheres treinadoras no esporte de rendimento.

Desde cedo, precisou afirmar sua competência em um campo dominado por homens, enfrentando resistências, questionamentos e estereótipos de gênero que frequentemente limitam ou desacreditam a atuação de mulheres em cargos técnicos.

A consolidação de sua legitimidade se deu, portanto, em um processo contínuo de reafirmação e de demonstração de excelência, tanto pela via dos resultados quanto pela consistência de sua liderança pedagógica.

A capacidade de permanecer no alto rendimento por tanto tempo revela uma profissional que soube se atualizar frente às mudanças técnico-táticas do voleibol, reinventar metodologias de treino e, sobretudo, cultivar vínculos sólidos com atletas de diferentes gerações.

Essa combinação de competência técnica, visão pedagógica e sensibilidade relacional está na base de sua permanência e de sua maestria. Sua liderança conjuga exigência e cuidado, características que dialogam com modelos de liderança transformacional (Jowett, 2017), nos quais a motivação, a confiança e o vínculo interpessoal são dimensões centrais para o desempenho esportivo e para a formação integral dos atletas.

Ao longo de sua trajetória, Letícia também encarnou resistências e enfrentou desafios típicos da inserção feminina no esporte de alto rendimento. Entre eles, o machismo estrutural que frequentemente questionou sua autoridade, a ausência de políticas institucionais que favorecessem a presença de mulheres em cargos de liderança e as renúncias pessoais impostas pela dedicação integral ao esporte.

Esses obstáculos, longe de limitarem sua carreira, acabaram por reforçar o caráter paradigmático de sua trajetória, que não se reduz a ser uma exceção, mas sim a abrir caminhos e ampliar horizontes de representação feminina no voleibol de praia e no esporte brasileiro.

Sua experiência evidencia que o sucesso em série não está apenas nos títulos, mas na forma como são conquistados: com ética, coerência, reinvenção constante e respeito às singularidades dos atletas.

A presença de Letícia Pessoa como treinadora de elite ilumina não só as condições objetivas do esporte de alto rendimento, mas também os processos simbólicos e relacionais que constituem a identidade profissional de mulheres nesse campo.

Sua trajetória é, portanto, simultaneamente esportiva, pedagógica e política, pois desafia estruturas de gênero, amplia narrativas de legitimidade e oferece um legado que transcende resultados competitivos.

Assim, o perfil de Letícia Pessoa sintetiza conquistas, resistências e legitimidades, constituindo-se como um caso paradigmático para este estudo. Sua trajetória conjuga excelência esportiva, compromisso formativo e resiliência simbólica, constituindo um referencial para compreender a constituição da identidade de treinadoras vencedoras em série no esporte contemporâneo.

3.4 Instrumento de coleta de informações: roteiro de entrevista

Após a definição do caso e da participante, elaborou-se o instrumento de coleta de informações voltado à investigação aprofundada das dimensões subjetivas que compõem a trajetória profissional da treinadora, respeitando os pressupostos da abordagem qualitativa e os princípios metodológicos previamente estabelecidos.

O instrumento consistiu em um roteiro de entrevista semiestruturada, estruturado com perguntas abertas, reflexivas e direcionadoras, distribuídas em três grandes blocos temáticos: (1) Identidade Profissional, (2) Saberes e Competências e (3) Contexto de Atuação.

A proposta buscou abarcar tanto aspectos objetivos (como formação, experiências e marcos da carreira), quanto elementos mais subjetivos (valores, missão, motivações e dilemas éticos), compondo um panorama denso e integrado do processo de constituição identitária da treinadora.

A construção do roteiro foi ancorada em estudos contemporâneos sobre treinadores de alto rendimento, como os de Mallett e Lara-Bercial (2016), que destacam dimensões fundamentais como visão estratégica, liderança ética, aprendizagem ao longo da vida e clareza de missão como características recorrentes em treinadores multicampeões.

Essa perspectiva contribuiu para o delineamento de questões que não se limitassem a aspectos técnicos da atuação, mas que também incentivassem reflexões sobre o sentido atribuído às práticas, escolhas e desafios vividos ao longo da carreira.

Outros referenciais igualmente relevantes foram incorporados à construção do roteiro. Cushion, Nelson e Armour (2012) abordam a complexidade do ambiente de treino e ressaltam a importância das dimensões pedagógicas e relacionais no exercício do coaching.

Côté e Gilbert (2009), por sua vez, enfatizam as competências interpessoais e o papel do treinador como agente formador, enquanto Jones, Armour e Potrac (2004) evidenciam o caráter socialmente construído da prática de treinadores, incluindo as disputas por poder, os dilemas éticos e os processos de legitimação identitária.

Esses aportes teóricos forneceram sustentação à elaboração de um instrumento que superasse a mera descrição da trajetória, ao provocar um mergulho reflexivo sobre os sentidos atribuídos à prática profissional.

Com base nesses fundamentos, o roteiro foi cuidadosamente elaborado para provocar respostas que revelassem os bastidores da trajetória da treinadora, suas motivações profundas, os valores que sustentam suas escolhas e os significados que emergem da vivência cotidiana no alto rendimento. A ênfase foi colocada na escuta ativa e no acolhimento das múltiplas camadas do discurso, o que exigiu uma formulação sensível e coerente com os objetivos da pesquisa.

Para assegurar a consistência metodológica do instrumento, foi realizado um processo criterioso de validação em duas etapas complementares, com a participação de especialistas com reconhecida experiência no campo esportivo e na pesquisa qualitativa.

A validação contribuiu para ajustar a clareza, pertinência e profundidade das perguntas, assegurando a aderência do roteiro aos objetivos centrais da investigação.

3.5 Validação do Instrumento

O processo de validação do roteiro de entrevistas ocorreu em duas etapas distintas, ambas fundamentadas na avaliação qualitativa realizada por especialistas da área. No total, participaram dez avaliadores, sendo quatro na fase de pré-teste e seis na fase de validação final.

Todos possuíam titulação de doutorado e reconhecida experiência nos campos da Educação Física, Psicologia do Esporte, formação de treinadores. O grupo foi composto por seis participantes do sexo masculino e quatro do sexo feminino.

A primeira etapa consistiu em um pré-teste com quatro avaliadores com sólida atuação em pesquisas qualitativas e temáticas relacionadas ao fenômeno esportivo, à educação e à inclusão.

O objetivo foi identificar possíveis problemas de clareza, coerência e alinhamento entre as perguntas e os objetivos centrais da pesquisa. Essa etapa teve caráter diagnóstico e forneceu subsídios importantes para o aprimoramento do instrumento. Essa etapa teve caráter diagnóstico e forneceu subsídios importantes para o aprimoramento do instrumento.

Essa fase teve como objetivo identificar potenciais problemas de clareza, coerência e alinhamento das perguntas com os objetivos centrais da pesquisa, funcionando como uma etapa diagnóstica anterior à validação final. Cada item do roteiro de entrevistas foi avaliado individualmente segundo os critérios de clareza,

relevância e adequação, utilizando-se uma escala ordinal de 4 pontos (sendo 1 = não atende ao critério, e 4 = atende totalmente), conforme modelo adaptado de Polit e Beck (2006) e Souza, Alexandre e Guirardello (2017).

Como estratégia complementar de verificação da concordância entre os avaliadores, foi inicialmente considerado o uso do Coeficiente Kappa de Fleiss, recomendado para análises com múltiplos juízes e categorias qualitativas.

Os resultados obtidos foram: Clareza (Kappa = 0,11, indicando leve concordância), Relevância (Kappa = -0,04, indicando concordância abaixo do acaso) e Adequação (Kappa = -0,04, indicando concordância abaixo do acaso). Para contextualizar a interpretação desses valores, apresenta-se a seguir a Tabela 1, com os critérios propostos por Landis e Koch (1977) para análise do coeficiente Kappa:

Valor de Kappa	Grau de Concordância
< 0,00	Pior que o acaso
0,00 – 0,20	Leve concordância
0,21 – 0,40	Concordância razoável
0,41 – 0,60	Concordância moderada
0,61 – 0,80	Concordância substancial
0,81 – 1,00	Concordância quase perfeita

Tabela 1 – Interpretação dos valores do coeficiente Kappa de Fleiss (Landis & Koch, 1977)

Embora o índice Kappa de Fleiss seja mais comumente utilizado em estudos quantitativos, sua aplicação em pesquisas qualitativas é reconhecida, especialmente na avaliação da concordância entre juízes em escalas ordinais (Alexandre & Coluci, 2011). No entanto, no presente estudo, os baixos valores obtidos foram interpretados não como falhas do instrumento, mas como reflexo do número reduzido de avaliadores e da natureza subjetiva dos itens analisados, fatores que favorecem variações interpretativas.

Considerando essas características e a abordagem qualitativa adotada, optou-se por não utilizar o coeficiente Kappa como critério principal de validação. Em seu lugar, por sugestão de uma das avaliadoras, foram incorporados os critérios qualitativos metodológicos propostos por Eduardo José Manzini (2004, 2019, 2024), que orientam a elaboração e a análise de roteiros de entrevista com base em seis dimensões: (1)

coerência com os objetivos da pesquisa, (2) clareza na formulação das perguntas, (3) uso de vocabulário acessível, (4) ausência de redundância, (5) neutralidade da linguagem e (6) adequação do posicionamento das perguntas no roteiro.

As sugestões oferecidas pelos avaliadores nessa etapa inicial foram incorporadas, aprimorando a precisão linguística, o encadeamento lógico e a conexão direta entre os itens e os objetivos da pesquisa. As principais alterações incluíram a separação de perguntas compostas por múltiplos questionamentos, o ajuste dos tempos verbais para alinhamento com a abordagem narrativa retrospectiva e a reformulação de enunciados para favorecer clareza e objetividade. Também foi realizada a reorganização de itens de natureza biográfica para o início da entrevista, como estratégia para facilitar a construção da narrativa pela participante, além da substituição de termos excessivamente técnicos por linguagem mais acessível.

O roteiro de entrevista passou por um processo de validação qualitativa, conduzido com a participação de dez juízes especialistas ($N = 10$) das áreas de Educação Física, Psicologia e Ciências do Esporte. Esses juízes avaliaram a clareza, pertinência e representatividade dos itens, oferecendo contribuições para o aprimoramento da linguagem e da estrutura do instrumento. A análise seguiu critérios qualitativos de consenso, permitindo ajustes que garantiram validade de conteúdo e coerência entre o objetivo da pesquisa e o instrumento final.

A composição desse novo grupo considerou diversidade institucional, diferentes áreas de atuação (Educação Física, Psicologia, Gestão de Pessoas e Esporte Adaptado) e afinidade temática com o objeto de estudo. Essa heterogeneidade visou garantir uma apreciação ampla, crítica e dialógica do instrumento.

Com base nas análises realizadas, foram calculados os Índices de Validade de Conteúdo (IVC), obtendo-se os seguintes resultados médios: 0,87 para Clareza, 0,92 para Relevância e 0,93 para Pertinência. Esses valores, calculados conforme a fórmula proposta por Polit e Beck (2006) ($IVC = (n_3 + n_4) / N$), indicam alta aprovação dos itens e atestam a consistência do instrumento segundo os parâmetros da literatura.

Além dos índices quantitativos, cada pergunta foi analisada qualitativamente com base nos critérios de Manzini. Os resultados apontaram 100% de concordância nos critérios de vocabulário acessível, ausência de redundância, neutralidade da linguagem e ordenamento das perguntas. O único item com índice ligeiramente inferior (73%) foi o de coerência com os objetivos da pesquisa, o que motivou ajustes pontuais na redação e na distribuição das perguntas.

As recomendações dos avaliadores foram incorporadas com o objetivo de potencializar a sensibilidade interpretativa do instrumento. O roteiro final passou a apresentar maior precisão conceitual, clareza linguística e sintonia com os objetivos da pesquisa, demonstrando rigor metodológico e plena adequação à abordagem adotada. O roteiro completo encontra-se disponível no Apêndice A.

Com o instrumento validado, a entrevista foi realizada, transcrita e posteriormente analisada conforme os procedimentos descritos nas seções seguintes.

Em consonância com a epistemologia qualitativa adotada nesta pesquisa, opta-se pelo uso do termo “informações” no lugar de “dados”, uma vez que, nos estudos qualitativos, as informações são compreendidas como construções situadas, produzidas na e pela interação entre pesquisador(a) e participante. Conforme apontam Minayo (2022) e Denzin & Lincoln (2018), essa escolha conceitual reforça o caráter interpretativo das narrativas, compreendidas como construções produzidas na interação e não como elementos neutros ou pré-existentes, como propõe a lógica positivista.

3.6 Procedimentos de Coleta de Informações

A produção das informações fundamentou-se na realização de uma entrevista narrativa em profundidade, conduzida com a treinadora Letícia Pessoa. Essa estratégia está em consonância com os princípios da abordagem qualitativa e do estudo de caso, que valorizam a escuta atenta, o reconhecimento da experiência vivida e a construção compartilhada de sentidos entre pesquisadora e participante. Ambas foram compreendidas como parceiras na construção da narrativa, atuando de forma colaborativa na elaboração dos significados emergentes, com respeito ao tempo, à linguagem e às ênfases estabelecidas pela entrevistada (Stake, 2005; Yin, 2015).

A entrevista narrativa foi escolhida por sua capacidade de acessar os sentidos atribuídos pela treinadora à própria trajetória, às decisões tomadas ao longo da carreira e às práticas construídas no contexto do esporte de alto rendimento. Essa opção possibilitou contemplar tanto os marcos objetivos da trajetória quanto os aspectos afetivos, simbólicos e reflexivos que compõem sua identidade profissional.

O roteiro, elaborado a partir dos objetivos da pesquisa, estruturou-se em três eixos temáticos: (1) identidade profissional, (2) saberes e competências e (3) contexto de atuação. Cada eixo foi desdobrado em perguntas abertas, direcionadoras e de

aprofundamento, com o intuito de favorecer a rememoração de eventos significativos, a análise crítica de decisões e a reflexão sobre a própria prática.

A entrevista foi previamente agendada com a participante, respeitando sua disponibilidade e preferências quanto ao local e ao horário. O encontro ocorreu em ambiente reservado, silencioso e acolhedor, sem interferências externas, o que favoreceu a criação de uma atmosfera de confiança e escuta genuína. Antes do início da gravação, a pesquisadora apresentou todas as informações relativas ao estudo — objetivos, procedimentos, potenciais riscos e benefícios — além das garantias de confidencialidade. A participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando a gravação da entrevista e o uso das informações exclusivamente para fins acadêmico-científicos.

Com duração aproximada de uma hora e vinte minutos, a entrevista foi registrada em áudio com equipamento de boa qualidade, garantindo a fidelidade do material produzido. A condução manteve-se receptiva, acolhedora e não diretiva, permitindo que a entrevistada organizasse livremente sua narrativa. O tom da conversa foi espontâneo e respeitoso, conforme recomendam os referenciais da entrevista narrativa, favorecendo a fluidez da fala e o encadeamento temático e/ou cronológico das experiências relatadas. Autores como Bruns (1989) e Gog (2015) destacam que esse tipo de abordagem facilita o acesso a marcos biográficos, dilemas vividos e interpretações subjetivas que estruturam o self profissional.

A transcrição do áudio foi realizada integralmente pela própria pesquisadora, com atenção às palavras, pausas, repetições, hesitações e demais marcas discursivas relevantes para a análise. O material foi revisado em diferentes etapas, assegurando sua fidedignidade e a preservação do estilo narrativo da participante. Essa imersão nas informações desde as etapas iniciais está em consonância com as recomendações de Yin (2015) e Stake (1978), que ressaltam a importância da familiaridade do pesquisador com o corpus para garantir profundidade interpretativa.

Além da entrevista, foram incorporadas informações complementares com o objetivo de ampliar a contextualização do estudo e fortalecer a triangulação metodológica. Esses dados incluem registros oficiais da Federação Internacional de Voleibol (FIVB, 2024), reportagens da mídia especializada e observações da pesquisadora em eventos esportivos com a presença da treinadora.

A construção da Linha do Tempo constituiu-se não apenas como recurso técnico, mas também como dispositivo reflexivo. Ao ordenar marcos, conquistas e

desafios de sua trajetória, a treinadora revisitava significados, reavaliava decisões e construía sentidos sobre o próprio percurso. Esse processo favoreceu uma escuta compartilhada, na qual pesquisadora e participante dialogaram sobre momentos de virada e aprendizagens emergentes. Assim, a Linha do Tempo assumiu valor epistemológico, funcionando como ponte entre memória, narrativa e reflexão crítica.

A triangulação, conforme defendem Ridder (2017) e Pathiranage et al. (2020), aumenta a robustez analítica, permite a validação cruzada das interpretações e proporciona uma visão mais abrangente e situada do fenômeno investigado. O corpus empírico da pesquisa constituiu-se, portanto, da entrevista narrativa em profundidade — transcrita na íntegra — complementada por documentos públicos relacionados à trajetória profissional da participante.

Todas as etapas de produção das informações respeitaram os preceitos éticos estabelecidos na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Santo Amaro (parecer nº 6.689.837).

3.7 Procedimentos de Análise das Informações

A análise das informações foi conduzida de forma interpretativa e sensível à complexidade contextual do estudo de caso único realizado com a treinadora Letícia Pessoa. A abordagem adotada priorizou a escuta atenta, o mergulho na densidade narrativa e o respeito à inteireza do relato, buscando compreender os sentidos atribuídos pela participante à sua trajetória, às escolhas profissionais e às experiências no campo esportivo de alto rendimento.

Inspirada nos princípios da análise holística proposta por Stake (2005), a pesquisadora assumiu uma postura empática diante do discurso da entrevistada, considerando não apenas os conteúdos explícitos, mas também os sentidos latentes, as repetições, as pausas e as inflexões emocionais que emergiram ao longo da narrativa. Nesse processo, a entrevista foi relida em múltiplas ocasiões, favorecendo uma imersão gradual nas informações e possibilitando o reconhecimento de unidades de sentido relevantes para os objetivos da pesquisa.

A análise foi conduzida sem o uso de categorias pré-estabelecidas. Em vez disso, respeitou-se a fluidez interna da narrativa e a organicidade dos temas que emergiram do

discurso da participante. Conforme defendem Rule e John (2015), o processo interpretativo em estudos de caso exige um diálogo contínuo entre teoria e empiria, permitindo que os significados sejam construídos e refinados ao longo da leitura e da reflexão crítica do pesquisador.

A organização das informações foi orientada pelos princípios da análise temática, tal como sistematizada por Braun e Clarke (2006), com ênfase na codificação aberta e no reconhecimento de padrões de sentido. Diferentemente da abordagem temática clássica, que frequentemente fragmenta o corpus em categorias e unidades analíticas isoladas, este estudo adotou a vertente reflexiva da análise temática, conforme proposta pelas próprias autoras em publicações posteriores (Braun & Clarke, 2019).

Na análise reflexiva, os temas não são descobertos nas informações como se fossem entidades objetivas, mas são construídos ativamente pelo pesquisador a partir de sua imersão interpretativa, de sua bagagem teórica e da reflexividade ética e epistemológica que orienta todo o percurso. Essa abordagem pressupõe uma análise artesanal, crítica e situada, na qual o pesquisador reconhece sua presença ativa no processo de construção de sentido.

Desse modo, optou-se por preservar a inteireza do discurso da participante, mantendo a coesão narrativa, os encadeamentos afetivos e a lógica cronológica da fala. Essa escolha metodológica visou captar não apenas o conteúdo temático, mas também a forma como a treinadora constrói sua identidade, mobiliza competências e se posiciona em relação ao campo esportivo. O compromisso com a totalidade do discurso também reflete uma opção analítica alinhada à ideia de “improvisação estruturada”, conceito discutido por autores como Jones e Wallace (2005) e Cushion (2007), que defendem que o trabalho do treinador, e por analogia, do pesquisador qualitativo, envolve operar com estruturas flexíveis, adaptando-se às nuances do campo sem abrir mão do rigor. A análise, portanto, manteve o equilíbrio entre escuta aberta e intencionalidade teórica, entre espontaneidade interpretativa e sistematização analítica.

Durante todo o percurso analítico, a pesquisadora manteve um diário reflexivo, no qual registrou dúvidas, escolhas e impressões a respeito das informações e do processo de interpretação. Esse instrumento, conforme sugerido por Pathiranage et al. (2020), foi essencial para garantir a coerência interna da análise e documentar os critérios utilizados na construção dos significados. A reflexividade, nesse contexto, não foi tratada como uma etapa adicional, mas como um princípio estruturante da pesquisa,

reconhecendo que os sentidos produzidos são atravessados pela subjetividade da pesquisadora e pelas relações estabelecidas no campo.

A triangulação de fontes, que incluiu a entrevista narrativa, documentos oficiais da FIVB e registros da mídia esportiva, conferiu robustez interpretativa aos achados. Conforme destacam Yin (2015) e Silva, Oliveira e Silva (2021), a articulação entre diferentes materiais empíricos fortalece a credibilidade da análise e permite a construção de interpretações mais consistentes, complexas e situadas.

A opção por não fragmentar excessivamente o discurso também permitiu preservar a coerência interna da narrativa da treinadora, respeitando sua forma singular de organizar o tempo, destacar eventos e expressar dilemas e conquistas. Os padrões de sentido foram identificados com base nos marcos biográficos, nas recorrências temáticas e nos movimentos afetivos que atravessam o relato. Essa estratégia evitou a imposição de categorias rígidas e permitiu que os temas emergissem de modo relacional, vinculados à trajetória, ao contexto e à identidade da participante.

A abordagem metodológica adotada priorizou, assim, a construção de conhecimento situado, sensível às experiências narradas e comprometido com a complexidade do fenômeno estudado. As interpretações resultantes da análise das informações produzidas pela participante serão apresentadas e discutidas no capítulo seguinte, à luz dos referenciais teóricos mobilizados.

Ao longo deste processo investigativo, percebi que a pesquisa se tornou também uma experiência de transformação pessoal. O contato com a participante, a escuta atenta e o mergulho nas narrativas fizeram emergir memórias, emoções e aprendizagens sobre minha própria prática como professora e treinadora. Revisitar a trajetória de outra mulher no esporte foi, ao mesmo tempo, um exercício de reconhecimento e deslocamento: reconhecer-me em algumas vivências e deslocar-me de outras, aprendendo a enxergar a complexidade do campo esportivo sob novos ângulos. Essa travessia intelectual e afetiva me ensinou a importância da escuta empática, da sensibilidade ética e do compromisso com o sentido humano da pesquisa.

No caso desta investigação, a análise foi conduzida a partir de uma perspectiva reflexiva e situada. Minha experiência como professora e treinadora influenciou a forma de ler e interpretar as narrativas, o que reconheço como parte constitutiva do processo analítico. Essa proximidade, longe de comprometer o rigor, permitiu uma escuta mais sensível às nuances do discurso e aos sentidos implícitos que permeiam a fala da participante. Mantive um exercício constante de autorreflexão e triangulação teórica, de

modo a garantir transparência e coerência ética nas interpretações. Essa postura reflexiva reafirma o compromisso com uma produção de conhecimento ética, sensível e alinhada à natureza interpretativa do estudo de caso qualitativo.

3.8 Silêncios e limites da pesquisa

Todo processo de pesquisa envolve escolhas e, portanto, silêncios. Este estudo não se propôs a aprofundar dimensões como raça, sexualidade ou classe, ainda que reconheça sua relevância para compreender as intersecções que atravessam a experiência de mulheres no esporte. Esses temas permanecem como possibilidades para investigações futuras.

Epistemologicamente, este estudo reafirma a relevância da abordagem narrativa e do estudo de caso como caminhos legítimos de produção de conhecimento no campo do esporte. Essa escolha metodológica tensiona perspectivas positivistas e valoriza saberes situados, relacionais e experienciados. Ao dar centralidade à voz de uma mulher treinadora, a pesquisa contribui para o avanço dos estudos de gênero na Educação Física e no coaching esportivo, reforçando a importância de perspectivas que acolhem subjetividade, história e experiência como fontes de conhecimento.

Reconheço, igualmente, que meu lugar de escuta foi atravessado pela minha trajetória como mulher, professora e treinadora. Essa condição situada não compromete o rigor, mas o amplia, ao permitir compreender tensões, afetos e identificações que permeiam o campo esportivo. Refletir sobre esses limites foi essencial para reconhecer que a neutralidade absoluta não existe e que a consciência do próprio lugar é, em si, uma atitude ética de pesquisa.

Capítulo 4 — Diálogos com uma treinadora vencedora em série

Este capítulo apresenta os resultados da pesquisa a partir da análise da entrevista narrativa realizada com a treinadora Letícia Pessoa, caso exemplar no contexto do esporte de alto rendimento. Conforme descrito no capítulo metodológico, a escolha pelo estudo de caso único e pela abordagem qualitativa interpretativa orientou a condução de uma análise aprofundada e sensível ao contexto, voltada a compreender os sentidos que a participante atribui à sua trajetória, às decisões profissionais e aos desafios enfrentados ao longo da carreira como treinadora vencedora em série.

Essa leitura inicial ancora-se no eixo Identidade, ao buscar compreender como Letícia Pessoa constrói o sentido de si mesma em sua trajetória. À medida que o capítulo avança, esse eixo se entrelaça com os Saberes mobilizados na prática cotidiana e com o Contexto em que sua atuação se desenvolve.

A apresentação dos resultados não segue categorias rígidas nem segmentações codificadas. Em vez disso, estrutura-se por eixos interpretativos construídos a partir da escuta atenta, da leitura reiterada do material empírico e do entrelaçamento com os referenciais teóricos discutidos nos capítulos anteriores.

Essa postura dialoga com a perspectiva de Stake (2005), que defende uma análise holística e contextualizada nos estudos de caso, valorizando não apenas o que é dito, mas também como é dito, e o que se deixa entrever nas entrelinhas do discurso.

Nesse sentido, este capítulo organiza-se em três movimentos principais. Primeiramente, apresentam-se as narrativas da participante, destacando trechos significativos da entrevista que iluminam sua trajetória, seus aprendizados e suas estratégias de permanência no esporte de alto rendimento.

Em seguida, procede-se às articulações teóricas emergentes, conectando os sentidos construídos por Letícia Pessoa com as discussões desenvolvidas nos capítulos anteriores, especialmente no que se refere à identidade profissional, aos saberes e ao contexto de atuação.

Por fim, apresentam-se as sínteses interpretativas, nas quais se busca avançar para compreensões mais amplas sobre a condição de treinadora vencedora em série e sobre os desafios e possibilidades que marcam a presença de mulheres em cargos de liderança no esporte contemporâneo.

A análise segue, portanto, um movimento em espiral, no qual os temas de Identidade, Saberes e Contexto não aparecem de forma separada, mas dialogam constantemente. Essa opção garante fluidez interpretativa e reforça o caráter integrado da experiência da treinadora.

4.1 Narrativas da participante e articulações teóricas

Seguindo o percurso metodológico apresentado no capítulo anterior, a entrevista foi tratada como uma narrativa íntegra, respeitando seus fluxos temporais, afetivos e simbólicos. Essa abordagem permitiu compreender, de forma articulada, o modo como Letícia Pessoa constrói sua identidade profissional, mobiliza saberes e competências e se posiciona diante das tensões do esporte de alto rendimento. Os eixos apresentados a seguir foram construídos a partir da interlocução entre a experiência singular da treinadora e o referencial teórico que sustenta esta investigação.

A entrevista de Letícia Pessoa revelou-se um material de grande densidade, não apenas pelas informações explícitas, mas pelas múltiplas camadas simbólicas, emocionais e estruturais que atravessam seu discurso. Ao longo da escuta e da análise, tornaram-se evidentes elementos que extrapolam o conteúdo literal das falas, exigindo uma leitura atenta às inflexões de gênero, poder, ética, pedagogia, vocação, resistência e maestria.

Nesse processo, a narrativa não se limita à exposição de fatos ou resultados esportivos, mas se apresenta como um percurso existencial marcado por continuidades e rupturas.

Mais do que uma sequência linear de conquistas, a fala de Letícia Pessoa traz hesitações, pausas e marcas afetivas que revelam dilemas, silêncios e processos de reinvenção identitária. Marcos biográficos como a transição do voleibol de quadra para o de praia, a condução inicial de duplas femininas e a construção de sua legitimidade técnica aparecem de forma indireta, exigindo uma escuta analítica atenta.

A narrativa, nesse ponto, evidencia o eixo da Identidade, revelando como Letícia começa a elaborar quem é como profissional a partir de suas experiências iniciais. Esse reconhecimento de si mesma abre caminho para a compreensão dos Saberes que sustentam sua atuação.

Seguindo a lógica da própria narrativa, os resultados são organizados em ordem cronológica, de modo a favorecer a compreensão do contexto e dos sentidos atribuídos a

cada momento vivido. A trajetória é apresentada tal como enunciada por Letícia Pessoa, preservando seu tom afetivo, com pausas, repetições e nuances de linguagem que revelam mais do que apenas fatos biográficos.

“Meu nome é Letícia Pessoa, eu vivo no vôlei desde os 8 anos de idade. Eu joguei dos 8 aos 18 anos, vôlei de quadra. E uma vez um técnico meu, que era o Inaldo Manta, que já faleceu, falou pra mim que eu queria do vôlei, eu falei que eu queria ser campeã olímpica.”

A narrativa de Letícia Pessoa se inicia de forma direta e afetiva, com uma afirmação de pertencimento: “eu vivo no vôlei desde os 8 anos de idade”. A escolha do verbo “viver” e não apenas “jogar” ou “participar”, sinaliza que sua relação com o esporte não é apenas funcional ou episódica, mas existencial.

Essa expressão inaugura uma identidade marcada pela forte ligação entre vida e voleibol, o que se alinha à concepção de identidade profissional como um processo contínuo e incorporado, defendido por autores como Beijaard et al. (2004) e Côté & Gilbert (2009). Para eles, a identidade do treinador não se resume à função que exerce, mas se constitui como uma dimensão do self profundamente entrelaçada às experiências de vida.

O fato de Letícia Pessoa mencionar que jogou dos 8 aos 18 anos sinaliza uma imersão de uma década na prática atlética, durante uma fase crítica de desenvolvimento físico, emocional e social. Como afirmam Cushion et al. (2019), os anos de prática enquanto atleta influenciam significativamente o habitus e a futura compreensão do treinador sobre o jogo, os atletas e os processos de formação.

A experiência como jogadora, portanto, não é apenas um antecedente técnico: é um fundamento da identidade profissional, pois permite que Letícia Pessoa compreenda o universo esportivo de dentro, com sensibilidade às emoções, às pressões e às dinâmicas do alto rendimento.

Além disso, o episódio relatado com o técnico Inaldo Manta oferece pistas importantes sobre a mediação relacional na construção da identidade. Ao dizer: “um técnico meu [...] falou pra mim que eu queria do vôlei, eu falei que eu queria ser campeã olímpica”, Letícia Pessoa resgata um momento em que um adulto significativo reconhece nela tanto o desejo quanto o potencial, abrindo caminhos para uma profecia autorrealizável. A intervenção de Manta representa o que Jean Côté (2006) chama de

figuras de transição identitária pessoas que não apenas acompanham, mas modelam trajetórias ao legitimarem possibilidades que os próprios sujeitos ainda não verbalizavam.

Na sequência de sua narrativa, Letícia Pessoa compartilha um episódio crucial de sua adolescência, quando um técnico influente reconhece nela um potencial que extrapolava a performance como atleta. Essa intervenção simbólica, carregada de afetividade e projeção, marca o início da transição entre o desejo de ser jogadora e a possibilidade de tornar-se treinadora.

“E uma vez um técnico meu, que é o Inaldo Manta, que já faleceu, falou pra mim: ‘o que você quer do vôlei?’. Eu falei que eu queria ser campeã olímpica.

Aí ele falou: ‘então eu vou te dizer duas coisas. Primeiro, você é muito pequena’ — na época não existia líbero — ‘mas você tem um talento muito incrível pra liderança.

Então, se você quiser, você vai me ajudando aqui nas categorias de base. Porque eu acho que você daria uma boa técnica. E iria a uma Olimpíada como técnico’.”

Esse fragmento revela a emergência de uma identidade profissional ainda em estado latente, despertada pela escuta e pela mediação de um agente significativo o técnico Inaldo Manta mencionado.

A pergunta “o que você quer do vôlei?” não é apenas retórica: ela provoca em Letícia Pessoa uma enunciação de desejo (“ser campeã olímpica”) que será, imediatamente, reconfigurada por um olhar externo. A resposta de Manta articula uma leitura realista da limitação física (“você é muito pequena”) com uma valorização simbólica de uma competência invisível (“você tem um talento muito incrível pra liderança”).

Esse momento pode ser interpretado, à luz de Jean Côté (2006), como a atuação de uma figura de transição identitária, alguém que legitima e propõe um caminho profissional alternativo, antecipando uma identidade futura ainda não consolidada. Manta não apenas reconhece Letícia Pessoa como atleta, mas a reposiciona como potencial técnica, atribuindo-lhe valor e direção.

A sugestão de que ela vá “ajudando nas categorias de base” inaugura uma trajetória prática de iniciação profissional, aquilo que Lyle (2002) e Trudel et al. (2016) descrevem como aprendizagem situada, em que o treinador iniciante aprende observando, fazendo e refletindo a partir do cotidiano. Ao mesmo tempo, essa passagem também exemplifica o que Beijaard et al. (2004) chamam de construção relacional da identidade profissional, pois ela emerge do reconhecimento mútuo e do olhar do outro significativo.

Além disso, esse trecho já antecipa a dimensão ética e pedagógica que irá marcar sua atuação futura. A valorização da liderança, atribuída a Letícia Pessoa ainda adolescente, aponta para um tipo de competência não técnica, mas relacional e simbólica, conectada ao que Jones et al. (2004) destacam como parte essencial do habitus do treinador: o manejo de pessoas, contextos e sentidos.

Ao sugerir que ela poderia ir a uma Olimpíada como técnica e não mais como jogadora, Inaldo Manta inscreve em Letícia Pessoa um projeto de futuro alternativo, que será decisivo na sua formação. Essa profecia autorizadora, como apontam Cushion et al. (2019), é um tipo de discurso performativo que tem potência para reconfigurar trajetórias. Mais do que prever, ele produz a possibilidade da identidade que se anuncia.

Logo após o episódio com o técnico Inaldo Manta, Letícia Pessoa narra o momento em que deixa de ser atleta para tornar-se estudante universitária e, em seguida, inicia sua atuação como treinadora. Esse movimento marca a transição formal de um lugar de performance para um lugar de formação.

Sua atuação precoce como técnica de categorias de base marca o início de uma trajetória profissional construída no cotidiano, e não por saltos excepcionais na trajetória que, com o tempo, a consolidaria como referência na modalidade.

“E aí eu segui. Quando eu fiz os 18 anos eu parei de jogar, entrei na faculdade. E comecei a ser técnica. Primeiro da quadra. Fui técnica do mirim do Fluminense.

E nesse período começaram alguns torneios de praia. A galera jogava quadra e jogava praia. Eu nunca fui atleta de praia, mas era a mesma galera.

E eles me chamaram pra ajudar, pra organizar, pra ir aos jogos. E aí eu comecei a ir.

E aí uma vez o pessoal pediu ajuda pra montar uma dupla. Era o Paulista de Praia, um torneio que estava tendo. E aí a galera me chamou e falou: ‘Ajuda aí’.

E eu fui. E aí comecei a trabalhar com essas duplas.

E aí acabou que deu certo. A primeira dupla que eu treinei ganhou o Paulista de Praia.

E aí eu comecei a treinar umas duplas menores, mais novas.”

A sequência revela um processo de transição progressiva e fluida entre diferentes papéis ocupados por Letícia Pessoa no universo esportivo: de atleta a estudante, de técnica da quadra a treinadora de praia, de observadora a líder. Ao dizer “quando eu fiz os 18 anos eu parei de jogar, entrei na faculdade e comecei a ser técnica”, ela situa sua entrada precoce na função de treinadora em um momento em que a identidade atlética ainda não estava totalmente desligada o que denota um transbordamento de papéis, típico da formação inicial de treinadores, como afirmam Trudel et al. (2016).

A afirmação “fui técnica do mirim do Fluminense” indica que sua inserção no campo técnico começou em um clube tradicional e competitivo, o que revela não apenas oportunidade, mas também capital simbólico inicial importante para sua trajetória. Isso é coerente com a ideia de que a identidade profissional do treinador se forma também em função do status dos contextos nos quais atua, como aponta Lemyre et al. (2007).

Na continuidade, Letícia Pessoa narra o convite feito por colegas para “ajudar, organizar, ir aos jogos” de torneios de praia. Essa linguagem sugere uma entrada lateral e colaborativa no novo contexto da modalidade, sem formação específica para o vôlei de praia, mas com um saber tácito compartilhado com os atletas.

O reconhecimento espontâneo dos pares “a galera me chamou e falou: ‘ajuda aí’”, indica uma legitimidade informal, construída na convivência e na confiança prática. É a expressão do que Cushion et al. (2003) descrevem como reconhecimento horizontal, onde o respeito vem menos da certificação formal e mais da inserção relacional e da competência percebida.

A frase “e aí comecei a trabalhar com essas duplas. E aí acabou que deu certo” sinaliza um turning point: da colaboração pontual à assunção plena da função de treinadora. O sucesso imediato da primeira dupla (“ganhou o Paulista de Praia”) reforça sua autoconfiança e gera um efeito de validação precoce, algo decisivo no que Wenger

(1998) chamaria de dinâmica de legitimação periférica para central, quando o sujeito passa da borda para o centro da prática social.

A última frase (“comecei a treinar umas duplas menores, mais novas”) mostra o início de uma trajetória pedagógica no vôlei de praia, com foco na formação de base. Trata-se de um movimento que reforça a construção de uma identidade profissional com forte componente formativo, e não apenas competitivo, o que a aproxima da noção de treinadora como educadora, conforme destacam Jones et al. (2004) e Trudel & Gilbert (2006).

Essa sequência narrativa demonstra como Letícia Pessoa não planejou conscientemente sua migração para o vôlei de praia, mas foi respondendo a chamados situacionais, incorporando progressivamente novos papéis e responsabilidades. Esse tipo de transição informal, sem respaldo institucional, é particularmente recorrente entre mulheres treinadoras, cujos percursos são marcados por improvisação, convite relacional e ausência de políticas de formação específicas. O que se vê é um processo de construção de identidade não linear.

O que se vê é um processo de construção de identidade não linear, mas adaptativo, o que reflete o caráter contingente e relacional da profissão.

A fala seguinte marca um ponto de inflexão na narrativa: é o momento em que Letícia Pessoa começa a se deslocar do lugar de atleta para o de treinadora. Esse trecho sinaliza uma transição identitária importante, impulsionada por uma figura de autoridade e atravessada por questões de gênero e reconhecimento. A maneira como Letícia Pessoa resgata esse episódio revela também sua capacidade de escuta, sua abertura ao aprendizado e a presença de uma vocação pedagógica que já se delineava desde cedo.

“E uma vez um técnico meu, que é o Inaldo Manta, que já faleceu, falou pra mim que eu queria do vôlei, eu falei que eu queria ser campeã olímpica.

Aí ele falou, então eu vou te dizer duas coisas.

É muito pequena, na época não existia Líbero.

Mas você tem um talento muito incrível pra liderança.

Então se você quiser, você vai me ajudando aqui nas categorias de base, pra você que eu acho que você daria uma boa técnica, iria a uma Olimpíada como técnico.

E aí eu segui.”

Este trecho é especialmente revelador de como a identidade profissional de Letícia Pessoa começa a se reconfigurar a partir de uma escuta significativa e de um convite formativo.

Quando ela afirma que queria ser “campeã olímpica”, exprime o desejo legítimo de permanência e projeção no esporte. No entanto, ao ouvir de seu treinador que “é muito pequena” para alcançar esse objetivo como atleta, Letícia Pessoa se depara com a primeira grande tensão entre sonho e possibilidade concreta. A resposta do técnico, contudo, não anula sua ambição: ele a redireciona, reconhecendo nela um “talento incrível pra liderança”.

Essa transição de lugar de jogadora para líder, é mediada por uma figura masculina que, ao mesmo tempo, oferece acolhimento e propõe uma nova rota. Segundo Côté (2006), esses momentos formam o que ele chama de transições identitárias significativas, em que agentes importantes (como técnicos e mentores) oferecem visões alternativas de futuro, capazes de redefinir o percurso profissional de atletas. Trata-se, portanto, de um gesto pedagógico e simbólico.

Essa passagem também pode ser compreendida à luz da proposta de Beijgaard et al. (2004), para quem a identidade profissional é construída pela articulação entre o “eu pessoal”, o “eu profissional” e o reconhecimento externo. Letícia Pessoa não apenas aceita a sugestão do técnico, mas mobiliza internamente essa nova identidade possível. Ela assume o convite (“e aí eu segui”) e inicia sua trajetória como treinadora. Esse movimento denota agência e resiliência: ela não se limita a uma impossibilidade (a baixa estatura), mas a transforma em oportunidade formativa.

Do ponto de vista das competências, esse momento marca o início de um processo de desenvolvimento de saberes relacionais e pedagógicos. Como afirmam Gilbert e Trudel (2004), o desenvolvimento profissional do treinador começa muitas vezes por meio de experiências práticas em contextos de formação básica, como as categorias de base. A proposta de “ajudar nas categorias de base” não é apenas uma tarefa: é uma porta de entrada para o exercício da liderança, da escuta e da intervenção técnica.

Sob uma lente interseccional, nota-se ainda que a “baixa estatura” de Letícia Pessoa, uma condição corporal frequentemente associada a limites objetivos no esporte se soma à condição de gênero em um cenário predominantemente masculino. No

entanto, o reconhecimento precoce de sua “liderança” desafia estereótipos e antecipa uma trajetória em que sua autoridade técnica será construída e reafirmada progressivamente, em campos nos quais nem sempre mulheres foram convidadas a ocupar posições de comando.

Por fim, o verbo “seguir” na expressão “e aí eu segui” revela adesão afetiva e confiança tanto na orientação recebida quanto no próprio processo de se tornar treinadora. O que está em jogo aqui não é apenas uma troca de função, mas a abertura para um projeto de vida, em que o esporte permanece como eixo central de identidade e vocação.

A continuidade da narrativa mostra o início efetivo da atuação de Letícia Pessoa como treinadora. O contexto descrito é o das categorias de base do voleibol de quadra, um espaço que, além de formativo para os atletas, é também um terreno fértil para o desenvolvimento da identidade profissional do treinador. A forma como ela narra essa entrada revela uma combinação de intuição, oportunidade e entrega ao processo, elementos que apontam tanto para um saber prático emergente quanto para a naturalização de sua autoridade técnica naquele ambiente.

“Quando eu fiz os 18 anos eu parei de jogar, entrei na faculdade.

E comecei a ser técnica, primeiro da quadra.

Fui técnica do mirim do Fluminense.

E nesse período começaram alguns torneios de praia.”

Ao afirmar que “parou de jogar aos 18 anos e entrou na faculdade”, Letícia Pessoa situa um marco temporal importante: a passagem da vivência como atleta para a constituição de uma nova identidade profissional, agora orientada pelo exercício da docência esportiva.

Essa transição é significativa, pois coincide com o início da vida adulta, momento em que decisões vocacionais ganham centralidade. A simultaneidade entre o ingresso na universidade e o início da carreira de treinadora sugere que sua formação acadêmica e sua prática de campo caminharam lado a lado desde o início o que favoreceu um desenvolvimento profissional que integra teoria e prática, como preconizado por autores como Gilbert e Trudel (2004).

O fato de Letícia Pessoa iniciar sua atuação com a equipe mirim do Fluminense, uma instituição de grande tradição esportiva, indica que sua entrada na carreira não foi periférica, mas já inserida em um ambiente de alta exigência técnica e simbólica.

Trabalhar com a base exige uma combinação específica de competências: paciência, clareza pedagógica, leitura sensível do desenvolvimento dos atletas e capacidade de adaptar conteúdos técnicos a diferentes níveis de maturação. Como apontam Côté e Gilbert (2009), esse tipo de atuação demanda não apenas conhecimento do jogo, mas também habilidades interpessoais e um entendimento profundo dos processos formativos.

Ao dizer com naturalidade que “comecei a ser técnica”, Letícia Pessoa expressa um movimento fluido, quase orgânico, de transição o que pode ser interpretado como um indicativo de vocação, mas também como um reflexo da socialização anterior no meio esportivo.

Essa fluidez, porém, não deve ser confundida com facilidade: ela oculta as tensões inerentes ao processo de afirmação de autoridade em um espaço historicamente marcado por homens. Sua escolha por atuar com meninas na base pode ter representado, também, uma estratégia de inserção que evitava embates diretos com figuras masculinas já consolidadas no alto rendimento, um movimento frequentemente descrito por treinadoras em estudos sobre gênero e trajetória no esporte (Kilty, 2006; Goellner, 2005).

O trecho final da fala “nesse período começaram alguns torneios de praia”, antecipa um novo momento de inflexão. Ele sinaliza o surgimento de uma possibilidade ainda incipiente, que viria a se tornar central em sua carreira. A entrada na modalidade de vôlei de praia, ainda que embrionária nesse ponto do relato, introduz um novo contexto de atuação, com regras, dinâmicas e estruturas diferentes, exigindo da treinadora a capacidade de adaptação e reinvenção.

Do ponto de vista do Contexto de Atuação, esse momento marca o início de um deslocamento técnico e simbólico que exigirá de Letícia Pessoa a mobilização de saberes inéditos. Ela sai da estrutura mais institucionalizada do voleibol de quadra com clubes, categorias etárias e treinamentos em grupo, para um ambiente mais fluido, individualizado e estratégico, típico das competições emergentes de praia. Esse trânsito entre contextos demonstra versatilidade e um estilo de atuação que privilegia o aprendizado contínuo, a escuta do cenário esportivo em transformação e a coragem de ocupar novos territórios.

A transição de Letícia Pessoa do vôlei de quadra para o vôlei de praia se dá de modo quase orgânico, emergindo das relações interpessoais e das oportunidades que surgem em seu entorno imediato. A fala a seguir revela um momento liminar em sua trajetória, em que ela passa a habitar um novo território esportivo, impulsionada não por um projeto previamente estruturado, mas por uma conjunção de afetos, necessidades materiais e aberturas contextuais.

“E comecei a ser técnica, primeiro da quadra. Fui técnica do mirim do Fluminense. E nesse período começaram alguns torneios de praia.

E como eu tinha umas colegas que jogavam, Rose, Roseli, a Roseli inclusive foi de seleção brasileira, a Rose, elas me perguntaram se eu não queria dar treino pra elas. E aí eu comecei a dar treino pra elas e fazer torneozinhos de praia e começou a dar certo. Começamos a ganhar nisso, coincidiu com o Fluminense, que o Fluminense atrasava muito o pagamento.

E na época eu era menina e meus pais moravam em Petrópolis, eu morava sozinha com o pessoal do vôlei, com as amigas, com a Ida e com a Roseli. Então cheguei a ir a pé pro Fluminense dar treino. Então o vôlei de praia começou a me dar mais dinheiro, consegui fazer uns torneozinhos, as meninas começaram a ganhar, eu comecei a dar treino. E aí quando ele entrou no Mundial eu saí direto da quadra e fui pra praia. E aí nunca mais saí da praia. Os resultados vieram acontecendo, as duplas vieram me convidando, o esporte virou olímpico e aí eu não tive mais como sair.”

Essa transição da condição de atleta para o papel de treinadora, ainda que não intencional, ganha contornos mais definidos a partir de vínculos afetivos, oportunidades contingenciais e escolhas pragmáticas. Ao afirmar que começou como técnica do mirim do Fluminense, ela introduz a atuação formal em um espaço estruturado do voleibol de quadra, marcando o início da construção de sua identidade profissional a partir do campo técnico.

No entanto, é na sequência de sua fala que se revelam elementos decisivos dessa construção: a entrada no vôlei de praia não se deu por planejamento estratégico, mas por

meio de relações interpessoais com colegas atletas, Rose e Roseli, que a convidam para assumir a função de treinadora.

A linguagem coloquial de Letícia Pessoa, ao dizer “elas me perguntaram se eu não queria dar treino pra elas”, revela uma dinâmica relacional de reconhecimento prévio, anterior à institucionalização de sua autoridade técnica. Como indicam Côté e Gilbert (2009), a legitimidade do treinador muitas vezes nasce da confiança construída no micro contexto das interações sociais, mais do que de certificações formais.

Nesse ponto, observa-se o que Jean Côté (2006) denomina de figura de transição identitária: pessoas ou grupos que reconhecem e ativam a identidade de treinador no outro, contribuindo para que esse papel seja assumido com sentido. A trajetória de Letícia Pessoa, portanto, é marcada por essas mediações e intersecções entre relações pessoais e deslocamentos profissionais, que se tornam motores de mudança.

A entrada no vôlei de praia é, inicialmente, uma resposta à informalidade e à precariedade do contexto de quadra, como fica evidente na menção aos atrasos salariais do Fluminense. Isso introduz uma camada importante à análise: as condições materiais também moldam as escolhas profissionais, sendo parte constitutiva da identidade e da trajetória de treinadoras(es), especialmente mulheres, que muitas vezes enfrentam estruturas mais frágeis de apoio institucional.

Ao relatar que chegou a ir a pé para o Fluminense dar treino, Letícia Pessoa expõe não apenas sua resiliência e compromisso, mas também as condições adversas que precisou enfrentar enquanto jovem profissional vivendo sozinha. A ausência de uma rede familiar próxima e o compartilhamento de moradia com outras mulheres do vôlei revelam um contexto de autonomia forçada, que exige da treinadora estratégias de autossustentação e fortalecimento do próprio espaço de atuação. Essas experiências contribuem para formar um habitus profissional que combina resistência cotidiana, gestão de si e desenvolvimento de competências situadas, saberes que não se ensinam em cursos formais, mas se produzem na vivência concreta do esporte (Cushion et al., 2019).

A partir desse momento, o foco desloca-se gradualmente para o eixo dos Saberes, ressaltando como o conhecimento de Letícia se constrói na prática e pela experiência compartilhada, articulando o que aprendeu como atleta, professora e treinadora.

À medida que os “torneiozinhos” de praia vão dando certo e os resultados começam a emergir, Letícia Pessoa se vê progressivamente deslocando sua atuação da

quadra para a areia. Quando afirma “quando ele entrou no Mundial eu saí direto da quadra e fui pra praia”, ela indica uma mudança decisiva de eixo profissional, impulsionada por conquistas concretas.

O uso do tempo verbal no passado seguido do presente contínuo (“nunca mais saí da praia”) reforça a consolidação de uma nova identidade, agora associada ao vôlei de praia e sustentada por resultados, convites e reconhecimento progressivo. O fato de as duplas passarem a convidá-la, aliado à transformação do vôlei de praia em esporte olímpico, consolida a legitimação pública de sua autoridade técnica, conectando performance, visibilidade e reconhecimento social (Côté & Gilbert, 2009; Cushion, Armour, & Jones, 2003).

Essa reconfiguração profissional evidencia a capacidade de Letícia Pessoa em identificar oportunidades e transformá-las em plataformas de afirmação. Sua narrativa revela uma prática de liderança que se constrói na experiência, na escuta, na adaptabilidade e na resposta criativa a contextos incertos.

A ausência de um planejamento formal é compensada por um repertório de saberes situados e relações de confiança que fortalecem sua posição no campo. A maestria aqui não é apenas técnica, mas também ética e relacional, composta por decisões que exigem coragem, entrega e sensibilidade para lidar com os desafios do esporte de alto rendimento em tempos de transição e informalidade estrutural.

Essa forma de atuação condiz com o que Mallett e Lara-Bercial (2016) descrevem como um perfil de treinador que aprende no e com o fazer, produzindo conhecimento na ação e por meio dela, dimensão central da profissionalização de treinadoras campeãs.

Assim, o trecho revela um momento emblemático da consolidação de Letícia Pessoa como treinadora, em que identidade, competência e contexto se entrelaçam. Sua trajetória é marcada por escolhas ético-políticas, por uma resistência silenciosa às condições desfavoráveis e pela capacidade de afirmar-se em um espaço que, até então, não dava “muita bola” para o vôlei de praia e muito menos para mulheres à frente de duplas femininas. A partir daí, sua atuação no cenário olímpico se desenha não como um destino óbvio, mas como consequência de um processo contínuo de inserção, legitimação e reinvenção profissional.

Aqui, torna-se evidente a articulação entre os Saberes mobilizados e o Contexto em que Letícia atua. As condições materiais, as relações de gênero e as transformações

estruturais do esporte configuram um cenário que molda continuamente sua prática e identidade.

A seguir, Letícia Pessoa relembra algumas das experiências mais significativas vividas ao longo de sua trajetória como treinadora, transitando entre momentos iniciais de afirmação profissional e conquistas de grande visibilidade no cenário esportivo internacional. Sua fala mescla episódios vividos na quadra e na praia, com destaque para vitórias simbólicas, classificações olímpicas e conquistas mundiais.

Esses episódios não são apenas lembranças de desempenho esportivo, mas funcionam como âncoras afetivas e identitárias, revelando o modo como a treinadora atribui sentido ao próprio percurso.

A forma como ela articula essas memórias ora emocionada, ora técnica, ora nostálgica, permite entrever a complexidade de sua identidade profissional e o modo como constrói legitimidade em um campo historicamente masculino. Além disso, a escolha de destacar uma vitória com um time infantil e, mais adiante, lembrar a morte de Isabel no contexto da classificação olímpica, evidencia uma sensibilidade que atravessa os registros técnico e afetivo.

Esses elementos convidam a uma leitura atenta à transversalidade de gênero, competência e reconhecimento, especialmente quando consideramos que Letícia Pessoa ocupa um lugar de exceção: uma mulher treinadora em um universo ainda marcado por desigualdades de gênero e disputas por autoridade técnica (Goellner, 2007a; Kilty, 2006; Knijnik, 2012).

A narrativa prossegue com perguntas pontuais sobre sua formação e o início da trajetória profissional, revelando dados objetivos que se articulam com aspectos identitários mais profundos, mesmo que não declarados diretamente.

“Qual que é a sua formação universitária?”

— Eu sou professora de Educação Física.

Sua trajetória, ela iniciou em que ano? Você tinha 18 anos, mas isso foi...

— Ah, de 82 a 86, mais ou menos.”

A escolha por cursar Educação Física entre os anos de 1982 e 1986 insere Letícia Pessoa num cenário histórico e institucional ainda pouco aberto à presença de mulheres em cargos técnicos no esporte de alto rendimento.

Como aponta Goellner (2005, 2013), esse período foi marcado por uma estrutura profundamente hierárquica e masculinizada, em que a autoridade esportiva era construída com base em atributos tradicionalmente associados ao universo masculino. A decisão de seguir na carreira docente e esportiva, portanto, já sinaliza um primeiro gesto de enfrentamento simbólico, ainda que não explicitado como tal em sua fala.

Ao se referir à sua formação universitária de maneira objetiva e sem ênfase emocional “sou professora de Educação Física”, Letícia Pessoa apresenta sua trajetória acadêmica como uma etapa natural de seu processo profissional, sem transformá-la em marco solene ou ritualizado.

Essa forma de narrar, desprovida de grandes destaques, revela uma identidade assentada na ação cotidiana e no compromisso prático com o ofício, em sintonia com o que autores como Trudel, Culver e Werthner (2013) e Nash e Collins (2006) identificam como traço típico de treinadores experientes: a integração entre o saber formal e os saberes construídos pela prática ao longo do tempo.

A maneira como Letícia Pessoa menciona o início de sua trajetória “de 82 a 86, mais ou menos”, também aponta para uma relação afetiva e não linear com o tempo. A ausência de exatidão cronológica sugere que os eventos de sua vida profissional não são memorizados por datas, mas por experiências vividas, sentidos atribuídos e transformações internas.

Essa percepção está alinhada à compreensão de identidade como processo contínuo e não fixo, tal como discutido por Beijaard et al. (2004) e Sparkes e Dowling (2016). Sua fala parece construir, mais do que descrever, o percurso que percorreu, reafirmando o caráter performativo e em constante reconstrução da identidade profissional.

Ainda que não fale diretamente sobre os marcadores sociais que atravessam sua posição no campo esportivo, é possível ler entre as linhas da narrativa uma articulação complexa entre gênero, trajetória profissional e campo técnico. Esses elementos não operam isoladamente, mas se entrelaçam continuamente, produzindo tensões, desafios e também formas singulares de atuação e reconhecimento.

Essa perspectiva dialoga com autores que abordam a interseccionalidade como uma lente para compreender como diferentes dimensões identitárias se cruzam de maneira situada e relacional (Crenshaw, 1991; Collins, 2000).

Depois de situar os fundamentos de sua formação e primeiros desafios profissionais, a entrevista avança com a entrevistadora retomando questões sobre as experiências marcantes na trajetória da treinadora. A resposta de Letícia Pessoa é extensa e carregada de memória afetiva, construindo um mosaico de momentos que, embora aparentemente dispersos, revelam os pilares simbólicos de sua identidade profissional:

“Nessas suas experiências esportivas, tanto como atleta, como treinador, quais você considera mais marcantes nessas experiências?

— Ah, cara, eu acho que eu tive uma experiência muito boa na quadra. Uma vez eu treinei um time que era infantil, e aí era o time da Lufkin, na época, era um time que tinha dinheiro, né? O pessoal dava lanche, escola, um dinheirinho para as atletas, e o meu time era um time formado no Fluminense, com algumas reservas que vinham desses lugares, e a gente conseguiu ganhar um campeonato infantil aí, com esse time, e foi uma experiência primeira vencedora, primeira vez que eu consegui vencer um campeonato, né? E eu era muito nova, fiquei muito empolgada e tudo.

Depois eu acho que foi as Olimpíadas de Sydney, né? O sonho realizado, as primeiras Olimpíadas. Talvez eu pudesse ter ido antes, mas a forma de classificação não me deixou ir antes, porque o meu time tinha mais pontos, mas não do ano anterior.

Então essa foi uma experiência lá em Sydney muito boa, de ter ido à Olimpíada. Tem umas coisas marcantes, assim, campeonato mundial com o Emmanuel e com o Alisson. Ganhei dois com a Shelda e com a Adriana, mas com o Emmanuel e com o Alisson foi muito... Porque fazia dez anos que eu não ganhava um campeonato mundial e com o masculino também, e foi muito marcante, Roma.

Esse campeonato foi muito especial. A classificação agora da Carol e da Bárbara para a Olimpíada foi uma coisa também muito especial, porque teve a morte da Isabel, que eu tinha sido técnica dela, e a Carol segurou

muita onda, e a Carol é uma menina que eu peguei no colo. Então a classificação para Paris foi uma coisa muito marcante, um time que ninguém acreditava e que acabou classificando.

Então esse também foi um momento marcante. Um momento marcante também foi em 98 com a Shelda e com a Adriana. A gente ganhou, nem existe mais, os Jogos da Amizade no Central Park, no Mundo Games.

Então também foi um momento muito especial. Então sim, são vários. Eu acho que eu lembrarei... Nada como a experiência.”

A narrativa de Letícia Pessoa percorre um trajeto emocional e técnico que revela como sua identidade profissional é atravessada pela vivência prática, pela memória afetiva e pelo compromisso com a excelência. Ela não organiza os momentos por ordem cronológica ou por importância institucional, mas por intensidade simbólica um indicativo de que sua identidade está fortemente vinculada à experiência vivida e ao reconhecimento emocional que ela atribui a essas conquistas.

O primeiro episódio citado, a vitória com o time infantil do Fluminense contra uma equipe mais estruturada, representa o que Wenger (1998) chamaria de “evento de legitimação” dentro de uma comunidade de prática: é nesse momento que Letícia Pessoa se reconhece e é reconhecida como técnica capaz de produzir resultados, mesmo em contextos de desigualdade estrutural. A empolgação juvenil que ela menciona revela também o caráter formativo dessa vitória na construção de sua autoconfiança e de sua autoimagem como treinadora.

Na continuidade de sua narrativa, Letícia Pessoa menciona as Olimpíadas de Sydney como um “sonho realizado”, Letícia Pessoa explicita o valor simbólico que a presença nesse evento tem para sua trajetória. A frustração de não ter ido antes apesar de ter uma equipe pontuada, explicita as tensões entre mérito técnico e critérios burocráticos de classificação, que muitas vezes escapam do controle do treinador.

Esse detalhe revela o quanto a trajetória de treinadores no alto rendimento é permeada por fatores extrínsecos, como decisões institucionais, políticas esportivas e regras específicas de ranqueamento, o que torna ainda mais relevante a resiliência e a persistência no percurso profissional.

Ao citar vitórias com atletas como Emmanuel, Alisson, Shelda e Adriana, Letícia Pessoa compartilha momentos de glória que reafirmam sua competência técnica e seu reconhecimento no cenário internacional. No entanto, a escolha das palavras “foi

muito marcante”, “foi muito especial” indica que o valor dessas conquistas não está apenas no troféu, mas na superação de longos períodos de espera e na ressignificação da vitória como um processo de continuidade e renovação. É o que Cushion et al. (2019) chamam de “ciclos de reconfiguração identitária”, em que a treinadora reinventa seu lugar no campo por meio da atualização constante de seu repertório técnico, relacional e emocional.

A referência à classificação de Carol e Bárbara para Paris, envolta na memória da morte de Isabel e na imagem da Carol “que eu peguei no colo”, introduz um elemento profundamente humano, ético e afetivo na construção da identidade profissional.

Trata-se de uma dimensão relacional da maestria a capacidade de formar, acompanhar, acolher e conduzir atletas ao longo da vida, não apenas na quadra ou na areia. Essa dimensão, como discutem Poczwadowski, Barott e Jowett (2006), reforça a ideia de que treinadores de excelência são aqueles que constroem vínculos duradouros, oferecendo suporte técnico e emocional em diferentes fases da vida esportiva dos atletas.

A fala também evoca transversalidades importantes: Letícia Pessoa narra com naturalidade sua atuação em diferentes contextos (masculino e feminino, juvenil e adulto, nacional e internacional), o que desafia os estereótipos de especialização de gênero na carreira técnica.

Ela transita entre mundos que são, historicamente, de domínio masculino, sem precisar afirmar isso explicitamente. Essa transversalidade entre gênero, tempo, modalidade e afetos revela o que Crenshaw (1991) define como interseccionalidade: Letícia Pessoa está no cruzamento de múltiplos marcadores sociais e simbólicos, o que confere complexidade e força à sua atuação no esporte de alto rendimento.

Por fim, o fecho da fala “nada como a experiência”, funciona como uma síntese existencial. Longe de se apoiar apenas na técnica ou na ciência, Letícia Pessoa reivindica o valor da trajetória vivida, da aprendizagem acumulada e da sabedoria prática construída ao longo de décadas.

É essa sedimentação da experiência que sustenta sua maestria, como propõe Rosado (2016), ao descrever treinadores de excelência como profissionais reflexivos que integram valores, conhecimento e prática em um projeto de vida ético e comprometido.

Em resposta a uma pergunta direta sobre como se enxerga enquanto treinadora e enquanto pessoa, Letícia Pessoa inicia sua fala destacando uma dimensão afetiva e visceral da prática profissional. Suas primeiras palavras revelam não apenas o traço de um perfil técnico, mas um modo de ser profundamente conectado à sua missão no esporte.

Ao abordar sua filosofia de trabalho, a narrativa retorna ao eixo da Identidade, agora consolidada na maturidade profissional. A reflexão sobre paixão e propósito revela a integração entre quem ela é e o modo como ensina e lidera.

“Eu acho que, primeiro, como treinadora, eu sou apaixonada pelo que eu faço.

Então, assim, vem de dentro de mim todos os dias.”

A escolha da palavra “apaixonada” para definir seu modo de atuar já revela uma identidade profissional movida por propósito e intensidade, mais do que por obrigação ou rotina. Essa paixão “que vem de dentro” configura o que alguns autores descrevem como um comprometimento vocacional, que ultrapassa os limites das funções técnicas e se inscreve no campo da missão de vida (Mallett & Lara-Bercial, 2016; Rosado, 2021).

Letícia Pessoa não define sua atuação a partir de competências técnicas ou conquistas, mas sim por uma força interior cotidiana, renovada todos os dias. Isso se alinha à concepção de identidade em movimento, proposta por Beijgaard et al. (2004), em que o profissional não se apoia apenas em títulos, mas em um senso contínuo de pertencimento, propósito e reinvenção.

A “paixão que vem de dentro” pode ser lida como uma manifestação do self em ação, ou seja, da integração entre identidade pessoal e profissional, como discutido por Nascimento e Graça (2017), ao analisarem a presença do “eu inteiro” na atuação de treinadores.

Além disso, a constância descrita por Letícia Pessoa, “todos os dias” pode ser interpretada como um sinal de resiliência emocional e autodisciplina, competências fundamentais na trajetória de treinadores vencedores em série (Côté & Gilbert, 2009). A capacidade de manter o entusiasmo de forma estável, em um ambiente altamente competitivo, indica um domínio sobre os próprios estados internos, o que, segundo Gould et al. (2007), caracteriza profissionais de alta performance.

O uso do termo “vem de dentro” sugere ainda uma pedagogia encarnada, em que o ensinar e o treinar não são processos distanciados ou impessoais, mas atravessados pela história, pelos afetos e pelos valores da treinadora. Essa concepção de prática como expressão de si tem forte ressonância com a noção de prática reflexiva incorporada (Cushion, 2007), em que o corpo, a emoção e a ação constituem uma unidade na experiência de ensinar.

Por fim, ao trazer uma perspectiva afetiva, Letícia Pessoa também tensiona a lógica tradicional do esporte de alto rendimento, frequentemente associada a frieza, resultados e performance bruta. Ao contrário disso, ela inaugura uma visão de maestria que integra emoção, entrega e ética do cuidado, o que se conecta diretamente à abordagem da transversalidade de marcadores de gênero, em um campo historicamente masculinizado, como o da autoridade técnica. Sua paixão não é performada como um atributo romântico, mas como um modo legítimo de presença profissional.

Logo após declarar sua paixão pelo ofício, Letícia Pessoa traz uma cena do cotidiano, conectando sua vivência presente com o que entende como essência de sua identidade profissional. Ela menciona uma conversa ocorrida no próprio dia do treino, revelando a continuidade entre discurso e prática, um dos traços mais fortes de autenticidade na maestria de treinadores em ambientes de alta exigência.

“Por acaso, a gente conversou isso hoje no treino.

Não tem um dia que eu não chegue.

Eu sempre chego do mesmo jeito, animada com o objetivo, os objetivos que eu tenho para a semana, para o treino, com o objetivo, muito determinada.”

A fala de Letícia Pessoa transborda energia e consistência. O fato de ela mesma destacar que não há um dia sequer em que não chegue com disposição ao treino revela um elemento central de sua identidade: a presença plena e constante como marca da profissional que é. Sua “chegada animada” todos os dias remete a uma postura que não apenas cumpre uma função, mas cria ambiente, mobiliza energia coletiva e sustenta um modelo de entrega constante, característica também identificada por Lara-Bercial e Mallett (2016) nos estudos com treinadores campeões em série (Serial Winning Coaches).

O uso da repetição “com o objetivo, os objetivos que eu tenho para a semana, para o treino, com o objetivo” não representa uma falha de fala, mas enfatiza o caráter intencional e estratégico de sua prática. A animosidade descrita por Letícia não expressa um traço emocional aleatório, e sim uma energia direcionada a metas concretas e planejadas, evidenciando a presença articulada de paixão e foco, elementos que, segundo Côté e Gilbert (2009), estruturam o agir competente de treinadoras(es) de excelência.

Essa relação entre emoção e direção, entusiasmo e planejamento, demonstra o que Cushion et al. (2010) descrevem como pensamento-in-ação: um tipo de conhecimento que é reflexivo, porém operacionalizado no próprio fazer, no ato pedagógico cotidiano. A constância do comportamento “sempre chego do mesmo jeito”, contribui ainda para a estabilidade do ambiente de treino, o que, segundo Jowett e Poczwadowski (2007), é essencial para construir relações de confiança com os atletas.

Além disso, Letícia Pessoa afirma sua determinação como um traço que não se opõe à afetividade, mas a complementa. Em um campo frequentemente marcado por modelos autoritários e hierárquicos de comando (como apontado por Kilty, 2006, ao estudar a masculinização da autoridade esportiva), Letícia Pessoa apresenta um modelo de liderança que combina consistência emocional, clareza de objetivos e coerência de atitude.

Essa performance da autoridade, que não se funda na rigidez, mas na presença ativa e comprometida, oferece também uma leitura interseccional importante: ao se colocar como mulher em um espaço de comando técnico e ao fazê-lo de maneira firme e sensível ao mesmo tempo, Letícia Pessoa desafia as normas de gênero que historicamente associaram competência à frieza ou à virilidade. O seu “chegar animada” se torna, assim, um gesto simbólico de reinvenção da autoridade feminina no esporte.

Essa dimensão subjetiva do fazer profissional também se traduz em Saberes tácitos, modos de agir, decidir e se relacionar, que expressam a sabedoria acumulada na prática e constituem um patrimônio formativo da treinadora.

Em seguida, Letícia Pessoa explicita um momento de virada em sua trajetória. O amadurecimento profissional e pessoal se apresenta como motor de transformação na forma como ela escolhe conduzir sua prática. A passagem revela não apenas uma mudança de atitude, mas a cristalização de um ethos profissional, construído ao longo de anos de dedicação.

“Agora, amadurecendo, eu cheguei à conclusão que eu não quero mais perder tempo.

E eu falo isso hoje em dia.

Eu não treino mais atleta que não quer. Entendeu?”

Esse movimento confirma a ideia de agência profissional ancorada em valores e critérios próprios (Beijaard et al., 2004), e converge com Cushion (2007) e Jones e Wallace (2005) ao evidenciar a natureza adaptativa da prática: a treinadora reorganiza o plano diante de constrangimentos sem abrir mão de sua intencionalidade ética e pedagógica.

Nesta declaração, Letícia Pessoa revela um ponto de inflexão importante na construção de sua identidade e maestria. A noção de “amadurecimento” aparece como um marco que separa fases da carreira, sinalizando um processo de depuração dos valores e critérios que orientam sua prática.

Ao afirmar que “não quer mais perder tempo”, ela expressa não apenas um cansaço, mas uma clareza construída com a experiência: a de que tempo, energia e dedicação são recursos que precisam ser aplicados com sentido e reciprocidade.

Essa atitude de selecionar quem treina, “eu não treino mais atleta que não quer” se insere diretamente na lógica da autonomia profissional, que, segundo Gilbert e Trudel (2004), é uma das marcas dos treinadores experientes: a capacidade de tomar decisões pedagógicas e estratégicas a partir de um saber consolidado e de um juízo próprio sobre o que é produtivo em um ambiente de alto rendimento.

O critério que Letícia Pessoa estabelece o querer do atleta é revelador. Não se trata de resultado, desempenho técnico ou currículo, mas de disposição interna, engajamento subjetivo e entrega emocional. Isso ecoa as discussões de Cushion et al. (2006) sobre a importância da motivação e da atitude como elementos que influenciam a eficácia da relação treinadora(or)-atleta(as). Letícia Pessoa parece operar a partir de um modelo relacional que exige comprometimento mútuo, onde o desejo de crescer e competir é compartilhado entre ambos.

Essa postura, embora assertiva, também evidencia um movimento de reivindicação ética e afetiva: ela não mais aceita gastar suas reservas emocionais com atletas que não estão presentes de verdade na experiência de treinar. Isso é coerente com a perspectiva de coaching como prática situada e relacional, como defendem Jones,

Armour & Potrac (2004), em que o processo não é unilateral, mas construído na interação.

Neste ponto, a análise interseccional se faz presente de forma sutil, pois Letícia Pessoa, enquanto mulher treinadora, atua em um espaço que, historicamente, não apenas espera que mulheres “provem o tempo todo que são competentes” (Goellner, 2008), mas também exige delas uma carga afetiva desproporcional, como se o cuidado fosse obrigação naturalizada.

Ao inverter essa lógica e afirmar sua autonomia tanto na escolha dos atletas quanto na gestão do tempo e da energia, Letícia Pessoa assume um lugar de autoridade que desafia o modelo sacrificial feminino e constrói, por si, um outro modelo de liderança: ético, seletivo e consciente de seus limites e objetivos.

Ao refletir sobre as renúncias exigidas por sua trajetória no esporte de alto rendimento, Letícia Pessoa revela a profundidade do compromisso assumido com sua carreira e os impactos disso em sua vida pessoal e afetiva.

“Então, assim, foram muitos sacrifícios, muito tempo longe de casa.

Talvez eu tenha aberto mão até de ser mãe, porque eu queria me dedicar integralmente ao que eu fazia.”

Este trecho escancara a face invisível da excelência: os custos subjetivos e emocionais que muitas vezes permanecem silenciados nos discursos de sucesso. A fala de Letícia Pessoa é reveladora ao apontar os “sacrifícios” como parte constitutiva de sua trajetória, evidenciando como a maestria no esporte não se constrói apenas com vitórias e títulos, mas também com renúncias íntimas, escolhas difíceis e limites pessoais ultrapassados.

Ao mencionar a possibilidade de ter “aberto mão até de ser mãe”, Letícia Pessoa toca em uma das questões mais sensíveis da intersecção entre gênero e atuação profissional. Essa afirmação conecta-se diretamente às discussões de Goellner (2008, 2013) e Kilty (2006) sobre como as mulheres treinadoras enfrentam pressões específicas para provar sua competência em um campo ainda profundamente masculinizado, no qual a dedicação total ao esporte frequentemente se choca com os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres na esfera privada.

Essa renúncia potencial à maternidade também pode ser lida como uma consequência do contexto de atuação: o esporte de alto rendimento, com sua lógica

intensa, itinerante e exigente, impõe ritmos de trabalho e deslocamentos constantes que tornam praticamente incompatível o exercício simultâneo de funções familiares.

Esse ponto é sustentado por estudos como os de Vieira (2020), que mostram como muitas treinadoras relatam a dificuldade de manter vínculos pessoais duradouros ou de exercer a maternidade da forma que gostariam, justamente pelo excesso de demandas profissionais.

Ao mesmo tempo, a fala de Letícia Pessoa expressa um traço de agência pessoal, que ressoa com a concepção de identidade profissional como projeto autoral (Beijaard et al., 2004; Amaral & Galatti, 2021).

Ela não se apresenta como vítima do sistema, mas como alguém que fez escolhas deliberadas para se dedicar “integralmente ao que fazia”, revelando um senso de missão que ultrapassa os limites do planejamento de carreira e adentra o campo da vocação.

Essa entrega total à profissão também dialoga com os saberes relacionais e éticos destacados na sua prática não é apenas técnica, mas atravessada por um compromisso afetivo e por uma ética do cuidado o que, paradoxalmente, a leva a abdicar de cuidar de si e de sua própria história familiar em nome do coletivo.

Isso expõe o tensionamento entre o ideal de dedicação absoluta e os riscos de uma identidade profissional absorvente, que se confunde com o próprio sujeito, como alertam Cushion et al. (2006) e Jones & Wallace (2005).

Por fim, há um deslocamento relevante: Letícia Pessoa fala da maternidade não como ausência ou frustração, mas como algo que talvez tenha sido deixado para trás por decisão própria. Ainda que essa escolha carregue dor e ambiguidade, ela também afirma uma forma de liberdade, uma recusa a se submeter aos roteiros de feminilidade esperados, optando por construir uma identidade pública fundamentada na competência, na entrega e na liderança.

Desse ponto em diante, o eixo Contexto se intensifica, pois a treinadora passa a refletir sobre o ambiente esportivo e suas dinâmicas de exigência, evidenciando como as condições de trabalho e as estruturas institucionais atravessam sua trajetória.

Letícia Pessoa prossegue revelando o que sustenta sua permanência no esporte: não apenas a paixão, mas também o prazer da competição e a busca constante por excelência. Suas palavras reforçam um ethos vinculado à intensidade e ao sentido, em oposição à rotina sem propósito.

“E, assim, eu gosto de ganhar.

A adrenalina está batendo.

Então, assim, só vai valer a pena se eu chegar inteira nos treinos, se eu tiver condição de estar entre os quatro numa competição.

Fazer por fazer não vale a pena, entendeu?

Eu nunca seria uma pessoa que ia lá bater cartão.”

A afirmação de que “gosta de ganhar” e que “a adrenalina está batendo” introduz uma dimensão emocional e sensível da prática esportiva que é, ao mesmo tempo, combustível e critério de permanência. Letícia Pessoa não apenas tolera a pressão da competição, ela se alimenta dela. O prazer de estar “entre os quatro” não é uma exigência de performance externa, mas um pacto interno de sentido: competir para vencer, e vencer com integridade “chegar inteira nos treinos”.

Essa ideia de “chegar inteira” é, em si, uma chave de leitura potente. Ela sinaliza uma visão de maestria que não se resume a resultados técnicos, mas à preservação da vitalidade, do engajamento e da saúde emocional.

A integridade, aqui, é tanto física quanto subjetiva, o que se articula com o conceito de expertise como prática sustentável e reflexiva, como proposto por Trudel et al. (2013) e Gilbert & Côté (2013).

A recusa de “fazer por fazer” e de “bater cartão” reforça o afastamento de Letícia Pessoa de modelos mecanizados ou burocratizados de atuação. Sua prática é intencional, dirigida por metas claras e pela consciência de que o treino, para ser legítimo, precisa ter propósito.

Essa rejeição da lógica do “cumprir tabela” se alinha à crítica feita por Cushion et al. (2006) ao que chamam de “coaching automatizado”, que ignora os aspectos relacionais, éticos e situacionais do treinamento. Letícia Pessoa representa o oposto: uma treinadora para quem cada sessão, cada competição e cada ciclo de trabalho precisam ter significado.

Ao mesmo tempo, seu discurso revela uma profissional que já passou pelas fases iniciais de afirmação e que agora, madura, define suas próprias condições de engajamento.

Isso ecoa a noção de treinador experiente como alguém que constrói, ao longo do tempo, uma bússola própria, uma ética autoral, como discutem Jones et al. (2004). Essa bússola é composta tanto de critérios técnicos quanto afetivos e morais, e Letícia

Pessoa demonstra essa integração ao afirmar que não se envolve em projetos que não mobilizam sua vontade e seu corpo por inteiro.

Por fim, a recusa de “bater cartão” também é uma rejeição simbólica ao papel passivo que ainda é socialmente aceito para algumas mulheres no campo esportivo, inclusive como treinadoras auxiliares ou figuras secundárias. Letícia Pessoa se posiciona como protagonista, dona de sua trajetória e de suas escolhas, o que também representa uma ruptura com modelos de liderança centrados na obediência e na repetição. Ela constrói uma autoridade que emana da paixão, do saber acumulado, mas também da firmeza em delimitar o que vale e o que não vale seu tempo.

“Então, acho que, como treinadora, é isso.

Mas, como pessoa, eu sou a falsa... O Adriano sabe disso.

Aquela pessoa que é a falsa... Pô, a Letícia Pessoa é muito rígida. A Letícia Pessoa é muito... Porra, é brigona, não sei o quê. Eu sou uma banana.”

Nesse momento da entrevista, Letícia Pessoa desloca o foco da dimensão profissional para revelar aspectos da sua subjetividade como pessoa. O contraste entre a imagem pública construída e a percepção íntima de si mesma revela tensões identitárias profundas e elementos cruciais de sua trajetória como mulher e treinadora.

A oposição que Letícia Pessoa constrói entre sua figura de treinadora e sua identidade pessoal explicita uma dinâmica recorrente entre performance pública e vivência privada. Ao afirmar que é vista como “brigona” e “rígida”, mas se autodefine como “uma banana”, ela revela os esforços de construção de uma persona profissional que lhe permita ocupar com legitimidade um espaço de comando técnico especialmente em um ambiente tradicionalmente masculinizado como o do vôlei de praia de alto rendimento.

Na continuidade de sua fala, Letícia Pessoa resgata uma memória afetiva profundamente significativa, envolvendo uma das figuras centrais de sua trajetória: sua mãe. A lembrança evoca um momento de confronto entre entrega profissional e reconhecimento familiar, revelando camadas importantes da subjetividade que atravessa sua identidade como treinadora:

“E tem uma época que a minha mãe falou pra mim assim, não vale a pena.

Você dá a sua vida, você faz tudo pelos atletas.

Aí, agora, nessa Olimpíada última de Paris, ela falou, eu gostaria que você fosse igual, você fazia tudo pelos atletas.”

Esse trecho sintetiza com intensidade os tensionamentos vividos por muitas mulheres que atuam em espaços de alta exigência e visibilidade. A oscilação entre o alerta “não vale a pena” e o reconhecimento “gostaria que você fosse igual”, expressa a ambivalência intergeracional em relação ao sacrifício profissional feminino.

Inicialmente, a entrega de Letícia Pessoa era vista como exagerada, quase uma renúncia de si em função do outro. Mais tarde, a mesma postura passou a ser admirada como virtude, reafirmando o quanto o reconhecimento das mulheres, sobretudo no esporte de alto rendimento, muitas vezes chega tardiamente.

A fala da mãe, nesse sentido, atua como um espelho social e afetivo. De um lado, ela denuncia as estruturas esportivas que naturalizam a dedicação incondicional de mulheres treinadoras, como se essa entrega fosse um pré-requisito para que elas fossem aceitas e respeitadas. De outro, evidencia o valor simbólico e transformador do cuidado, um cuidado que Letícia Pessoa exercia com intensidade, mesmo quando isso significava ultrapassar os limites da quadra e da função técnica.

Essa lembrança também permite vislumbrar a complexa construção de sua autoridade profissional, que não se firmou apenas por meio do domínio técnico ou da rigidez disciplinar, mas pelo afeto, pela escuta e pela presença constante na vida dos atletas.

Conforme destacam Souza (2023) e Sanchotene (2024), essas dimensões do trabalho das treinadoras são frequentemente desvalorizadas ou invisibilizadas, embora sejam determinantes na construção de vínculos, na coesão do grupo e, muitas vezes, nos próprios resultados esportivos.

Letícia Pessoa ressignifica a lógica do cuidado como um valor estratégico e político. Ela transforma aquilo que poderia ser lido como excesso emocional ou fragilidade em potência formativa em uma maestria relacional que vai além da performance e se ancora em vínculos humanos.

Sua prática interpela os discursos meritocráticos e masculinizados que ainda predominam no esporte de elite, como argumentam Goellner (2008) e Medeiros, Melo

& Moura (2023), ao afirmar que o sucesso também pode e deve ser construído por outras vias, inclusive por meio da sensibilidade.

Ao trazer à tona essa lembrança, Letícia Pessoa reafirma a inseparabilidade entre a mulher e a treinadora, entre a subjetividade e a atuação profissional. Essa integração entre dimensões pessoais e institucionais revela, mais uma vez, que sua identidade não é construída pela negação de quem é, mas pela afirmação consciente de um modo singular de ser e estar no esporte.

Na continuidade da reflexão, Letícia Pessoa traz à tona um elemento central de sua filosofia de trabalho: a exigência como expressão de compromisso. Ao distinguir sua atuação no vôlei de praia daquela adotada nas quadras, ela revela como a especificidade do contexto molda suas estratégias de liderança e gestão do grupo.

“Que foi assim que você conseguiu ir.

Então, assim, eu sou... Lógico, eu cobro. Eu tenho um nível de exigência alto.

Mas o vôlei de praia, ele... A convivência é muito grande. Eu não vou cortar ninguém.

Até uma vez, eu comecei isso com o Bernardinho.

E lá na quadra, lógico, são só os melhores. O cara não está bem, eu corto.

Eu não, eu tenho que fazer daquele time o melhor que eu puder.”

Ao expor seu alto nível de exigência e a decisão de “não cortar ninguém”, Letícia Pessoa evidencia um modelo de liderança baseado não na exclusão dos que não performam, mas na construção de excelência com os recursos disponíveis.

A convivência intensa no vôlei de praia, modalidade que demanda vínculos fortes entre técnico e dupla exige uma abordagem menos hierárquica e mais colaborativa. Sua fala demonstra uma habilidade adaptativa essencial, alinhada à complexidade do contexto, conforme discutem Cushion et al. (2006) e Jones et al. (2004).

Ela revela uma concepção de maestria ancorada na capacidade de transformar limitações em potência. A busca por “extrair o máximo de cada time” expressa um saber relacional e pedagógico que valoriza a singularidade dos atletas. Trata-se de uma liderança que não substitui, mas investe, molda, acompanha. Isso dialoga com Trudel e

Gilbert (2006), que apontam essa habilidade como traço distintivo de treinadores experientes e reflexivos.

Ao mencionar Bernardinho, Letícia Pessoa não apenas diferencia estilos, mas demarca sua identidade autoral no campo esportivo. Ainda que reconheça grandes nomes, constrói sua autoridade a partir de escolhas éticas, pedagógicas e afetivas próprias.

Essa forma de liderança, marcada pela escuta e pelo compromisso, frequentemente é lida de forma enviesada quando exercida por mulheres, como destacam Goellner (2008), Kilty (2006) e Perondi (2023), sendo associada a fragilidade ou “maternagem” em vez de competência. Letícia Pessoa subverte esse imaginário ao assumir a exigência como método e transformar o cuidado em performance.

Essa filosofia de trabalho ganha contornos concretos quando Letícia Pessoa comenta sua atuação com a atleta Rebeca, exemplificando como sua exigência se traduz em investimento contínuo no desenvolvimento das atletas sob sua responsabilidade:

*“Agora, atualmente, eu estou nesse processo com a Rebeca.
A Rebeca é uma craque. É mesmo.
Fiquei até espantada, porque já sabia do talento dela, mas quando veio treinar, ficou ainda mais evidente: ela tem um repertório técnico impressionante e uma capacidade de execução acima da média.
Só que o meu objetivo é transformar aquilo em medalha.
Porque ela não ganhou nem um terço do que a categoria dela mostrou.”*

Letícia Pessoa revela aqui um núcleo essencial de sua prática: a capacidade de reconhecer o talento em sua forma potencial e assumir a responsabilidade de conduzi-lo à sua máxima realização.

Ao afirmar que Rebeca “não ganhou nem um terço do que a categoria dela mostrou”, Letícia Pessoa identifica lacunas entre dom e resultado, lacunas que ela se propõe a superar. Essa postura está alinhada à ideia de “saber de transformação” (Lara-Bercial & Mallett, 2016), que define treinadores capazes de mobilizar recursos humanos brutos e levá-los à excelência.

Sua escuta sensível e sua leitura apurada do gesto, do corpo e da intenção da atleta evidenciam uma forma de liderança formadora aquela que, mais do que treinar para a vitória, forma para o crescimento.

Essa concepção é sustentada por Potrac, Jones e Nelson (2014), que destacam o papel da escuta pedagógica e do vínculo afetivo na construção de processos de ensino-aprendizagem duradouros.

Letícia Pessoa também explicita sua indignação com a falta de reconhecimento que recai sobre uma atleta mulher, mesmo quando o talento é evidente. Sua tentativa de “transformar aquilo em medalha” não é apenas desejo por performance, mas afirmação de justiça simbólica: a garantia de que o talento feminino receba o reconhecimento que lhe é devido.

Como mostram Goellner (2013) e Medeiros, Melo e Moura (2023), as assimetrias de gênero afetam não só o acesso, mas também os percursos de visibilidade e consagração no esporte. Letícia Pessoa, nesse sentido, atua como mediadora entre o potencial e o lugar de visibilidade merecido. Essa prática evidencia um entrelaçamento de competências técnicas, éticas e relacionais que compõem a maestria no alto rendimento, uma maestria que acredita no outro, mesmo quando o sistema insiste em invisibilizá-lo.

A seguir, Letícia Pessoa retoma sua autoimagem como treinadora, reafirmando não apenas traços de sua personalidade, mas também os fundamentos que sustentam sua permanência no esporte de alto rendimento. Ao falar de sua pontualidade, sua paixão e de como encara o treino como um espaço que exige entrega total, ela constrói uma narrativa de excelência cotidiana, na qual o detalhe importa e o tempo tem valor inegociável.

“Então, eu me considero, assim, uma pessoa muito apaixonada, determinada.

Pô, muito difícil. Ninguém, nem eu, me lembro de eu ter não chegado num treino, de eu estar atrasada num treino em 30 anos, seis anos de carreira, entendeu?

Eu gosto muito do que eu faço.

Enquanto bater essa adrenalina de querer ganhar, querer ganhar, eu vou ficando.

Enquanto os atletas me aturarem também.

Porque, na verdade, eu estou com eles.”

A fala revela um traço constante de sua trajetória: a paixão como motor da continuidade. Ao destacar sua constância e pontualidade em mais de três décadas de carreira, Letícia Pessoa demonstra comprometimento e inscreve esse comportamento como uma ética profissional baseada na presença plena.

Estar ali, todos os dias, sem exceção, revela mais do que uma rotina, constitui um princípio de atuação. Essa dimensão da maestria, muitas vezes invisibilizada nas narrativas de glória e competição, é justamente aquela que sustenta o desempenho de longo prazo. Estudos como os de Mallett, Trudel, Lyle e Rynne (2009) apontam que treinadoras(es) de elite não se constroem apenas nos grandes momentos da competição, mas no cultivo diário de práticas como o planejamento cuidadoso, a escuta sensível e a atenção aos detalhes.

A fala de Letícia Pessoa também convoca a noção de reciprocidade: “enquanto os atletas me aturarem também”, diz com humor, mas deixando implícito que sua presença está condicionada ao vínculo mútuo. Isso aproxima sua prática da liderança relacional, na qual o treinador se posiciona como parte do processo, e não apenas como autoridade distanciada.

Autores como Jowett (2005) e Poczwadowski et al. (2006) destacam que a qualidade da relação treinador-atleta é uma variável determinante tanto para o desempenho quanto para a satisfação esportiva. Letícia Pessoa reitera isso ao afirmar: “eu estou com eles”, ressignificando a hierarquia tradicional e apontando para uma convivência baseada em implicação mútua, não apenas em comando técnico. Sua referência à “adrenalina de querer ganhar” como critério para seguir na profissão também evidencia um autoconhecimento estratégico. Não são o prestígio ou a estabilidade que definem sua continuidade, mas o desejo genuíno de vencer e participar ativamente do processo.

Essa perspectiva está alinhada ao conceito de vocação sustentada (Nash, Sproule & Horton, 2011), que descreve treinadoras(es) que permanecem engajados(as) mesmo diante das exigências do alto rendimento, movidos por propósitos que permanecem vivos no cotidiano.

Letícia Pessoa segue reafirmando sua ética de trabalho exigente e sua crença na intensidade como princípio formativo:

“Mas eu, dia a dia, sou chata. Porque eu não vou pra um treino, assim... Hoje, o objetivo do treino era ganhar aquela bola.

Então, eu vou pra ganhar aquela bola.
Se eu não conseguir fazer ela botar pelo menos na cabeça pra fazer
adiante, eu perdi o tempo que eu tinha.
E eu acho que o tempo é a coisa mais valiosa que a gente tem.
Entendeu?
Então, assim... Pô, eu gosto de estar lá.
Entendeu? Eu gosto de gastar esse tempo. Mas eu gosto de gastar esse
tempo com excelência. É isso.”

Ao se autodefinir como “chata”, Letícia Pessoa traduz uma exigência que não é autoritária, mas intencional. A fala revela um compromisso ético com o tempo, entendido aqui como um recurso valioso que não pode ser desperdiçado.

A metáfora “ganhar aquela bola” condensa esse ideal de excelência: o treino não é um ritual automático, mas uma oportunidade única de aprendizado e aperfeiçoamento. Essa concepção está em consonância com o que Jones et al. (2004) definem como prática reflexiva: a capacidade do treinador(a) de atribuir significado às ações cotidianas e gerir o tempo como elemento central da formação do atleta. Letícia Pessoa encarna esse princípio ao investir cada sessão com foco e propósito, transformando o ordinário em potência.

Sua liderança combina afeto e exigência. Ao afirmar que “gosta de estar lá”, revela uma forma de prazer e pertencimento que sustenta sua longevidade no ofício. Essa afetividade comprometida que se expressa na vontade de “gastar esse tempo com excelência”, reforça que sua maestria não se apoia apenas em saberes técnicos, mas também na paixão encarnada pela prática, na presença plena e na intensidade cotidiana.

Do ponto de vista identitário, essa postura revela uma autoridade construída na convivência, e não na distância hierárquica. Como discutem Ehrenberg (2021) e Amaral & Galatti (2021), treinadoras que conduzem por meio do afeto e da exigência constroem uma forma complexa de autoridade, que desafia os modelos masculinos tradicionais e afirma um modo outro de “estar no jogo”: comprometido, atento e emocionalmente implicado.

Na sequência, a treinadora é convidada pela pesquisadora a refletir sobre os traços que considera fundamentais para a construção de uma trajetória marcada por conquistas expressivas. Sua resposta revela uma filosofia de vida e trabalho ancorada no afeto, na clareza de propósitos e na escuta das singularidades de cada atleta.

Pergunta da pesquisadora:

“Você acha que essas foram as características que contribuíram para que você se tornasse uma treinadora com tantas conquistas? Esse é o seu perfil?”

“Eu acho a paixão é o que move. O amor é o que move tudo. Em todas as relações, em todos os processos, em todos os... Com amor, aquilo ali, você já tem uma chance muito grande de dar certo.

Entendeu? E também, assim, sempre ter metas. Eu acho que foram as duas coisas mais fundamentais.

E entender que todos nós, seres humanos, ninguém erra o que quer.

Então, que tipo de conversa que eu tenho que ter com cada atleta pra poder tirar aquele máximo dele?

Então, é mais ou menos isso. Porque eu acho que o que me fez ser tão vencedora e tão perdedora também foi isso.”

Letícia Pessoa nomeia o amor e a paixão como forças propulsoras de sua atuação, deslocando o foco da performance estritamente técnica para uma ética relacional e sensível, que reconhece o esporte como espaço de afeto, vínculos e construção humana. Longe de romantizar sua caminhada, essa visão sinaliza um compromisso profundo com o cuidado e com a compreensão da complexidade dos sujeitos que treina.

Como apontam Goellner (2005, 2008) e Kilty (2006), treinadoras mulheres frequentemente constroem formas de liderança que integram excelência e sensibilidade, desafiando o modelo tradicional baseado na autoridade rígida e na impessoalidade. Letícia Pessoa reforça esse posicionamento ao afirmar que “ninguém erra o que quer”, revelando uma escuta empática e uma postura pedagógica adaptativa, que busca compreender as necessidades específicas de cada atleta.

Esse olhar atento se alinha ao que Jones, Armour e Potrac (2004) descrevem como a dimensão interpessoal do treinador(a), na qual a comunicação é ferramenta de mobilização, e não apenas de instrução.

Ao referir-se à própria condição de ser “tão vencedora e tão perdedora”, Letícia Pessoa revela uma visão amadurecida de sua trajetória, na qual o erro e a queda não são sinais de fracasso, mas elementos constitutivos da maestria.

Essa perspectiva rompe com o ideal de infalibilidade frequentemente atribuído aos treinadores de elite e se aproxima da ideia de aprendizagem contínua proposta por Trudel, Gilbert e Werthner (2010), na qual o conhecimento se constrói na experiência vivida e refletida.

A identidade profissional que emerge dessa narrativa se apoia em três pilares: o afeto, as metas e a escuta. Esse tripé, longe de fragilizar sua autoridade, oferece uma alternativa potente à lógica tradicional de comando técnico, como defendem Almeida e Freitas (2020), ao propor um modelo mais humano, sensível e eficaz.

Na continuidade de sua fala, Letícia Pessoa evoca a figura materna como fonte de aprendizado e resiliência, estabelecendo uma ponte entre sua vivência pessoal e a construção da identidade profissional. Nesse momento, emerge um saber de vida herdado da mãe, que sintetiza sua forma de enfrentar as adversidades tanto no esporte quanto na vida.

“E, realmente, eu aprendi com a minha mãe uma coisa.

Caiu, levanta. E toda vez que eu caía, que eu estive na situação, é ao menos de te levantar. Entendeu? E é por aí.

Eu acho que o meu perfil é esse. Levanta, sacode, né? E nem doeu. É isso.

Tem que aprender com alguma coisa.”

Essa perspectiva de aprendizado enraizado na vivência conecta-se à crítica de Jones, Corsby e Thomas (2023) sobre a dicotomia entre teoria e prática. Para esses autores, a formação de treinadores precisa reconhecer a centralidade do saber situado, construído a partir da experiência concreta e das situações imprevisíveis do cotidiano. Letícia Pessoa, ao valorizar a capacidade de “levantar e sacudir a poeira”, exemplifica uma forma de reflexão prática profundamente enraizada no fazer esportivo real.

Mais do que um conselho materno, a máxima “caiu, levanta” se transforma em legado ético e emocional, moldando sua subjetividade como treinadora em um ambiente de alta exigência. Como mostram Goellner (2008) e Vieira (2020), esse tipo de influência familiar, muitas vezes invisível nas análises formais, desempenha papel decisivo na formação de mulheres em espaços historicamente masculinizados como o esporte.

A frase “tem que aprender com alguma coisa” sintetiza sua filosofia de vida: não se trata de negar as dores, mas de aprender com elas. Nessa perspectiva, a maestria emerge como resultado da resiliência ativa, do autoconhecimento e da capacidade de elaborar experiências adversas como caminhos de crescimento em consonância com os aportes de Gilbert e Trudel (2004) e Nash, Sproule & Horton (2011).

Essa força adaptativa, no entanto, não deve ser romantizada. Ela se apresenta também como uma resposta estruturada às hostilidades enfrentadas pelas mulheres em posições de liderança esportiva. Como discutem Kilty (2006) e Guimarães & Carvalho (2023), a presença feminina no alto rendimento exige não apenas competência técnica, mas também resistência emocional diante do machismo institucional e das assimetrias de poder.

Por fim, ao afirmar que “nem doeu”, Letícia Pessoa não apaga a dor, mas ressignifica sua experiência, revelando uma forma de atuação profissional sustentada pela capacidade de integrar afeto, enfrentamento e aprendizagem contínua. Trata-se de uma liderança que se reinventa a partir das quedas, consolidando uma identidade treinadora sensível, potente e profundamente comprometida com o processo.

Pergunta da pesquisadora: “Você sente que essa escolha que você fez de ser treinadora faz parte de um propósito maior pra você? É um projeto, um propósito de vida? Foi isso que você escolheu pra você?”

A partir dessa provocação, Letícia Pessoa compartilha uma resposta densa e atravessada por múltiplos sentidos. Sua fala revela não apenas a escolha consciente de ser treinadora, mas também o modo como essa decisão se entrelaça com ambição, espiritualidade, compromisso com o outro e os desafios vividos no campo esportivo, como a precarização do trabalho, os conflitos familiares e as experiências de exclusão por ser mulher.

O que emerge é uma concepção da profissão como missão, construída com esforço, entrega e valores profundamente enraizados. A seguir, sua fala expressa os sentidos mais profundos que ela atribui à própria trajetória.

“Teve um momento eu escolhi pra mim ser uma vencedora. Então, se eu fosse jornalista, por exemplo, eu queria ser o William Bonner, eu queria ser o que fosse... Eu não queria passar em branco. Entendeu? Eu queria ser a melhor pessoa, ter o melhor resultado pra alcançar.”

E num vôlei você alcança pelos resultados. Né? E assim, eu acredito que tenho algum talento nato, com certeza. Eu não sei de onde vem essa motivação entendeu? E eu quero transmitir esse talento que Deus me deu pras pessoas com quem eu trabalho.

Entendeu? E aí também entra o fato de eu achar que você tem a minha temência a Deus, não sou católica, mas tenho temência a Deus. Tornar as pessoas, você se tornar uma pessoa melhor te torna um campeão. Então, tornar as pessoas que trabalham comigo melhores pessoas.

Entendeu? Fazer as pessoas entenderem que ninguém ganha sozinho, que eu tenho um grupo de pessoas... Hoje é engraçado, por acaso eu conversei muito no treino hoje sobre isso, quando acabou com a comissão técnica toda, com as meninas, entendeu? Cara, tem o propósito de se sentir bem com o talento que você ganhou.

Agora, tem momentos, assim, o meu pai, por exemplo, não era contra eu ser técnica. E eu entendo perfeitamente ele.

Então, é o seguinte, vôlei de praia, o técnico não tem décimo terceiro, não tem plano de saúde, não tem vale de transporte, não tem... nada que garanta ele de nada. Se meu time se machucar, pode ser que eu fique sem dupla. Entendeu? E aí eu fico desempregada e eu não tenho garantia nenhuma que se amanhã aquilo vai dar certo ou vai dar errado. E eu entendi isso perfeitamente. E teve um momento que eu duvidei, assim, pô, ele tinha razão. E ele, como pai, tinha razão.

Mas, assim, eu já tinha me envolvido tanto que eu não tinha mais como sair. Mas ele nem queria sair, porque realmente é o que eu gosto de fazer. Mas pago o preço.

Bernardinho e Zé Roberto é uma outra estrutura. Entendeu? E foi bom. É engraçado, eu nunca senti preconceito desde que eu entrei no vôlei de praia, a não ser agora no final.

É? É, no final eu senti algumas comissões que eu trabalhei excluindo por ser mulher. Entendeu? Mas, assim, eu me sinto feliz de ser uma mulher no meio que é masculino com credenciada a poder participar de qualquer competição. E nunca me achei também a dona da verdade.

Com o decorrer do tempo eu fui aprendendo a ouvir mais. Hoje em dia escuto todo mundo. Entendeu? E isso foi minha... Eu fui amadurecendo, era técnica muito menina.”

Essa inscrição do trabalho no terreno das incertezas reforça a leitura de que saberes técnicos, interpessoais e intrapessoais são construídos no entrelaçamento com o contexto (Côté & Gilbert, 2009), e que a permanência no alto rendimento depende de redes de apoio e mecanismos de autocuidado (Coussens, Stone & Donachie, 2025).

Essa ênfase na escuta e na revisão de si mesma se articula à noção de prática reflexiva e situada discutida por Jones, Armour e Potrac (2004) e por Braun e Clarke (2019), indicando que a autoridade exercida por Letícia não se fundamenta apenas no domínio técnico, mas na capacidade de integrar experiência, afeto e julgamento pedagógico em contextos de alta pressão.

A fala de Letícia Pessoa revela de forma contundente o modo como sua identidade profissional está ancorada em um sentido de missão e propósito maior. Sua escolha por ser treinadora não é casual nem circunstancial, mas atravessada por uma intencionalidade profunda: ela afirma que, independentemente da profissão, desejava ser reconhecida como alguém que “não passa em branco”. Essa expressão traduz a busca por relevância, excelência e impacto, elementos que, no esporte, estão fortemente associados aos resultados, mas que, na narrativa de Letícia Pessoa, ganham contornos mais amplos e humanizados.

Seu desejo de transmitir o talento que recebeu a outras pessoas e de tornar seus atletas melhores seres humanos conecta-se à perspectiva de uma atuação orientada por valores e por um propósito formativo, indo além da lógica do alto rendimento. Essa construção identitária com base em princípios éticos e espirituais está alinhada ao que Goellner (2007a) identifica como formas alternativas de significar o fazer esportivo entre mulheres, desafiando a centralidade do desempenho por si só.

Ao compartilhar as inseguranças provocadas pela ausência de garantias formais no vôlei de praia, Letícia Pessoa expõe a precarização estrutural da carreira de treinadora, especialmente no contexto do esporte individual de alto rendimento. A fala do pai, que a alertava sobre a instabilidade da profissão, funciona como símbolo das tensões entre o projeto de vida e as condições objetivas que o esporte impõe, ausência de direitos trabalhistas, falta de proteção em caso de lesão dos atletas e vulnerabilidade financeira constante.

Essa dimensão revela o quanto o contexto de atuação impõe barreiras materiais e simbólicas à consolidação da trajetória de treinadoras, algo discutido por Guimarães e Carvalho (2023), ao apontarem que a presença de mulheres em cargos técnicos não se dá em pé de igualdade, exigindo renúncias e enfrentamentos cotidianos. A frase “mas pago o preço” sintetiza com clareza o custo subjetivo dessa escolha, que não é romântica, mas sustentada por persistência e afeto pelo que se faz.

Além disso, ela introduz um ponto de virada importante ao mencionar que, somente nos últimos tempos, passou a sentir com mais nitidez os efeitos da exclusão de gênero. A fala sobre ter sido deixada de fora por algumas comissões técnicas, por ser mulher, escancara o modo como a legitimidade das treinadoras ainda é contestada nos bastidores do esporte. Mesmo com competência e trajetória sólida, Letícia Pessoa se depara com práticas discriminatórias sutis, que silenciam ou afastam. Essa vivência dialoga com as análises de Goellner (2013) e de Santos, et al. (2023), que evidenciam como o machismo estrutural no campo esportivo opera por meio de exclusões veladas, sobretudo quando as mulheres adquirem autoridade técnica. Ainda assim, Letícia Pessoa afirma com orgulho sua presença nesse espaço, sem se colocar como “dona da verdade”, mas assumindo um posicionamento profissional que se fortaleceu com o tempo.

Com o amadurecimento de sua trajetória profissional, Letícia passou a reconhecer que parte dos obstáculos enfrentados não dizia respeito a limitações individuais, mas a desigualdades estruturais de gênero presentes no campo esportivo. Essa conscientização, que se torna mais nítida à medida que sua visibilidade pública aumenta e que passa a ocupar um lugar de referência, reposiciona sua própria narrativa e sustenta um engajamento mais explícito com a defesa da presença de mulheres em cargos de liderança. Ao nomear essas assimetrias, Letícia ressignifica sua história: sua permanência e seus resultados não são apenas marcas de excelência técnica, mas também de resistência simbólica em um ambiente historicamente masculinizado.

Seu relato de amadurecimento “era técnica muito menina”, indica a aquisição de saberes relacionais, como a escuta e o diálogo com a equipe, competências indispensáveis à atuação pedagógica e humana de treinadoras (Souza, 2023). Com isso, sua prática profissional passa a ser moldada também pelo aprendizado contínuo, pela humildade no comando e pela sensibilidade à coletividade.

A força dessa narrativa está justamente na sua complexidade: Letícia Pessoa transita entre conquistas e dúvidas, entre reconhecimento e exclusão, entre paixão e

sacrifício. Sua identidade se afirma na resistência cotidiana de quem permanece, escuta, transforma e sustenta a escolha de ser treinadora mesmo diante das assimetrias históricas de gênero. Como indicam os estudos sobre a trajetória de mulheres no esporte (Kilty, 2006; Goellner, 2008), o caminho das treinadoras não é linear nem isento de barreiras, mas é também um espaço de construção potente, onde o saber técnico se alia à ética do cuidado e ao compromisso com o outro.

Dando continuidade à reflexão sobre propósito e trajetória, Letícia Pessoa passa a abordar o tema da longevidade profissional no esporte de alto rendimento. Sua fala expressa uma consciência nítida do valor da experiência, ao mesmo tempo em que confronta as expectativas sociais que colocam limites à atuação de treinadoras mais velhas. Ao trazer exemplos pessoais e do meio esportivo, ela revela como tem buscado se reinventar e se manter atualizada, ao mesmo tempo em que reflete sobre o legado que deseja deixar. A seguir, sua fala explicita os sentidos que atribui à maturidade, à aprendizagem contínua e à formação de novas gerações no campo esportivo.

“E é engraçado que as pessoas começam a falar quando você vai parar? Só que agora é a hora que eu estou melhor. Hoje as pessoas falam assim o Zé Roberto vai parar? O Zé Roberto vai parar por quê? Agora ele tem um time que ele conseguiu fazer uma excelência, um time novo que é dele, que ele tem toda a experiência, tudo que ele errou ele não erra mais, ele vai errar outras coisas.

Então, assim, é a hora que a gente está mais maturado a fazer as coisas. É lógico, quando a gente começa a não sentir o frio na barriga, eu me policieei muito para não ficar... não ficar retrógrada. Entendeu? Então eu vejo muito vídeo, acompanho muito masculino, eu vejo muitos jogos, eu uso o vôlei de quadro também para me ajudar na parte técnica.

Então, assim, se você não ficar retrógrado, e você tiver são, você pode continuar quando quiser. Igual a... a menina que machucou o joelho agora, a Carol Gataz, por que ela não pode jogar? Ela está bem fisicamente, a cabeça dela com certeza está melhor do que ela tinha de 20 anos. Por que ela não pode jogar? Então, isso aí é fantástico.

Hoje eu me sinto mais, assim, entendendo mais o que eu estou fazendo. O que eu fiz, o que eu estou fazendo. Mas não é nada demais.

Mas para mim, foram as metas que eu fui traçando. Entendeu? Eu acho que é por aí mesmo. Tem que ser... tem que aproveitar a experiência. Entendeu? E conseguir passar, o mais importante, eu passei muitas coisas para muitos profissionais. Talvez alguns não... aproveitaram algumas coisas, outras não. Talvez... eu ainda não... não vislumbrei um que... que eu falasse assim, não, esse cara... esse cara é o meu pupilo. Eu tenho vários pupilos, mas, assim, ainda não achei o pupilo. Isso é um outro objetivo que eu tenho. É. Eu acho que é legal.”

A fala de Letícia Pessoa revela com força a construção de uma identidade profissional marcada pelo amadurecimento, pela consciência de seus próprios processos formativos e pela negação da lógica de descarte etário tão comum no esporte.

Ao afirmar que “agora é a hora que eu estou melhor”, ela confronta diretamente os estereótipos que associam o envelhecimento à perda de valor técnico, reafirmando o papel da experiência como componente central da maestria. A referência a Zé Roberto, que alcançou um momento de excelência após anos de trajetória, funciona como espelho para sua própria atuação: a maturidade lhe permite errar menos, compreender melhor e atuar com mais consistência.

Essa perspectiva se conecta às discussões sobre o valor da trajetória e da construção identitária ao longo do tempo, como apontam Santos (2024) e Amaral & Galatti (2021), que destacam como o acúmulo de experiências se transforma em competência refletida e refinada na prática cotidiana de treinadoras.

Ao se descrever como alguém que se policia para não se tornar retrógrada, Letícia Pessoa revela uma postura ativa de atualização constante, um saber profissional que não se resume à técnica, mas envolve escuta, observação e abertura ao novo. Ela menciona o consumo crítico de vídeos, o acompanhamento do vôlei masculino e a apropriação de elementos do voleibol de quadra como formas de manter sua atuação atualizada. Essa atitude reflete uma competência que Souza (2023) denomina como “autoformação permanente”, essencial às profissionais que atuam em contextos de alta exigência, especialmente no esporte de rendimento. Mais do que um esforço individual, trata-se de um compromisso ético com a qualidade da intervenção pedagógica e técnica, em uma profissão que exige constante reinvenção diante das transformações do jogo e dos sujeitos com os quais se trabalha.

Além disso, a menção à jogadora Carol Gattaz como exemplo de longevidade no esporte também reforça o argumento contra o etarismo e a favor da valorização da maturidade. Letícia Pessoa desloca o foco do corpo jovem como única medida de aptidão e aponta a experiência como um ativo simbólico e funcional.

Tal argumento contribui para tensionar as normas hegemônicas do campo esportivo, historicamente associadas à juventude, velocidade e renovação contínua, uma lógica que atinge de forma ainda mais cruel as mulheres, cujas trajetórias são frequentemente encurtadas por múltiplas pressões sociais, como apontam Goellner (2005) e Kilty (2006).

Por fim, ao refletir sobre o legado que pretende deixar, Letícia Pessoa evidencia um desejo de formar outras pessoas, mas reconhece que ainda não encontrou alguém que represente plenamente essa continuidade. A ausência do “pupilo ideal” não surge como frustração, mas como meta: um próximo passo em seu percurso. Essa busca por alguém que dê continuidade ao que ela construiu conecta-se à ideia de transmissão de saberes e à responsabilidade formativa que muitas mulheres treinadoras atribuem a si, como parte de uma ética do cuidado e da coletividade (Vieira, 2020).

A construção de uma rede de formação, ainda que informal, é um traço recorrente nas trajetórias de treinadoras que, como Letícia Pessoa, compreendem o esporte não apenas como espaço de resultado, mas como campo de transformação mútua.

Reforço questionando Letícia Pessoa:

Você sente que esta sequência de episódios da sua carreira – vista como uma linha do tempo – revela, em cada etapa, experiências que você carregou para o momento seguinte? Quais marcos foram decisivos, o que ficou como aprendizado e como essas vivências se costuram ao longo dos anos?

Ao responder, Letícia Pessoa embarca num relato amplo, costurando ciclos olímpicos, trocas de duplas, conquistas e tropeços. Sua narrativa flui quase sem pausas, alternando momentos de euforia, frustração, ruptura e reinvenção.

Para efeito de análise, optou-se por apresentar o primeiro bloco cronológico, que abrange o período de 1994 a 2000, fase de ascensão no alto rendimento feminino, marcada pela parceria com Roseli/Isabel, a consolidação da dupla Adriana Behar/Shelda e a conquista da prata em Sydney 2000.

“É, aqui, por exemplo, nesse campeonato mundial em Los Angeles, eu comecei com a Shelda, com a Adriana, em 96. Em 94, 95, eu estava com a Roseli e com a Isabel. Só que a Isabel, ela não conseguiu fazer esse ciclo olímpico porque ela tinha... ela foi jogar na quadra, ela recebeu uma proposta na quadra e, na época, eu não entendi isso, eu fiquei muito puta com isso.

E, assim, hoje, eu vejo, ela tinha quatro filhos para criar. Então, assim, ela realmente não... ela tinha que ter ido. E aí, em 96, eu comecei com a Shelda e com a Adriana.

E aí, muito empolgada, porque o time era muito bom. E, em 97, veio essa medalha no campeonato mundial. Agora, eu fiquei muito... eu era muito deslumbrada nessa época.

Não deslumbrada, assim, achava que eu ia ganhar tudo, que não sei o quê, entendeu? E aí, a gente, pô, no campeonato mundial de Marseille, a Shelda, um mês antes, ela teve uma lesão muito feia na panturrilha. E teve que ficar de muleta, podia nem andar. E a gente batia bola dentro de casa, fazia o que tinha que fazer.

E conseguimos, ela perdeu o primeiro jogo nesse campeonato, porque ela estava sem ritmo nenhum. E fomos campeãs mundiais, esse foi um momento também muito bacana. E seguimos com os objetivos sempre de ser campeã do circuito mundial.

Eu fui 12 ou 13 vezes campeã do circuito mundial, não com elas, com todo mundo. E aí, seguimos. E para Sidney.

Em Sidney, eu acho que faltou muita maturidade para mim. E quando falta para o técnico, falta para os atletas também. E eu achava que o meu time era o favorito, e era mesmo.

E que eu não ia perder. De jeito nenhum, eu não imaginava essa possibilidade. Só que você está jogando na terra do adversário.

Entendeu? Contra um time que jogava duro com você sempre. A gente sempre ganhava, mas eles sempre jogavam duro. Ganhamos uma vez, a gente 10.

Lá na Austrália, todo mundo fez tudo para a Austrália ganhar. Eu estava sentada em um lugar, e no dia da final me botaram lá no raio que o

parta, as meninas me procurando. Enfim, e o que eu levo dessa Olimpíada, foi que a gente pode perder qualquer coisa.

E assim, a gente tem que fazer o nosso todos os dias. E no final, na apresentação final, eu falei capricha, mas eu não vi a possibilidade de perder. E você tem que ver essa possibilidade.”

O relato de Letícia Pessoa sobre os primeiros anos de sua trajetória como treinadora revela a construção progressiva de uma identidade profissional marcada pela paixão, ambição e aprendizado pela experiência. Ao mencionar a saída da atleta Isabel em função das exigências da maternidade, a treinadora evidencia um amadurecimento em sua leitura das desigualdades de gênero especialmente no que diz respeito às diferentes pressões sociais enfrentadas por mulheres no esporte.

O que antes foi interpretado como “traição” ou abandono da equipe, hoje é revisto sob uma lente mais empática, refletindo um processo de ressignificação de vivências que tensionam o ideal de entrega total à carreira. Esse movimento é coerente com os achados de Goellner (2013) e Vieira (2020), que apontam a forma como o campo esportivo exige das mulheres a negação de outros projetos de vida, como a maternidade, para garantir legitimidade profissional.

Sua fala também revela o quanto os saberes da prática foram cruciais para a constituição de sua expertise. A condução do trabalho com Shelda, lesionada às vésperas de uma competição de alto nível, expõe a capacidade de adaptação, criatividade e compromisso com o processo, elementos que dialogam diretamente com o conceito de competência profissional situada (Amaral & Galatti, 2021).

A utilização de estratégias alternativas de treino em contexto adverso, como bater bola dentro de casa, demonstra um tipo de saber que não está nos manuais, mas se constrói na experimentação e na improvisação, conforme sugerem Coelho (2021) e Côté et al. (2022) ao analisarem o desenvolvimento da maestria em treinadores de alto rendimento.

Por outro lado, a experiência traumática vivida nos Jogos Olímpicos de Sydney evidencia a fragilidade de aspectos emocionais e estratégicos que integram o contexto de atuação do treinador. Letícia Pessoa reconhece a falta de maturidade como técnica e a incapacidade de lidar com fatores externos como o favoritismo excessivo, o ambiente hostil e o “jogo fora de casa”, o que a leva a refletir criticamente sobre o próprio papel no resultado da equipe.

Esse reconhecimento revela o início de um processo de reflexão crítica sobre a prática, em sintonia com as discussões de Ferreira & Darido (2015), que apontam a importância de o treinador reconhecer suas limitações e transformá-las em aprendizado. A percepção de que “a gente pode perder qualquer coisa” e que “você tem que ver essa possibilidade” inaugura um novo patamar de consciência na trajetória de Letícia Pessoa.

Esse trecho não apenas aponta para uma ampliação de sua visão estratégica, mas também para a construção de uma ética da humildade e da preparação integral, valores que passam a sustentar sua prática dali em diante. O erro, nesse sentido, não é apenas uma falha, mas um ponto de virada identitária. Essa dimensão conecta-se à noção de “identidade em movimento” discutida por Almeida e Freitas (2020), segundo a qual o self do treinador é constantemente reformulado pelas experiências vividas e pelas crises enfrentadas ao longo do percurso.

O segundo bloco cronológico abrange o período de 2001 a 2008, anos marcados pela emergência da dupla Walsh/May, pela participação em Atenas 2004, por reconfigurações de parcerias (Shelda/Ana Paula, Leila), pela entrada no vôlei de praia masculino e pela gestão simultânea de atletas em diferentes momentos de carreira.

“E aí, depois de Sydney, teve a entrada das americanas, né? A Walsh e a May. Cara, e era um time sensacional. A gente começou a perder para elas direto. Eu com a Shelda.

E aí começou a ter muito atrito, entendeu? Porque eu achava que o time não estava mais rendendo o que podia render. E a Shelda já estava começando a ficar muito... com muita dor nas costas, muita dor no ombro.

E a gente perdeu Atenas. Assim, foi a Olimpíada mais triste para mim. Porque era o final de um ciclo, entendeu?

E eu achei que aquele ciclo, por mais que a gente estivesse muito... foi o melhor ciclo que eu fiz com uma dupla. O mais bem feito.

Mesmo assim, a gente não conseguiu ganhar das americanas. E aí começou o ciclo seguinte.

Aí, eu tentei com a Ana Paula, que era uma jogadora mais... de mais diálogo. Mas não rolava também. Tentei com a Leila.

A Leila era muito... a Leila tinha uma coisa que era muito boa, ela era muito leal comigo.

Mas, ao mesmo tempo, a Leila queria treinar mais do que eu podia oferecer na época. Porque eu já estava começando a trabalhar com o masculino.

E aí, eu fui trabalhar com o Harlen, que era da categoria de base, e depois com o Alisson. E aí começou esse outro ciclo.

E esse foi um ciclo que me deu muito prazer também. Porque o Alisson era um menino novo, muito forte fisicamente, mas não era tão técnico ainda.

E eu consegui formar esse menino. E aí, depois veio o Emanuel. E eles fizeram uma dupla maravilhosa.

E aí a gente ganhou muita coisa com essa dupla também. A gente ganhou o circuito, ganhou campeonatos importantes.

Foi uma dupla que me ensinou muito. E também tive que aprender a treinar o masculino. Que é outra cabeça, outra leitura, outro tempo de bola.”

Nesse trecho, Letícia Pessoa revela um momento decisivo de transição em sua trajetória profissional: o encerramento do ciclo com Shelda e o início de novas experiências no masculino. A fala revela uma treinadora que, ao mesmo tempo em que sofre com o fim de uma era de grandes conquistas, demonstra maturidade para encerrar vínculos quando percebe limites técnicos, físicos e relacionais.

A frustração com o ciclo olímpico de Atenas 2004 não se restringe à perda do ouro, mas à consciência de que mesmo o trabalho mais bem planejado e bem executado pode ser derrotado por fatores externos como a superioridade técnica de um time adversário. Essa percepção amplia sua visão estratégica sobre o alto rendimento. A partir dela, Letícia Pessoa se aproxima da ideia de maestria situada em contextos marcados pela complexidade e imprevisibilidade (Côté et al., 2022; Cushion et al., 2023).

A forma como ela avalia suas parcerias com Ana Paula e Leila indica o exercício contínuo da escuta e da gestão de expectativas, elementos centrais na constituição dos saberes relacionais da treinadora.

A referência à lealdade da Leila e à demanda por mais intensidade nos treinos revela os desafios de alinhar filosofia de trabalho, rotina de treinos e tempo de

dedicação, especialmente quando a treinadora passa a dividir sua atenção com atletas do masculino.

Esse conflito entre múltiplas demandas é característico das trajetórias femininas no esporte, como destacam Goellner (2005) e Kilty (2006), e evidencia a sobrecarga a que estão submetidas mulheres em posições de comando, frequentemente obrigadas a provar sua competência em contextos diversos ao mesmo tempo.

A entrada no vôlei masculino marca um novo patamar em sua identidade profissional. Letícia Pessoa se reconhece como formadora, ao afirmar que “consegui formar esse menino” (Alisson), atribuindo a si não apenas a função de treinadora, mas de educadora técnica e emocional.

Essa perspectiva vai ao encontro da concepção de saberes pedagógicos discutidos por Amaral & Galatti (2021), em que a construção do rendimento passa pela formação integral do atleta, inclusive em dimensões como disciplina, autocontrole e inteligência tática. Ao mesmo tempo, o contato com novas exigências de jogo, como o “tempo de bola” e a leitura técnica no masculino, exige dela um reposicionamento constante, reatualizando seus saberes e reafirmando sua abertura ao aprendizado contínuo.

Essa fase de sua trajetória revela também um deslocamento do eixo central de sua identidade: da figura da “treinadora da Shelda” para a profissional que circula entre diferentes contextos, transitando entre o feminino e o masculino, formando novos talentos e ampliando sua visão do jogo. Esse reposicionamento anuncia uma nova etapa em sua jornada, em que Letícia Pessoa passa a circular por múltiplas arenas do esporte de alto rendimento.

Essa mobilidade é um traço importante da construção da maestria, que não se ancora em um único estilo ou parceria, mas na capacidade de adaptação e reinvenção permanente. Como apontam Ferreira (2012) e Santos, M. M. (2024), a profissionalidade de mulheres treinadoras de elite se constrói em um campo marcado por tensões, mas também por potências de reconstrução.

O terceiro bloco cronológico compreende o período de 2009 até o presente, fase caracterizada pelo trabalho com a dupla Alisson/Emanuel, pela atuação na Seleção Brasileira (2013–2015), pelos ciclos com Duda/Ágatha e Carol/Bárbara, e pelo início do projeto Carol/Rebecca voltado para Los Angeles 2028. É o momento de amplitude máxima da carreira, envolvendo seleções, rupturas institucionais, retomada em duplas

femininas e um novo ciclo olímpico, já atravessado pela experiência acumulada e pela preocupação com o legado.

“E é engraçado que as pessoas começam a falar quando você vai parar?

Só que agora é a hora que eu estou melhor.

Hoje as pessoas falam assim: o Zé Roberto vai parar? O Zé Roberto vai parar por quê? Agora ele tem um time que ele conseguiu fazer uma excelência, um time novo que é dele, que ele tem toda a experiência, tudo que ele errou ele não erra mais, ele vai errar outras coisas.

Então, assim, é a hora que a gente está mais maturado a fazer as coisas.

É lógico, quando a gente começa a não sentir o frio na barriga, eu me policieei muito para não ficar... não ficar retrógrada. Entendeu? Então eu vejo muito vídeo, acompanho muito masculino, eu vejo muitos jogos, eu uso o vôlei de quadra também para me ajudar na parte técnica.

Então, assim, se você não ficar retrógrado, e você tiver são, você pode continuar quando quiser. Igual a... a menina que machucou o joelho agora, a Carol Gattaz, por que ela não pode jogar?

Ela está bem fisicamente, a cabeça dela com certeza está melhor do que ela tinha com 20 anos. Por que ela não pode jogar?

Então, isso aí é fantástico. Hoje eu me sinto mais, assim, entendendo mais o que eu estou fazendo. O que eu fiz, o que eu estou fazendo.

Mas não é nada demais. Mas para mim, foram as metas que eu fui traçando. Entendeu? Eu acho que é por aí mesmo.

Tem que ser... tem que aproveitar a experiência. Entendeu?

E conseguir passar, o mais importante, eu passei muitas coisas para muitos profissionais. Talvez alguns não... aproveitaram algumas coisas, outras não.

Talvez... eu ainda não... não vislumbrei um que... que eu falasse assim, não, esse cara... esse cara é o meu pupilo.

Eu tenho vários pupilos, mas, assim, ainda não achei o pupilo. Isso é um outro objetivo que eu tenho. É. Eu acho que é legal.”

O relato de Letícia Pessoa neste terceiro momento da trajetória evidencia a potência da maturidade como categoria central de sua identidade profissional atual. Ao

afirmar que “agora é a hora que eu estou melhor”, ela se opõe frontalmente às expectativas sociais que pressionam por aposentadoria de treinadoras com mais idade, sobretudo mulheres.

A citação ao Zé Roberto como exemplo de longevidade respeitada no masculino, contrastada com as insinuações de que ela deveria “parar”, revela a assimetria de gênero que ainda estrutura o reconhecimento profissional no esporte. Como destacam Goellner (2013) e Kilty (2006), treinadoras precisam constantemente justificar sua permanência nos espaços de elite, mesmo quando seus resultados e competências são incontestáveis.

A consciência da necessidade de não se tornar “retrógrada” mobiliza uma ética da formação contínua. Letícia Pessoa revela estratégias concretas de atualização: assistir a vídeos, estudar jogos do masculino, recorrer a elementos técnicos do vôlei de quadra. Essa postura de constante renovação conecta-se à concepção de saberes profissionais como construção situada, processual e responsiva às exigências do contexto (Amaral & Galatti, 2021). Seu esforço para manter-se atualizada expressa não apenas uma busca por excelência, mas também um gesto de resistência, uma recusa a aceitar o esvaziamento simbólico que o envelhecimento impõe às mulheres no esporte de rendimento.

Ao mesmo tempo, Letícia Pessoa se projeta como formadora de outros profissionais. Ao mencionar que “passou muitas coisas para muitos profissionais” e que ainda não encontrou “o pupilo”, ela revela uma transição identitária do fazer ao formar. Trata-se de um deslocamento da centralidade da performance para o legado, o desejo de que sua experiência gere frutos em outras trajetórias.

Essa dimensão pedagógica da identidade profissional remete às discussões de Coelho (2021) e Santos (2024), que apontam a importância de treinadoras mulheres ocuparem também o lugar de mentoras, multiplicando saberes, posturas e éticas no campo esportivo.

Por fim, a articulação entre experiência, integridade física e clareza mental que Letícia Pessoa expressa ao se comparar, por exemplo, à jogadora Carol Gattaz, inscreve uma nova lógica de permanência no esporte: não mais baseada na juventude, mas na capacidade de refletir criticamente sobre a prática e sustentar uma atuação consciente.

A profissional que ela é hoje se apoia na trajetória vivida, nos erros cometidos, nos aprendizados acumulados o que ressoa com a concepção de identidade como um “vir a ser” constante (Almeida & Freitas, 2020). Letícia Pessoa não é apenas uma

treinadora experiente: é uma profissional que se autoriza a ocupar um lugar de saber, liderança e continuidade, apesar das resistências estruturais que ainda tentam limitá-la.

Esse extenso relato revela a densidade da trajetória de Letícia Pessoa, marcada por transições, escolhas difíceis, perdas e reconstruções. Cada etapa competitiva representa também uma fase da vida com suas vitórias, rupturas e reinvenções. A forma como ela narra sua caminhada mostra uma profissional que aprendeu a lidar com os altos e baixos da carreira sem romantizar o sucesso, reconhecendo tanto os méritos quanto os equívocos cometidos ao longo do caminho. Há, nessa narrativa, o reflexo da treinadora que se coloca como aprendiz permanente, mesmo após décadas de conquistas, o que a aproxima do perfil de profissional reflexiva discutido por Rosado (2021).

Letícia Pessoa demonstra consciência crítica sobre as implicações de suas decisões passadas e a necessidade constante de reinvenção diante das transformações do cenário esportivo e das relações interpessoais. Ela aponta o amadurecimento como valor central em sua prática, articulando a experiência acumulada com uma ética de trabalho baseada na franqueza, na presença ativa junto à equipe e no comprometimento integral com o processo formativo dos atletas.

Essa postura ecoa as reflexões de Ferreira e Darido (2015), ao argumentarem que o desenvolvimento da identidade do treinador transcende as competências técnicas, materializando-se nas dimensões éticas, relacionais e políticas da prática.

A fala da treinadora evidencia ainda como a vivência de mulheres no esporte de alto rendimento é permeada por disputas simbólicas, tensões com dirigentes e pares, e o constante embate com uma cultura esportiva dominada pelo masculino.

Nesse percurso, fortalece-se a imagem da treinadora como agente de transformação: alguém que forma atletas, influencia gerações e sustenta um projeto profissional de longo prazo, alicerçado em valores, escuta e aprendizado contínuo. Sua trajetória, ao mesmo tempo singular e representativa, concretiza o que Goellner (2007a) e Vieira (2020) descrevem como o processo de afirmação identitária de mulheres no campo esportivo, em que o reconhecimento exige mais que competência: exige resiliência diante das assimetrias históricas e coragem para ocupar espaços de poder sem renunciar à própria verdade.

Na sequência de sua fala, Letícia Pessoa compartilha reflexões sobre suas metas atuais, os sacrifícios que marcaram sua trajetória e o modo como lida com os desafios da profissão no presente.

Ao fazer esse balanço, ela revela dimensões profundas da identidade construída ao longo dos anos, reafirma seu compromisso ético com o esporte e evidencia a paixão que sustenta sua permanência em um campo tão exigente. Sua narrativa transita entre o reconhecimento da própria maestria, a valorização das relações construídas e a consciência crítica sobre as condições desiguais que afetam treinadores e treinadoras no vôlei de praia.

“Mas eu sou muito realizada hoje, ainda tenho minhas metas, entendeu? Eu gostaria de subir no pódio com todos os times em Copa do Mundo, todos os times que eu tive. Entendeu? Eu gostaria de ganhar uma medalha de ouro. Se eu não ganhar, está tudo bem.

Eu acho que eu já ganhei três medalhas, mas é uma meta que eu ainda não alcancei e que eu acho que eu posso conseguir. Cada dia é melhor, né? [...] Então é assim... Cada vez eu me sinto... Tornar os atletas, um ambiente mais saudável, cada vez mais saudável, em todos os aspectos. [...]

Então eu sou muito realizada e eu estou acreditando muito nesse novo trabalho aí.”

“[...] Eu abandonei a minha vida pessoal, eu não casei no vôlei. Entendeu? [...] Abdiqueei de várias coisas. Então assim, é realmente botar a vida ali. [...] Por isso que eu não gosto de perder tempo, porque eu botei a minha vida ali.”

“[...] Então assim, ser técnico não é uma coisa fácil porque não envolve só a parte técnica. Envolve uma porrada de coisas que você tem que fazer. [...]

Então assim, as pessoas não são campeões à toa. Então, hoje eu sou muito abençoada. [...] Todo mundo que tem que estar perto de mim está hoje. Então eu sou muito, estou muito feliz com o trabalho hoje e estou achando que eu realmente sou uma vencedora. Entendeu? Sim, sem máscara, sem nada. Entendeu? E que busca suas metas e é que é isso. E mais uma pessoa comum. É isso.”

A fala de Letícia Pessoa reafirma o sentido de realização subjetiva e afirmação profissional que marca sua identidade como treinadora de alto rendimento. Ao se dizer

“muito realizada”, mas ainda movida por metas, ela revela uma dimensão essencial da maestria: a capacidade de continuar se desafiando mesmo após alcançar reconhecimento.

Essa postura dialoga com Ferreira e Darido (2015), que argumentam que a identidade do treinador é sustentada por um processo contínuo de superação, motivação intrínseca e abertura ao aprendizado. Letícia Pessoa traduz isso na busca por um ambiente mais leve e saudável, fruto de amadurecimento, ética e reformulação de práticas ao longo dos anos.

Ao compartilhar os sacrifícios pessoais, como a renúncia à constituição de uma vida familiar convencional, Letícia Pessoa evidencia como a dedicação integral ao esporte envolve escolhas que refletem desigualdades estruturais.

Sua fala se alinha às análises de Goellner (2005, 2013) e Vieira (2020), que discutem as renúncias enfrentadas por mulheres treinadoras em contextos ainda atravessados por lógicas masculinas de performance extrema. A abdicação não é tratada como lamento, mas como parte de um projeto consciente, ainda que desenvolvido em um sistema que impõe tais custos de forma assimétrica às mulheres.

Além disso, Letícia Pessoa recusa a ideia de que o êxito na profissão derive apenas de competências técnicas. Ela afirma que “ser técnico não é uma coisa fácil porque não envolve só a parte técnica”, apontando para uma atuação complexa que abarca escuta qualificada, mediação de conflitos, cuidado interpessoal e estratégias para manter o grupo motivado. Essas dimensões correspondem aos saberes relacionais e pedagógicos reconhecidos por Ehrenberg (2021) e Coelho (2021) como essenciais à prática competente de treinadoras. Ao priorizar a criação de um ambiente “saudável”, Letícia Pessoa expressa um saber construído na vivência e na escuta desafiando o reducionismo técnico que ainda persiste em algumas culturas esportivas.

Gradualmente, sua narrativa constrói um perfil de liderança singular, que equilibra metas de alto rendimento com vínculos afetivos, resiliência e capacidade de adaptação. A forma como enuncia sua trajetória reforça a ideia de que a maestria profissional é relacional e situada, como defendem Jowett e Poczwardowski (2007).

Ao afirmar que “as pessoas não são campeões à toa”, Letícia Pessoa revela uma lógica de liderança que valoriza o esforço coletivo, a persistência e o reconhecimento da história de cada atleta.

Por fim, ao afirmar com convicção que se sente “uma vencedora, sem máscara, sem nada”, Letícia Pessoa reivindica uma identidade construída com autenticidade e

enfrentamento. Essa autoafirmação ecoa a noção de empoderamento simbólico descrita por Goellner (2007a), na qual mulheres conquistam legitimidade e protagonismo no campo esportivo sem abrir mão de sua singularidade. A maneira como se reconhece vitoriosa está ancorada não apenas nos resultados, mas na rede de relações, no projeto ético que sustenta e na clareza de quem se tornou ao longo do caminho.

Em seguida, ao ser questionada pela pesquisadora sobre a origem de seus saberes e da forma como construiu sua prática, Letícia Pessoa apresenta uma resposta que evidencia o peso das experiências vividas, da observação sensível e da intuição como pilares de sua formação, elementos que dialogam com a noção de saberes experienciais proposta por Côté e Gilbert (2009) e por Cushion, Armour e Jones (2003), segundo os quais a prática reflexiva e o aprendizado situado têm papel central no desenvolvimento profissional de treinadores, muitas vezes superando os espaços formais de capacitação.

“Espera. A faculdade, antigamente, era licenciatura. Entendeu? Vôlei de praia nem existia. A primeira palestra sobre vôlei de praia que foi dada na Gama Filho foi eu que dei, que o Célio Cordeiro me pediu. Então assim, sobre o vôlei de praia, eu não aprendi nada na faculdade. Agora, aprendi progressão, aprendi uma porrada de coisa que eu tinha que fazer e que eu não podia fazer. Entendeu? Aprendi a fazer um planejamento, aprendi a fazer um microciclo, aprendi a... Isso aí eu aprendi. Mas assim, de vôlei de praia, eu não aprendi nada.”

Essa fala demonstra com clareza a percepção crítica de Letícia Pessoa sobre os limites da formação acadêmica e a centralidade da prática como espaço real de aprendizagem. Tal perspectiva está em consonância com a crítica de Jones, Corsby e Thomas (2023), que questionam a dicotomia entre teoria e prática na formação de treinadores. Letícia Pessoa construiu sua expertise a partir de múltiplas fontes, ativando saberes tácitos, experiências situadas e intuições refinadas, traços centrais na constituição da maestria.

Para os autores, o desenvolvimento profissional autêntico emerge justamente da capacidade de refletir criticamente a partir da ação, superando a dicotomia teoria–prática. Ao afirmar que “aprendeu com os erros e acertos”, Letícia Pessoa exemplifica

uma construção de saber situada, vivida e reflexiva, exatamente o tipo de prática formadora que os autores propõem.

“Então, eu vejo muitos vídeos, vejo muitos jogos, tanto de vôlei de quadra como de vôlei de praia e é muito intuitivo as coisas que eu... Entendeu?

[...] E a parte emocional que eu acho fundamental para qualquer esporte [...] eu aprendi com os grandes, eu aprendi com o Bernardinho, eu aprendi com o Jorjão, eu aprendi alguma coisa com a Isabel, eu aprendi com o Ayrton Senna que eu lia, via, era fascinada, eu aprendi com o Bolt, eu aprendi com... E eu fui lendo esses livros todos com o Agassi, foi ele que começou a levar a Comissão Técnica no tênis.

[...] Eu me emociono com todas... Porra, qualquer pessoa... Eu assisti uma superliga aqui, a Tiffany começou e eu comecei a chorar. Entendeu? A outra, a Dani Lins, aí o... o Djokovic ganhou a Olimpíada e eu comecei a chorar. [...] Então, eu acho que é isso.”

A trajetória de Letícia Pessoa revela uma construção de saberes marcada pela busca ativa, pela observação sistemática e por uma abertura emocional que permite que o aprendizado ocorra em múltiplas frentes. Ela não apenas aponta as lacunas da formação universitária especialmente no que tange à especificidade do vôlei de praia, como afirma ter sido pioneira ao oferecer os primeiros conteúdos sobre essa modalidade na academia, o que evidencia sua inserção histórica em um campo ainda em formação.

Como destacam Ferreira e Darido (2015), muitos treinadores constroem sua expertise fora dos espaços formais de educação, incorporando à sua prática elementos provenientes da cultura esportiva, da intuição e da experimentação cotidiana.

Nesse processo, Letícia Pessoa não apenas estuda vídeos e observa outros jogos; ela transforma essas observações em ações concretas, adaptações táticas e intervenções técnicas. Isso está em consonância com a ideia de que a formação do treinador se dá de forma situada, enraizada na prática real e nas exigências do ambiente competitivo (Trudel, 2006).

A ênfase que ela dá à dimensão emocional do jogo, e a maneira como busca referências em atletas e personalidades esportivas de diversas modalidades, compõem o

que poderia ser entendido como um saber experiencial expandido atravessado por afetos, valores e narrativas de superação que ela transforma em aprendizado aplicado.

Sua postura reflete o que Jones et al. (2004) caracterizam como prática reflexiva incorporada, em que o treinador é simultaneamente agente e aprendiz, operando numa zona de tensão entre o saber técnico, o saber relacional e o saber ser.

O fato de Letícia Pessoa se emocionar ao ver atletas se superando, chorar com entrevistas e usar trechos dessas falas como ferramentas de motivação para suas jogadoras, aponta para uma concepção ampliada de conhecimento, que ultrapassa a dimensão técnica e incorpora elementos simbólicos e afetivos fundamentais à formação humana dos atletas.

Por fim, sua declaração de que “se eu fosse uma boa psicóloga, seria uma péssima técnica”, embora dita em tom de brincadeira, revela a tensão entre os papéis de técnica e cuidadora, uma tensão que muitas mulheres treinadoras enfrentam e renegociam constantemente, como apontam Santos et al. (2023). Ao posicionar-se como alguém que “consegue levantar as meninas”, Letícia Pessoa reafirma a centralidade da dimensão emocional em seu estilo de liderança, revelando uma competência relacional construída empiricamente e que se torna diferencial em sua prática.

Diante da pergunta final “Você falou que sofreu preconceito, em algum momento você pensou em desistir?”, a treinadora Letícia Pessoa oferece um depoimento profundo que revela as fragilidades estruturais da carreira esportiva, mas também a intensidade do vínculo que a mantém no alto rendimento.

“Não, eu pensei em desistir num momento que eu fiquei desempregada, mas não foi por causa do preconceito.

Porque eu falo assim, caralho, eu estou com 50 anos desempregada, entendeu? Porra, eu vou fazer outra coisa, porque isso aqui não dá garantia de nada. Mas eu já estou tão envolvida nisso que não tem mais como sair. Entendeu? Agora estou vendo para o futuro novos projetos, de eu coordenar as coisas, estou vendo com os clubes, para futuramente, quando eu achar que está na hora, eu ter uma outra.

Mas eu acho que o meu talento está para o alto rendimento, tanto coordenando quanto... Entendeu? O que eu gosto muito é do alto rendimento. Na mão na massa mesmo. Bom, acho que eu ficaria umas três horas falando. É o que eu amo fazer.”

A resposta de Letícia Pessoa escancara a realidade precária que atravessa a carreira de treinadoras, mesmo as mais qualificadas. O desemprego aos 50 anos surge como ponto de inflexão: não uma consequência direta do preconceito, mas da ausência de garantias institucionais que valorizem a experiência acumulada ao longo de décadas. O que se revela aqui é uma tensão entre o reconhecimento simbólico e a permanência concreta na profissão, aspecto também identificado por Goellner (2013) como parte das assimetrias que atingem mulheres no esporte em fases mais avançadas da carreira.

Apesar do cenário adverso, Letícia Pessoa afirma estar “tão envolvida nisso que não tem mais como sair”, expressão que traduz a fusão entre identidade pessoal e profissional como discutem Beauchamp e Thomas (2009), e a dimensão vocacional da escolha pelo alto rendimento. Essa não é apenas uma profissão; é um modo de existir que atravessa o corpo, a rotina, os afetos e os sonhos de futuro.

Sua menção ao desejo de coordenar equipes ou projetos revela não uma intenção de afastamento, mas uma reconfiguração de sua atuação dentro do campo esportivo, em busca de espaços onde sua expertise continue sendo útil. Essa capacidade de se reinventar sem perder a coerência com sua trajetória é elemento essencial da maestria profissional (Mallett & Lara-Bercial, 2024), e permite compreender sua atuação não como linear, mas como adaptativa e enraizada em valores.

Ao concluir com a frase “é o que eu amo fazer”, Letícia Pessoa reafirma a paixão como motor de permanência. Esse amor pelo esporte não é romantizado, mas vivido com intensidade, dor, escolhas difíceis e resiliência. Mesmo diante da exclusão, é essa paixão que a ancora e também que a mantém inteira.

A trajetória narrada por Letícia Pessoa ao longo desta entrevista revela muito mais do que um percurso de vitórias no alto rendimento. Seus relatos descortinam uma complexa rede de experiências, escolhas, renúncias, aprendizados e afetos que compõem a identidade profissional de uma treinadora vencedora em série.

Cada trecho analisado mostra que sua maestria não está restrita a resultados esportivos, mas se enraíza na capacidade de refletir criticamente sobre si, adaptar-se a novos contextos, sustentar valores éticos e formar vínculos humanos duradouros.

Do ponto de vista da identidade, Letícia Pessoa afirma sua presença em um campo ainda marcado por assimetrias de gênero, sem romantizar os obstáculos enfrentados. Ela ressignifica os enfrentamentos como potência formativa, reafirmando

sua autoridade técnica com base na experiência, no comprometimento e na coragem de ocupar espaços historicamente masculinos.

Suas falas traduzem o que Goellner (2007a, 2013) e Vieira (2020) identificam como um processo de afirmação identitária de mulheres no esporte: denso, sinuoso e profundamente transformador. No que diz respeito aos saberes e competências, a treinadora constrói sua prática a partir de múltiplas fontes desde a formação universitária até a escuta sensível das atletas, passando pela observação de outros técnicos e por um autodidatismo comprometido com a excelência.

Não se limita a aplicar conteúdos técnicos: reelabora-os, testa hipóteses, assume riscos e forma atletas como sujeitos. Sua atuação reflete o que autores como Cushion (2007), Mesquita e Borges (2021) e Ferreira e Darido (2015) descrevem como saberes relacionais, éticos e contextuais, essenciais para uma prática crítica e reflexiva.

4.2 Síntese interpretativa em quadros

A análise narrativa da trajetória de Letícia Pessoa, em diálogo com os referenciais teóricos apresentados nesta tese, possibilitou a identificação de eventos biográficos, categorias conceituais e dimensões interpretativas que sustentam a compreensão de sua identidade profissional, dos saberes mobilizados e das estratégias de permanência no esporte de alto rendimento.

Com o intuito de sistematizar essas articulações, apresentam-se a seguir dois quadros analíticos que condensam os principais resultados da investigação, sem reduzir a densidade interpretativa alcançada nos subcapítulos anteriores. Esses quadros funcionam como sínteses visuais e interpretativas, permitindo ao leitor uma visão panorâmica das dimensões emergentes, ao mesmo tempo em que reforçam a coerência entre as informações empíricas, a análise narrativa e o referencial teórico adotado.

O Quadro 3 – Eventos Biográficos e Categorias Teóricas organiza momentos-chave da trajetória da participante e os conecta às categorias conceituais discutidas, evidenciando como experiências concretas se entrelaçam com processos de construção identitária, desenvolvimento de saberes e consolidação da maestria.

Quadro 3 – Eventos Biográficos e Categorias Teóricas

Evento Biográfico	Categoria Teórica	Autores de Suporte
Influência da mãe e resiliência nas quedas	Identidade de gênero e superação	Goellner (2007a, 2013); Vieira (2020)
Escolha da profissão como projeto de vida	Identidade profissional e missão	Ferreira & Darido (2015); Almeida & Freitas (2020)
Reconhecimento do amadurecimento na carreira	Construção contínua da maestria	Amaral & Galatti (2021); Poczwardowski et al. (2014)
Relação com pupilos e transmissão de conhecimento	Prática reflexiva e legado	Cushion (2007); Côté & Gilbert (2009)
Metas pessoais e ambiente saudável de trabalho	Gestão ética e relacional	Jowett & Poczwardowski (2007); Coussens et al. (2023)
Renúncia à vida pessoal e dedicação exclusiva	Comprometimento e sacrifício	Kilty (2006); Santos, M. M. (2024)
Busca de conhecimento fora da formação acadêmica	Aprendizagem experiencial e autodidata	Cushion et al. (2019); Piggott (2012)
Referências em atletas e treinadores de alto rendimento	Formação por modelos inspiradores	Mourão & Soares (2017); Coelho (2021)
Liderança e envolvimento emocional com a equipe	Saberes relacionais e inteligência emocional	Guimarães & Carvalho (2023); Medeiros et al. (2023)
Perda de emprego e resiliência frente à precarização	Contexto socioprofissional e resistência	Santos, Y. Y. S. et al. (2023); Perondi (2023)
Capacidade de adaptação às novas gerações	Atualização pedagógica e escuta ativa	Goellner (2005); Ehrenberg (2021)
Desigualdades de gênero e afirmação no campo técnico	Machismo estrutural e autoridade feminina	Goellner (2007b); Sanchotene (2024)
Estabelecimento de vínculos duradouros	Reconhecimento e legitimidade social	Rubio (2011a); Novais et al. (2017)
Experiências internacionais e intercâmbio técnico	Construção de expertise	ICCE (2013); Kirkland & Cowley (2023)
Planejamento para o futuro com coordenação esportiva	Transição de carreira e continuidade identitária	Beijaard et al. (2004); Ferreira (2012)

Esse quadro mostra que a trajetória da participante não se limita a uma sequência de resultados esportivos, mas reflete um processo de ressignificação contínua. Cada evento biográfico adquire relevância analítica ao ser conectado a categorias conceituais, evidenciando que a identidade profissional se constrói a partir da articulação entre experiências singulares e referenciais teóricos mais amplos.

O Quadro 4 – Indicadores de Transversalidade e Interseccionalidade, por sua vez, destaca como dimensões de gênero, poder e reconhecimento atravessam a narrativa, explicitando tensões estruturais e processos de legitimação que marcam a presença de uma treinadora vencedora em série em um contexto historicamente masculino.

Quadro 4 – Indicadores de Transversalidade e Interseccionalidade

Trecho Biográfico	Indicador de Transversalidade / Interseccionalidade	Autores de Suporte
Influência da mãe na formação pessoal	Gênero e construção de identidade	Goellner (2007a); Vieira (2020)
Preconceito e solidão no comando técnico	Machismo estrutural	Santos, Y. Y. S. et al. (2023); Goellner (2013)
Renúncia à maternidade e à vida conjugal	Gênero e sacrifício pessoal	Kilty (2006); Santos, M. M. (2024)
Afirmação de autoridade em ambiente masculino	Disputa simbólica por legitimidade	Goellner (2007b); Rubio (2019)
Construção de ambiente saudável e afetivo	Cuidados relacionais e ética do cuidado	Jowett & Poczwadowski (2007); Medeiros et al. (2023)
Desemprego na maturidade	Precarização e etarismo	Perondi (2023); Sanchotene (2024)
Busca autônoma de formação e atualização	Saberes autodidatas e feminização do esforço	Coelho (2021); Coussens et al. (2023)
Resistência a retrocessos e obsolescência	Atualização contínua e inserção feminina	Piggott (2012); Moura (2023)
Citações de treinadores e atletas homens como modelo	Referência masculina hegemônica	Rubio (2011a); Novais et al. (2017)

Proximidade afetiva com atletas e comissões	Autoridade afetiva como estratégia	Guimarães & Carvalho (2023); Amaral & Galatti (2021)
Abandono de projetos pessoais por amor ao esporte	Intersecção entre vocação e gênero	Ferreira & Darido (2015); Almeida & Freitas (2020)
Solidariedade de colegas frente a injustiças	Redes de apoio e resistência coletiva	Goellner (2005); Santos, Y. Y. S. et al. (2023)
Reivindicação do espaço no alto rendimento	Luta simbólica e reconhecimento	Goellner (2008); Vieira (2020)
Voz ativa na mídia e entrevistas como ferramenta	Visibilidade como resistência	Mourão & Soares (2017); Rubio (2011b)
Capacidade de liderança emocional	Gestão afetiva e gênero	Jowett & Poczwardowski (2007); Kirkland & Cowley (2023)

Esse quadro evidencia que a trajetória de Letícia Pessoa não pode ser compreendida apenas pelos marcos objetivos de performance esportiva. As múltiplas camadas de sua experiência revelam tensões relacionadas ao machismo estrutural, às renúncias pessoais, à luta por legitimidade e à necessidade de construir redes de apoio e autoridade afetiva. Assim, sua permanência no alto rendimento emerge não apenas da competência técnica, mas também da habilidade de enfrentar adversidades estruturais e ressignificá-las em estratégias de liderança e formação.

Esses quadros não apenas sintetizam os pontos centrais da análise, mas também evidenciam a profundidade e a complexidade da trajetória de Letícia Pessoa no alto rendimento. Sua atuação demonstra que a excelência profissional não se constrói apenas pela via técnica, mas pela capacidade de articular saberes diversos, sustentar valores sob pressão e transformar adversidades em potência formativa.

Ao encerrar este capítulo, reafirma-se que a identidade de uma treinadora vencedora em série não é uma condição dada, mas um processo contínuo de ressignificação. No caso de Letícia Pessoa, esse movimento combina competência técnica, coragem para ocupar espaços historicamente masculinos, escuta atenta, entrega pessoal e persistência ao longo do tempo.

Compreender essa trajetória implica ir além dos indicadores objetivos de performance, reconhecendo as dimensões subjetivas, afetivas e relacionais que

estruturam o ofício em um campo permeado por tensões de gênero, pressão por resultados e exigências de renúncia. Mais do que um modelo a ser reproduzido, Letícia Pessoa encarna uma forma singular de exercer a função técnica com integridade, compromisso e paixão — ponto de partida para as reflexões apresentadas nas Considerações Finais.

A trajetória de Letícia Pessoa evidencia que a construção de sua maestria profissional no vôlei de praia resulta da articulação dinâmica entre três dimensões centrais: identidade, saberes e contexto de atuação. Sua identidade é moldada por valores, propósitos e experiências formativas que orientam seu modo de estar no esporte. Os saberes que mobiliza, técnicos, relacionais e éticos — se traduzem em competências aplicadas para sustentar o desempenho no alto rendimento, respondendo às exigências e imprevistos de cada ciclo competitivo.

A integração entre identidade, maestria e relevância social sintetiza o cerne desta tese. O percurso de Letícia demonstra que a excelência esportiva se constrói tanto pela competência técnica quanto pelo sentido ético e humano do trabalho, reafirmando o esporte como espaço legítimo de transformação social e de afirmação feminina.

Essa maestria emerge da interseção entre essas dimensões e é continuamente tensionada por barreiras de gênero, pela necessidade de estabelecer e manter redes de apoio e pelos processos de reconhecimento que validam sua atuação. Tais elementos não operam de forma isolada, mas em constante retroalimentação, produzindo uma trajetória singular, marcada tanto pela excelência quanto pela resistência em um ambiente esportivo historicamente assimétrico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao reconhecer a história de Letícia Pessoa como produção de conhecimento, esta pesquisa evidencia o potencial transformador das narrativas de mulheres no esporte e aponta caminhos concretos para o fortalecimento de políticas formativas mais justas, inclusivas e sensíveis à realidade das treinadoras no alto rendimento. A análise de sua trajetória confirma que a identidade profissional é marcada por uma construção relacional, sustentada por valores de entrega, resiliência e autonomia, que se configuram como respostas diretas a desafios de gênero, à solidão institucional e à busca constante por reconhecimento em um campo competitivo e majoritariamente masculino.

Letícia Pessoa é uma treinadora vencedora em série porque construiu uma trajetória sustentada na integração entre identidade, saberes e contexto. Sua maestria não se explica apenas pelos títulos conquistados, mas pela forma como transformou adversidades em potência formativa, articulando excelência técnica, sensibilidade humana e compromisso ético em um campo historicamente masculino.

No que se refere aos saberes e competências, Letícia Pessoa mobiliza conhecimentos técnicos, interpessoais e intrapessoais, articulando liderança, gestão de pessoas e prática reflexiva. Essa combinação garante não apenas a continuidade e a consistência de sua presença no alto rendimento, mas também a adaptabilidade necessária para enfrentar contextos instáveis e altamente exigentes. Quanto aos sentidos atribuídos à sua atuação, compreende sua trajetória como um projeto de vida orientado por uma missão ética de formação humana, perspectiva que legitima sua autoridade técnica e sustenta uma maestria que transcende resultados esportivos imediatos, construindo legado e reconhecimento simbólico.

Os achados revelam que tornar-se e permanecer como uma treinadora vencedora em série, nos moldes de Letícia Pessoa, não é resultado exclusivo de competências técnicas, mas de um processo contínuo de autoconstrução, entrega afetiva, escuta atenta e enfrentamento corajoso das barreiras impostas pelo campo esportivo.

A maestria profissional, nesse sentido, se configura como uma construção situada e dinâmica, moldada pela interação entre agência individual, contextos institucionais e relações interpessoais. Essa compreensão reforça a coerência entre a proposta inicial, o desenho metodológico e os resultados alcançados, evidenciando que a experiência de Letícia Pessoa oferece subsídios concretos para a formulação de políticas de formação, permanência e valorização de mulheres no esporte de alto rendimento, contribuindo para o enfrentamento das assimetrias de gênero que ainda atravessam esse campo.

A pesquisa percorreu um itinerário que partiu do reconhecimento das desigualdades estruturais que atravessam o esporte de alto rendimento até a identificação das potências formativas que emergem da prática de mulheres que, como Letícia Pessoa, reposicionam o lugar das treinadoras nesse cenário.

Sua identidade profissional é moldada por uma combinação singular de dimensões subjetivas, relacionais, técnicas e contextuais, compondo um percurso dinâmico de construção de si, constantemente reinventado a cada desafio enfrentado. Letícia sustenta sua permanência e afirmação em um espaço historicamente masculino,

edificando sua autoridade na contramão das expectativas tradicionais e conciliando firmeza ética, sensibilidade relacional e visão estratégica.

Ao afirmar que faz o que precisa ser feito sem recorrer a modelos autoritários, expressa uma liderança exercida por uma mulher em campo masculinizado, que combina força, escuta e visão de longo prazo, rompendo com estereótipos ainda naturalizados no contexto esportivo.

No campo dos saberes, sua narrativa evidencia a centralidade da experiência vivida, da escuta qualificada e da aprendizagem contínua. Ela atribui valor ao conhecimento que emerge da prática cotidiana e que se renova nas interações com atletas e colegas, nas especificidades de cada temporada e nas exigências de cada contexto competitivo. Não há, em sua perspectiva, separação entre teoria e prática, mas uma integração fluida entre sentir, agir, refletir e ajustar. Tal postura revela uma profissional que se atualiza constantemente, que aprende com os erros, que observa com atenção e que entende o sucesso como uma construção cuidadosa, profundamente humana e sensível às singularidades do ambiente esportivo.

Atuando em um cenário de alta performance, instabilidades institucionais e desafios adicionais impostos às mulheres treinadoras, Letícia mantém sua presença com firmeza e resiliência, criando vínculos de confiança, construindo ambientes seguros e sustentando um propósito que vai além da vitória. Para ela, o compromisso com a formação de pessoas é tão ou mais relevante do que os resultados conquistados.

Compreender os caminhos que conduzem à construção da maestria profissional de uma treinadora vencedora em série exige reconhecer que não há um modelo pronto ou um roteiro universal.

A partir de sua trajetória, esta pesquisa revela que a maestria emerge de um conjunto articulado de atitudes e valores que incluem paixão inegociável pela função de treinadora, mesmo diante das dificuldades; escuta ativa e leitura sensível do outro, sem abrir mão do comando técnico; entrega integral ao processo, com envolvimento genuíno no cotidiano da equipe; coragem para sustentar posicionamentos éticos sob pressão; resiliência diante das adversidades e disposição para recomeçar sempre que necessário; construção de autoridade legítima, baseada no conhecimento e no respeito mútuo; e clareza de missão, entendendo que formar atletas é, simultaneamente, formar pessoas. Esses elementos não se configuram como competências isoladas, mas como partes indissociáveis de um projeto de vida que Letícia construiu e ressignificou ao longo do tempo.

Nos termos evidenciados por esta pesquisa, ser uma treinadora vencedora em série não se resume à acumulação de títulos, mas à capacidade de sustentar, ao longo do tempo, uma prática de excelência que articula saberes reflexivos, autoridade legítima e um projeto ético de formação humana. Ao tornar visível essa forma de atuação, o estudo oferece uma contribuição original para o campo da formação de treinadoras e do Coaching Science, apontando que excelência técnica, compromisso ético, competência relacional e sensibilidade formativa não são dimensões dissociadas, mas fundamentos integrados de uma prática de alto nível e impacto duradouro.

A abordagem proposta tensiona a visão tradicional do treinamento esportivo, historicamente centrada em modelos masculinos e eurocêtricos, e reafirma a legitimidade da experiência feminina como produtora de conhecimento científico no esporte.

Assim, a maestria profissional não aparece apenas como um atributo associado ao fato de ser vencedora em série, mas como o próprio alicerce que a torna possível e sustentável ao longo do tempo. Ela se ancora em cinco dimensões interdependentes: experiência situada e reflexiva, capacidade de adaptação a contextos complexos e desafiadores, desenvolvimento ético, técnico e relacional contínuo, articulação entre saberes tácitos e explícitos e um projeto de vida incorporado à função de treinadora. Ser vencedora em série, portanto, vai além da conquista de títulos: significa manter, ao longo de diferentes ciclos, um padrão de excelência coerente com propósito, prática e resultado, distinção que coloca Letícia Pessoa como caso exemplar de maestria no esporte de alto rendimento.

Para o campo do Coaching Science, esta tese oferece uma contribuição teórica e metodológica ao demonstrar que a maestria profissional no alto rendimento não pode ser compreendida apenas por modelos técnico-performativos. A partir de uma perspectiva situada e da narrativa de uma mulher treinadora, o estudo integra dimensões técnicas, relacionais e éticas como fundamentos indissociáveis do agir competente, validando a experiência e a reflexividade como fontes legítimas de conhecimento científico. Essa lente amplia o escopo da área ao tensionar cânones historicamente masculinos e eurocêtricos, sugerindo implicações para currículos, programas de formação continuada e critérios de avaliação que reconheçam, além dos resultados competitivos, a qualidade das relações, o bem-estar das pessoas envolvidas e a sustentabilidade da prática ao longo do tempo.

A pesquisa oferece contribuições significativas tanto para o campo acadêmico quanto para a prática da formação e atuação de treinadoras no alto rendimento. Ao colocar no centro a trajetória de uma mulher, rompe-se com o padrão hegemônico de investigações focadas em treinadores homens e amplia-se o repertório teórico e empírico sobre as dinâmicas de construção da maestria no contexto esportivo.

Do ponto de vista teórico, aprofunda-se o debate sobre identidade profissional de treinadoras, compreendida como processo contínuo, relacional e situado. A articulação entre os eixos de identidade, saberes e contexto possibilitou uma leitura mais abrangente e interseccional da prática profissional, evidenciando como marcadores sociais como gênero, classe e estrutura organizacional influenciam as trajetórias de mulheres em posições de liderança técnica.

No plano prático, os achados desta pesquisa oferecem subsídios para repensar os processos de formação de treinadoras, valorizando a escuta, a experiência situada e a construção de vínculos significativos com atletas. A narrativa de Letícia Pessoa desafia instituições formadoras, gestores esportivos e políticas públicas a superarem visões estritamente tecnicistas, reconhecendo que a excelência no alto rendimento também se constrói com afetividade, ética e entrega.

Essa reflexão também reforça a importância da representatividade feminina nas esferas institucionais do esporte. O fortalecimento de políticas de equidade — como as conduzidas pelo Comitê Olímpico Internacional, pelo Comitê Olímpico do Brasil e pelas federações nacionais — é fundamental para ampliar o número de mulheres em cargos técnicos e decisórios, assegurando que trajetórias como a de Letícia não sejam exceção, mas referência.

A representatividade de mulheres em cargos técnicos e decisórios no esporte ainda é limitada, mas constitui uma pauta política e institucional urgente. Iniciativas de entidades como o Comitê Olímpico Internacional e o Comitê Olímpico do Brasil, ao criarem programas de mentoria e formação de lideranças femininas, apontam caminhos concretos para reduzir assimetrias históricas. Esta tese se insere nesse movimento ao evidenciar, pela trajetória de Letícia Pessoa, que a presença de mulheres em posições de liderança é uma questão de equidade e de justiça epistêmica.

Politicamente, esta pesquisa reafirma o valor simbólico da presença feminina em espaços de decisão e comando no esporte. Ao narrar a história de uma treinadora que permaneceu e venceu em um ambiente masculinizado, o estudo contribui para reposicionar o lugar das mulheres na história do voleibol brasileiro e na ciência do

treinamento esportivo. Cada conquista descrita aqui é também um gesto de resistência e afirmação de que o esporte pode ser um campo mais plural, ético e inclusivo.

Ao encerrar esta jornada, reafirma-se que identidade e maestria não são condições inatas, mas processos contínuos de ressignificação. Letícia Pessoa encarna esse movimento com coragem, sensibilidade, entrega e permanência, mostrando que a excelência no esporte de alto rendimento é inseparável de um compromisso ético com o outro, com a prática e com o próprio projeto de vida, e que mulheres como ela não apenas podem liderar com maestria, mas já o fazem, deixando legados que inspiram e transformam o campo esportivo para as próximas gerações.

Mais do que um ponto final, esta pesquisa representa uma abertura de caminhos. A experiência de Letícia revela que excelência e humanidade podem coexistir, e que o futuro do esporte depende de processos formativos capazes de valorizar tanto o resultado quanto a pessoa. Que esta pesquisa inspire novas investigações, políticas públicas e programas de formação que reconheçam as mulheres como construtoras legítimas do conhecimento e da liderança no esporte.

As reflexões aqui apresentadas abrem caminhos para novas investigações sobre as trajetórias de mulheres no esporte, incentivando a criação de redes de apoio, programas de formação e políticas públicas voltadas à equidade de gênero no alto rendimento. O legado desta tese é, portanto, não apenas compreender uma história, mas contribuir para a transformação das condições que permitirão o surgimento de muitas outras.

REFERÊNCIAS

- Aimi, D. R. S., & Monteiro, F. M. A. (2020). Pesquisa narrativa: reflexões sobre produções dos últimos 14 anos. *Educação em Perspectiva*, 11, e02(0018).
- Aimi, M., & Monteiro, M. T. (2020). Pesquisa narrativa e formação docente: A tessitura da experiência vivida. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, 5(15), 97–113. <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2020.v5.n15.p97-113>
- Alexandre, N. M. C., & Coluci, M. Z. O. (2011). Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(7), 3061–(3068).
- Almeida, M. L., & Freitas, M. S. (2020). Mulheres treinadoras e as resistências de gênero no esporte. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, 7(2), 1–20.
- Almeida, W. D. de, & Freitas, R. de. (2020). Sob comando deles: as barreiras para mulheres técnicas nas equipes olímpicas brasileiras. *Educación Física y Ciencia*, 22(4), e156.
- Amaral, M. S., & Galatti, L. R. (2021). Mulheres treinadoras: Um estudo sobre trajetória e permanência no esporte. *Movimento*, 27, e27026. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.109432>
- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd. (2023). *Diretrizes sobre o uso de inteligência artificial generativa na educação e na pesquisa em educação*. ANPEd. <https://anped.org.br/sites/default/files/images/livro-diretrizes-ia.pdf>
- Azevedo, E., Mesquita, I., & Afonso, J. (2016). A construção da identidade profissional do treinador no estágio profissionalizante: Estudo aplicado no contexto de formação acadêmica. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 16(1), 35–50.
- Barreira, J. (2021). Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto? *Movimento*, 27, e27080. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.118131>
- Becker, A. J. (2009). It's not what they do, it's how they do it: Athlete experiences of great coaching. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 4(1), 93–119. [https://doi.org/10.1260/1747-\(9541\).4.1.93](https://doi.org/10.1260/1747-(9541).4.1.93)
- Beijaard, D., Meijer, P. C., & Verloop, N. (2004). Reconsidering research on teachers' professional identity. *Teaching and Teacher Education*, 20(2), 107–128. <https://doi.org/10.1016/j.tate.2003.07.001>
- Beneli, L. de M., Montagner, P. C., Borin, J. P., Haddad, C. R. R., & Daniel, J. F. (2013). A comissão técnica intervindo no treinamento de atletas de elite: treinador, auxiliares e preparação física em contexto. In L. de M. Beneli, P. C. Montagner, J. P. Borin, C. R. R. Haddad & J. F. Daniel (Orgs.), *Desenvolvimento de treinadores e atletas* (pp. 253–271). São Paulo: Phorte Editora.

Berger, P. L., & Luckmann, T. (1966). *A construção social da realidade: Um tratado de sociologia do conhecimento*. Vozes.

Blackett, A. D., Evans, A. B., & Piggott, D. (2018). Active and passive coach pathways: Elite athletes' entry routes into high-performance coaching roles. *International Sport Coaching Journal*, 5(3), 213–226. <https://doi.org/10.1123/iscj.2017-0053>

Bloom, G. A. (2012). An investigation into the coaching approach of a successful world class soccer coach: Anson Dorrance – A commentary. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 7(3), 431–433.

Borges, M., Rosado, A., Lobinger, B., Freitas, F., & de Oliveira, R. F. (2022). Cultural intelligence in sport: An examination of football coaches' cross-cultural training needs. *German Journal of Exercise and Sport Research*. <https://doi.org/10.1007/s12662-022-00825-y>

Borges, M., Rosado, A., Lobinger, B., Freitas, F., & de Oliveira, R. F. (2023). The cross-cultural training needs of football coaches. *International Sport Coaching Journal*. <https://doi.org/10.1123/iscj.2022-0018>

Brasil. Conselho Nacional de Educação. (2018). Resolução No 6, de 18 de dezembro de 2018: Institui diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação em Educação Física e dá outras providências.

Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

Braun, V., & Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 11(4), 589–597. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>

Burch, M., Scherer, R., Moraes, F. C., & Aires, L. L. (2025). Barreiras e possibilidades para mulheres na profissão de treinadora esportiva: uma revisão integrativa. *Revista Caderno Pedagógico*, 22(8), 1–19.

Butina, M. (2015). A narrative approach to qualitative inquiry. *Clinical Laboratory Science*, 28(3), 190–196. <https://doi.org/10.29074/ascls.28.3.190>

Callary, B., Werthner, P., & Trudel, P. (2012). Exploring coaches' experience using a narrative inquiry: Findings from a study with Canadian gymnastics coaches. *International Journal of Coaching Science*, 6(2), 3–23.

Callary, B., Werthner, P., & Trudel, P. (2012). How meaningful episodic experiences influence the process of becoming an experienced coach. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 4(3), 420–438. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2012.712985>

Carter, A., & Bloom, G. A. (2009). Coaches' perceptions of the knowledge required for successful coaching. *International Journal of Coaching Science*, 3(1), 27–34.

Carvalho, T. S., & Santos, R. G. (2022). *Metáforas da liderança feminina no esporte: trajetórias, obstáculos e reconstruções*. **Revista Movimento**, 28, e28021.

Chroni, S. Ani, Pettersen, S., & Dieffenbach, K. (2020). Going from athlete-to-coach in Norwegian winter sports: Understanding the transition journey. *Sport in Society*, 23(4), 751–773. [https://doi.org/10.1080/1743\(0437\).\(2019\).1631572](https://doi.org/10.1080/1743(0437).(2019).1631572)

Coelho, M. A. (2021). Silvana Goellner: A história de uma trajetória que transformou os estudos de gênero no esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 43, e023026.

Comitê Olímpico do Brasil. (2024a, setembro 18). Programa de Mentoria para Treinadoras do COB leva mulheres para competições internacionais de seleções.

Comitê Olímpico do Brasil. (2024b). Área Mulher no Esporte – Programa de 30% de treinadoras em comissões técnicas.

Côté, J. (2006). The development of coaching knowledge. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 1(3), 217–222. <https://doi.org/10.1260/174795406778604609>

Côté, J., & Gilbert, W. (2009). An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 4(3), 307–323. <https://doi.org/10.1260/174795409789623892>

Coussens, A. H., Stone, M. J., & Donachie, T. C. (2025). Coach–athlete relationships, self-confidence, and psychological wellbeing: The role of perceived and received coach support. *European Journal of Sport Science*.

Cregan, K., Bloom, G. A., & Reid, G. (2007). Career evolution and knowledge of elite coaches of swimmers with a physical disability. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 78(4), 339–350. <https://doi.org/10.5641/193250307X13082505158147>

Cushion, C. J. (2007). Modelling the complexity of the coaching process. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 2(4), 395–401. <https://doi.org/10.1260/174795407783359850>

Cushion, C. J., & Jones, R. L. (2006). Power, discourse, and symbolic violence in professional youth soccer: The case of Albion Football Club. *Sociology of Sport Journal*, 23(2), 142–161. <https://doi.org/10.1123/ssj.23.2.142>

Cushion, C. J., Armour, K. M., & Jones, R. L. (2003). Coach education and continuing professional development: Experience and learning to coach. *Quest*, 55(3), 215–230. [https://doi.org/10.1080/0033\(6297\).\(2003\).10491800](https://doi.org/10.1080/0033(6297).(2003).10491800)

Cushion, C. J., Griffiths, M., & Armour, K. M. (2017). Professional coach educators in situ: A social analysis of practice. *Sport, Education and Society*, 24(6), 603–616.

De Bosscher, V., De Knop, P., van Bottenburg, M., Shibli, S., & Bingham, J. (2009). Explaining international sporting success: An international comparison of elite sport systems and policies in six countries. *Sport Management Review*, 12(3), 113–136. [https://doi.org/10.1016/j.smr.\(2009\).01.001](https://doi.org/10.1016/j.smr.(2009).01.001)

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The 'what' and 'why' of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11(4), 227–268.

Dias, C., Mesquita, S., Corte-Real, N., & Fonseca, A. M. (2016). Psicologia do desporto. In *Psicologia do desporto: Manual de curso de treinadores: Grau I* (pp. 35–56).

Domínguez De la Ossa, E., & Herrera González, J. D. (2013). La investigación narrativa en psicología: definición y funciones. *Psicología desde el Caribe*, 30(3), 620–641.

Domínguez De la Ossa, L. P., & Herrera González, L. M. (2013). La investigación narrativa: Una mirada desde la perspectiva de la construcción social del conocimiento. *Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, 6(12), 31–48. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.m6-12.inmp>

Dubar, C. (2012). *A construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

Dubar, C. (2012). A construção de si pela atividade de trabalho: A socialização profissional. *Cadernos de Pesquisa*, 42(146), 351–367. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742012000200003>

Dubar, C. (2012). *A construção social da identidade*. São Paulo: Martins Fontes.

Dubar, C. (2012). *A socialização: Construção das identidades sociais e profissionais* (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Duffy, P., Hartley, H., Bales, J., Crespo, M., Dick, F., Vardhan, D., Nordmann, L., & Curado, J. (2011). Sport coaching as a 'profession': Challenges and future directions. *International Journal of Coaching Science*, 5(2), 93–123.

Dutra, J. (2008). Gestão de carreiras. *GV-Executivo*, 7(1), 56. [https://doi.org/10.12660/gvexec.v7n1.\(2008\).34084](https://doi.org/10.12660/gvexec.v7n1.(2008).34084)

Elias, L. O. (2024). *Proposição e validação de instrumento de avaliação de âncoras de carreira de treinadores de futebol* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

English, C., Nash, C., & Martindale, R. J. J. (2020). Exploring the coach–administrator relationship within the SA cricket development environment. *European Sport Management Quarterly*, 20(5), 473–492.

Encyclopaedia Britannica. (2024). Lang Ping: Chinese volleyball player and coach. Encyclopaedia Britannica. Recuperado de <https://www.britannica.com/biography/Lang-Ping>

Ericsson, K. A., & Charness, N. (1994). Expert performance: Its structure and acquisition. *American Psychologist*, 49(8), 725–747.

Ericsson, K. A., Charness, N., Feltovich, P. J., & Hoffman, R. R. (2006). Attaining excellence through deliberate practice: Insights from the study of expert performance. In K. A. Ericsson, N. Charness, P. J. Feltovich, & R. R. Hoffman (Eds.), *The Cambridge Handbook of Expertise and Expert Performance* (pp. 683–703). Cambridge University Press.

Ericsson, K. A., Charness, N., Feltovich, P. J., & Hoffman, R. R. (2006). *The Cambridge Handbook of Expertise and Expert Performance*. Cambridge University Press.

Ericsson, K. A., Krampe, R. T., & Tesch-Römer, C. (1993). The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. *Psychological Review*, 100(3), 363–406.

ESPN Brasil. (2021, 8 de agosto). Olimpíadas de Tóquio 2020 têm maior participação feminina do Brasil no quadro de medalhas em toda a história. https://www.espn.com.br/olimpiadas/artigo/_id/9026857

Evans, A. (2015). Learning from pivotal experiences: The role of meaning making in the development of coaching expertise. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 10(4), 589–604.

Fédération Internationale de Volleyball (FIVB). (2024). Official results and statistics. Disponível em:

Fédération Internationale de Volleyball. (2024). Bernardo Rezende – Coach Profile. Recuperado de

Felton, L., & Jowett, S. (2013). What does the coach expect from a relationship with his or her athlete? *Psychology of Sport and Exercise*, 14(3), 397–406.

Ferreira, L. A. (2012). O percurso de mulheres treinadoras: entre desafios, resistências e permanências (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas.

Ferreira, L. C. (2012). O percurso de mulheres treinadoras: Da formação à atuação profissional (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina.

Ferreira, L. C. (2012). O percurso de mulheres treinadoras: Da formação à atuação profissional [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional UFSC.

Ferreira, L. C., & Darido, S. C. (2015). Inserção e permanência de mulheres treinadoras no campo esportivo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 37(4), 388–394.

Ferreira, M. V. (2012). A construção da identidade profissional de treinadoras: Um estudo com base nas narrativas de vida. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina.

Ferreira, M. V., & Darido, S. C. (2015). Identidade profissional e gênero: A atuação de treinadoras no contexto esportivo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 37(1), 50–56.

Fetter, J. C. S. S. (2023). Isso não é coisa de menina: a ausência de mulheres no cargo de treinadoras no voleibol de alto rendimento [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo].

Forman, J. (2024, 24 de abril). An open letter to those who judge coaches. *Coaching Volleyball*. <https://coachingvb.com/an-open-letter-to-those-who-judge-coaches/>

Freire, A., Nascimento Junior, J. R. A., & Moura, N. (2024). Relações interpessoais no esporte e o papel educativo do treinador. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 46(e20220015). [https://doi.org/10.1590/rbce.\(2022\).0015](https://doi.org/10.1590/rbce.(2022).0015)

Galatti, L. R., Bettega, O. B., & Brasil, V. Z. (2016). Coaching education in Brazil: Challenges and opportunities. *International Sport Coaching Journal*, 3(2), 127–136. <https://doi.org/10.1123/iscj.2015-0071>

Galatti, L. R., Paes, R. R., & Silva, J. (2017). Rio 2016 legacy(?): Immediate perceptions. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 31(1), 321–329. <https://doi.org/10.11606/1807-5509201700010321>

Galatti, L. R., Tozetto, A. B., Milistedt, M., & Scaglia, A. J. (2018). Desenvolvimento profissional de treinadores esportivos no Brasil: Perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. *Pensar a Prática*, 21(1), 207–218. <https://doi.org/10.5216/rpp.v21i1.45153>

Galatti, L., & Milistedt, M. (2022). Modelo de desenvolvimento esportivo do COB. COB.

Garner, J., Hill, D. M., & Fairclough, S. (2020). The role of emotion regulation in coaches' perceptions of stress and coping. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 15(2), 176–186.

Gholami, K., & Husu, J. (2010). How do teachers justify their pedagogical actions? The ethical nature of pedagogical action in schools. *Teaching and Teacher Education*, 26(4), 885–896. [https://doi.org/10.1016/j.tate.\(2009\).10.021](https://doi.org/10.1016/j.tate.(2009).10.021)

Giddens, A. (1984). The constitution of society: Outline of the theory of structuration. University of California Press.

Gilbert, W., & Trudel, P. (2016). The journey from competent to innovator. *AI Practitioner*, 18(2), 40–46. <https://doi.org/10.12781/978-1-907549-27-4-5>

Globo Esporte. (2024, 8 de março). Paris 2024 terá a maior participação feminina em 100 anos: veja os números.

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/03/08/paris-2024-tera-a-maior-participacao-feminina-em-100-anos-veja-numeros.ghtml>

Goellner, S. V. (2005). Mulheres e esporte: Novos tempos, velhas desigualdades. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 26(2), 57–72.

Goellner, S. V. (2005). Pensar a prática: mulheres e esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 26(2), 9–25.

Goellner, S. V. (2007). As atividades corporais e esportivas e a visibilidade das mulheres. *Cadernos de Formação RBCE*, 1(1), 1–15.

Goellner, S. V. (2007). Mulher e esporte: novas conquistas? *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 21(4), 281–290.

Goellner, S. V. (2007a). Gênero e práticas esportivas: Diferenças que se somam? *Cadernos de Formação RBCE*, 1(1), 121–136.

Goellner, S. V. (2007b). Gênero, corpo e esporte: A difícil trajetória das mulheres. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 21(1), 5–14.

Goellner, S. V. (2008). Feminismos, mulheres e esportes: Questões epistemológicas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 29(1), 89–102.

Goellner, S. V. (2008). Mulheres e futebol no Brasil: Entre sombras e visibilidades. *Revista Estudos Feministas*, 16(2), 647–652.

Goellner, S. V. (2015). Silêncios e ruídos de gênero nos esportes. *Movimento*, 21(2), 377–396.

Goellner, S. V. (2020). História, mulheres e esportes: novas perspectivas de análise. *Cadernos de Pesquisa*, 50(177), 56–78.

Goodwin, D., & Howe, P. D. (2000). The meaning of sweat: The challenge of researching disabled sports. *Qualitative Studies in Education*, 13(1), 53–64. <https://doi.org/10.1080/095183900235694>

Griffiths, M., Armour, K. M., & Cushion, C. J. (2018). Trying to get our message across: Successes and challenges in an evidence-based professional development programme for sport coaches. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 13(5), 823–834. <https://doi.org/10.1177/1747954118796232>

Guimarães, A. A. P., & Carvalho, Y. N. S. (2023). Mulheres em cursos de futebol: participação, motivações e perspectivas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 45, e102376.

Guimarães, D. S., & Carvalho, Y. M. (2023). Corpos que treinam, corpos que ensinam: Um olhar sobre gênero e educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 45, e20230011.

Gwet, K. L. (2014). *Handbook of inter-rater reliability: The definitive guide to measuring the extent of agreement among multiple raters* (4th ed.). Advanced Analytics, LLC.

Hussain, A., Trudel, P., Gilbert, W., & Culver, D. (2012). Learning to coach: Exploring the personal narratives of coach education participants. *Journal of Coaching Education*, 5(2), 50–70.

Hussain, I., Trudel, P., & Gilbert, W. (2012). Reflective practice among high-performance coaches. *Reflective Practice*, 13(3), 381–391.

International Council for Coaching Excellence (ICCE), ASOIF, & Leeds Beckett University. (2013). International sport coaching framework (Version 1.2). Human Kinetics.

International Olympic Committee. (2024). Lang Ping: A golden legacy in volleyball. Lausanne: IOC Olympic Studies Centre. Recuperado de <https://olympics.com/en/athletes/lang-ping>

Jaime, F. R., Cardoso, L. C., & de Araújo, A. C. (2021). Representatividade da mulher na ciência do esporte no Brasil: o gênero nos grupos de pesquisa e eventos científicos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 43, e012321.

Jaime, M. O., Ardengue, M., Andrade, V., Monteiro, G. B., & Malagutti, J. P. M. (2021). A representatividade de treinadoras do sexo feminino em uma competição oficial. *Research, Society and Development*, 10(11), e16910111(9305). <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i11.19305>

Jones, R. L., & Wallace, M. (2005). Another bad day at the training ground: Coping with ambiguity in the coaching context. *Sport, Education and Society*, 10(1), 119–134. <https://doi.org/10.1080/1357332052000308792>

Jones, R. L., Armour, K. M., & Potrac, P. (2004). *Sports coaching cultures: From practice to theory*. Routledge.

Jones, R. L., Corsby, C. L. T., & Thomas, G. L. (2023). Bordering, connecting, and dispelling within sports coaching: Erasing the practitioner–scholar divide. *Societies*, 13(9), 201.

Jowett, S. (2017). Coaching effectiveness: The coach–athlete relationship at its heart. *Current Opinion in Psychology*, 16, 154–158.

Jowett, S., & Poczwardowski, A. (2007). Understanding the coach–athlete relationship. In S. Jowett & D. Lavallee (Eds.), *Social psychology in sport* (pp. 3–14). Human Kinetics.

Jowett, S., & Shanmugam, V. (2016). Relational coaching in sport: Its psychological underpinnings and practical effectiveness. In S. Razon & M. Sachs (Eds.), *Applied exercise psychology* (pp. 301–315). Routledge.

Jowett, S., Gosai, J., & Slade, K. (2022). Women in coaching: What are the problems and probable solutions? *Sport & Exercise Psychology Review*, 17(1), 16–28.

Kanter, R. M. (1993). *Men and Women of the Corporation*. Basic Books.

Kilty, K. (2006). Women in coaching. *The Sport Psychologist*, 20(2), 222–234.

Kirkland, K., & Cowley, A. (2023). Leadership development in high-performance sport: The influence of organizational context. *Journal of Sport Management*, 37(1), 48–60.

Knoploch, C. (2024a, março 8). Paris-2024: Pela primeira vez na história, Brasil terá mais mulheres do que homens em Jogos Olímpicos. *O Globo*.

Knoploch, C. (2025, maio 12). Entidades pressionam por mais mulheres treinadoras na elite, mas estudo mostra crescimento tímido. *O Globo*.

Kolb, D. A. (1984). *Experiential learning: Experience as the source of learning and development*. Prentice Hall.

Landis, J. R., & Koch, G. G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, 33(1), 159–174.

Langan, E., Blake, C., & Lonsdale, C. (2013). Systematic review of the effectiveness of interpersonal coach education interventions on athlete outcomes. *Psychology of Sport and Exercise*, 14(1), 37–49.

Lara-Bercial, S., & Mallett, C. J. (2016). The practices and developmental pathways of professional and Olympic serial winning coaches. *International Sport Coaching Journal*, 3(3), 221–239. <https://doi.org/10.1123/iscj.2016-0083>

Lara-Bercial, S., & Peña-Garces, M. (2022). Coach development in a basketball context: Identification and development of youth performance coaches in Spain. In S. Rynne (Ed.), *Coach education and development in sport* (pp. 320–335). Routledge.

Lefebvre, J. S., Evans, M. B., Turnnidge, J., Gainforth, H. L., & Côté, J. (2016). Describing and classifying coach development programmes: A synthesis of empirical research. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 11(6), 887–899.

Lenk, M. (1984). *Lutar com palavras: a formação de uma nadadora*. São Paulo: Brasiliense.

Lyle, J. (2002). *Sports coaching concepts: A framework for coaches' behaviour*. Routledge.

Mallett, C. J., & Coulter, T. J. (2016). The anatomy of a successful Olympic coach: Actor, agent, and author. *International Sport Coaching Journal*, 3(2), 113–127. <https://doi.org/10.1123/iscj.2015-0069>

Mallett, C. J., & Lara-Bercial, S. (2016). Serial winning coaches: People, vision, and environment. In *Sport and Exercise Psychology Research* (pp. 289–305). <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-803634-1.00014-5>

Mallett, C. J., Rynne, S. B., & Billett, S. (2014). Valued learning experiences reported by elite coaches. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 9(2), 357–372. [https://doi.org/10.1260/1747-\(9541\).9.2.357](https://doi.org/10.1260/1747-(9541).9.2.357)

Mallett, C., & Côté, J. (2006). Beyond winning and losing: Guidelines for evaluating high performance coaches. *The Sport Psychologist*, 20(2), 213–221.

Mallett, C. J., & Lara-Bercial, S. (2023). *Learning from Serial Winning Coaches: Caring Determination*. Routledge.

Manzini, E. J. (2004). Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. *Revista da Faculdade de Educação*, 30(2), 139–152.

Manzini, E. J. (2019). Aspectos teóricos e práticos da construção de roteiro de entrevista semiestruturada. In A. F. C. Rodrigues & J. E. Ferreira (Orgs.), *Pesquisa qualitativa e práticas de ensino: reflexões metodológicas* (pp. 55–74). Pedro & João Editores.

Manzini, E. J. (2024). Um estudo sobre a elaboração de roteiros para entrevista semiestruturada. *Revista Educação Temática Digital*, 25(1), 1–19.

Martínez-Gallego, R., Nash, C., & Crespo, M. (2023). There is no substitute for hard work! Elite tennis coaches' reflections, learning and development. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 18(6), 1942–(1951).

Martínez-Mina, M., Mazo, J. Z., & Knijnik, J. D. (2015). Mulheres treinadoras no Brasil: Invisibilidades e resistências. *Movimento*, 21(4), 1051–1064.

Martins, P. J., & Rosado, A. F. B. (2017). A formação de treinadores de luta olímpica: Estudos das fontes de conhecimento e conteúdos de formação essenciais. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, 12(1), 24–40.

Martins, P., & Rosado, A. (2017). The training of Olympic wrestling coaches: A study on knowledge sources and essential training content. *Asian Martial Arts Journal*, 12(1), 24–40. <https://doi.org/10.18002/rama.v12i1.3687>

Medeiros, F., Melo, L., & Moura, E. (2023). Barreiras de gênero enfrentadas por treinadoras no esporte de alto rendimento. *Revista Intercontinental de Gestão Desportiva*, 13(1), 35–50.

Milistetd, M. (2021). Competências profissionais de treinadores e treinadoras esportivos: Demandas do século XXI [Palestra]. CREF PR, Evento online.

Milistetd, M., Culver, D., & Rodrigues, F. (2020). Fostering learning in Brazilian coaches through a blended coach education program. *International Sport Coaching Journal*, 7(3), 346–355.

Milistetd, M., Galatti, L. R., Collet, C., Tozetto, A. B., & Nascimento, J. V. (2017). Sports coach education: Guidelines for the systematization of pedagogical practices in bachelor programs in physical education. *Journal of Physical Education*, 28(1), e(2849). <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v28i1.2849>

Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: Teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621–626.

Moen, F., & Fikse, H. (2011, September 21). Elite coaches' perceptions of needed coach competencies. *Idrottsforum.org*. Retrieved from https://idrottsforum.org/articles/moen_fikse/moen_fikse110921.html

Moreira, J. R. (2024, agosto 12). Mulheres conquistam mais medalhas para o Brasil pela 1ª vez. CNN Brasil.

Moura, E. (2023). Identidade e subjetividade de treinadoras esportivas: Entre conquistas e renúncias. *Revista Corporeidade e Educação*, 7(1), 75–90.

Moura, T. C. F. (2023). O desenvolvimento profissional de uma treinadora brasileira de tênis: desafios e aprendizagens em sua trajetória. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 45, e0104.

Myhre, K., & Mjaavatn, P. E. (2017). Does an experience-based and practice-oriented education contribute to coaching efficacy? *Journal of Physical Education and Sport*, 17(2), 1097– (1103).

Myhre, K., & Moen, K. M. (2017). Coaches' learning experiences in practice-based coach education programs: A quantitative study of self-efficacy. *Journal of Physical Education and Sport*, 17(4), 2617 – 2622. [https://doi.org/10.7752/jpes.\(2017\).04299](https://doi.org/10.7752/jpes.(2017).04299)

Naomi, B. (2021). What is real about real-time? Exploring real-time research in sport coaching. *Women in Sport and Physical Activity Journal*, 29(2), 106–115.

Nascimento Junior, J. R. A., Freire, A. M., & Lima, E. A. (2019). Formação humana e relações pedagógicas no esporte: A atuação de treinadores de base. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 41(3), 210–216.

Nash, C. (2008). The role of coach education in the development of expertise in coaching (Doctoral dissertation, University of Edinburgh).

Nash, C., & Sproule, J. (2009). Career development of expert coaches. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 4(1), 121–138.

Nash, C., Ashford, M., & Collins, L. (2023). Expertise in coach development: The need for clarity. *Behavioral Sciences*, 13(11), 924.

Nash, C., Martindale, R. J. J., Collins, D., & Martindale, A. (2012). Parameterising expertise in coaching: Past, present and future. *Journal of Sports Sciences*, 30(10), 985–994. [https://doi.org/10.1080/0264\(0414\).\(2012\).682079](https://doi.org/10.1080/0264(0414).(2012).682079)

Nelson, L. J., Cushion, C. J., & Potrac, P. (2013). Enhancing the provision of coach education: The recommendations of UK coaching practitioners. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 18(2), 204–218. [https://doi.org/10.1080/1740\(8989\).\(2011\).649725](https://doi.org/10.1080/1740(8989).(2011).649725)

Novais, J., Mourão, L., & Soares, A. J. G. (2017). Mulheres treinadoras: Trajetórias e estratégias de resistência no esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 39(3), 257–263.

Novais, M. C. B., Mourão, L. N., & Soares, J. P. F. (2017). A dona da bola: questões de gênero na trajetória de uma treinadora de futebol. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress*, Florianópolis, Brasil.

Novais, M. C. B., Mourão, L., Souza Jr., O. M., Monteiro, I. C., & Pires, B. A. B. (2021). Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liderança esportiva. *Movimento*, 27, e27023.

Passero, L. V. (2023). Mulheres treinadoras no esporte de rendimento: desafios e resistências [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo].

Passero, M. A. T., Oliveira, R. S., & Galatti, L. R. (2020). Mulheres em cargos de liderança em entidades esportivas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 42, e00(1220).

Pathiranage, Y. A., Mather, D., Smith, D., & Goonetilleke, A. (2020). Systematic approach for case study research: A framework for building theory from case study research. *International Journal of Qualitative Methods*, 19, 1–20. <https://doi.org/10.1177/1609406920927249>

Pereira, M. C. (2025, 13 de maio). Contratação de Ancelotti pela CBF pode acabar de vez com reserva de mercado. UOL.

Perondi, A. R. (2023). Interseccionalidade no esporte: Mulheres treinadoras e desigualdades múltiplas. *Revista Estudos Interdisciplinares em Educação*, 8(18), 119–136.

Perondi, M. A. R. (2023). Protagonismo de atletas em contextos de baixa representatividade de treinadoras: o caso da seleção brasileira feminina de rúgbi em cadeira de rodas [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas].

Piggott, D. (2012). Coaches' experiences of formal coach education: A critical sociological investigation. *Sport, Education and Society*, 17(4), 535–554.

Polit, D. F., & Beck, C. T. (2006). The content validity index: Are you sure you know what's being reported? Critique and recommendations. *Research in Nursing & Health*, 29(5), 489–497.

Pope, J. P., Hall, C. R., & Tobin, D. (2014). How do coaches identify with their role as a coach? Exploring coach identity through a role identity theory lens. *Identity*, 14(2), 136–152. [https://doi.org/10.1080/1528\(3488\).\(2014\).897951](https://doi.org/10.1080/1528(3488).(2014).897951)

Pryszlak, J. (2015). Where, when and how do sports coaches prefer to learn? ResearchGate.

Ridder, H.-G. (2017). The theory contribution of case study research designs. *Business Research*, 10(2), 281–305.

Rodrigue, F., Culver, D., & Milistetd, M. (2019). A review of literature on international coach education programs: 2010 – 2019. International Coach Development Research Team.

Rojo, R., & Melo, M. C. R. (2006). Gênero e liderança no esporte: A presença feminina nas comissões técnicas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 20(3), 187–197.

Romero, V. L. (2016). Mulheres en la prensa deportiva brasileña: imágenes, representaciones y discursos de género. *Comunicación y Medios*, 35, 42–51.

Rosado, A. (2022, agosto). O treinador de elite como profissional reflexivo. Palestra apresentada no 1º Simpósio Internacional de Psicologia do Esporte – Treinadores Esportivos: Explorando os aspectos psicológicos e pedagógicos da sua prática, Santo André, SP, Brasil.

Rosado, A. F. B., Vicente, B., Mesquita, I., & Sousa, P. (2008). Coach motivations, experience and professional level. *Proceedings of the World Congress of Performance Analysis of Sport VIII*.

Rubio, K. (2011a). *As mulheres e o esporte olímpico brasileiro*. São Paulo: Editora Cortez.

Rubio, K. (2011a). *As mulheres e o esporte olímpico brasileiro*. São Paulo: SESI-SP Editora.

Rubio, K. (2011b). Mulheres e esporte no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, 19(2), 499–511.

Rubio, K. (2019). Mulheres no comando: A presença feminina em cargos de liderança esportiva. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 41(1), 20–28.

Rubio, K. (2019). Mulheres treinadoras e o enfrentamento das desigualdades de gênero no esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 41(2), 150–157.

Rule, P., & John, V. M. (2015). A necessary dialogue: Theory in case study research. *International Journal of Qualitative Methods*, 14(4), 1–11.

Rynne, S. B., Mallett, C. J., & Tinning, R. (2010). Workplace learning of high performance sports coaches. *Sport, Education and Society*, 15(3), 315–330.

Sanchotene, C. L. (2024). Mulheres no paradesporto: Identidade e desafios das treinadoras. *Revista Brasileira de Estudos do Esporte Adaptado*, 2(1), 1–18.

Santos, M. M. (2024). Gênero e maternidade na carreira de treinadoras: Tensões e resistências. *Cadernos de Gênero e Esporte*, 12(2), 44–59.

Santos, Y. Y. S. dos, Morgan, M. C., Alcântara, C. H., & Galatti, L. R. (2023). Formação inicial em Ciências do Esporte: diferenças na trajetória de mulheres e homens durante o percurso formativo de treinadoras(es). *Revista Pensar a Prática*, 26, e.75731.

Santos, Y. Y. S., Morgan, M. C., Alcântara, C. H., & Galatti, L. R. (2023). Formação inicial em Ciências do Esporte: diferenças na trajetória de mulheres e homens durante o percurso formativo de treinadoras(es). *Revista Pensar a Prática*, 26, e75731.

Santos, Y. Y. S., Oliveira, L. M., & Silva, T. R. (2023). Subjetividade e permanência de mulheres na formação esportiva. *Revista Corpo & Movimento*, 11(3), 89–102.

Sari, I., & Soyer, F. (2010). The scope, development and the characteristics of expertise in sports coaching context. *International Journal of Human Sciences*, 7(2).

Schiller, I. C., et al. (2021). Validação de face: conceito, importância e aplicação em estudos de instrumentos. *Revista de Enfermagem e Saúde*, 43(2), 1–8.

Schön, D. A. (1983). *The reflective practitioner: How professionals think in action*. Basic Books.

Senge, P. M. (2006). *The fifth discipline: The art and practice of the learning organization*. Doubleday.

Sevadio, F. C. (2022). Treinadora-professora: Uma identidade em trânsito. *Revista Didática e Prática de Ensino*, 7(2), 233–247.

Sfard, A., & Prusak, A. (2005). Telling identities: In search of an analytic tool for investigating learning as a culturally shaped activity. *Educational Researcher*, 34(4), 14–22. <https://doi.org/10.3102/0013189X034004014>

Sherrill, C. (1998). *Adapted physical activity, recreation, and sport: Crossdisciplinary and lifespan*. McGraw-Hill.

Silva, L. A., & Mourão, L. (2023). Mulheres e a metáfora do labirinto: percursos, resistências e interseccionalidade no esporte brasileiro. *Revista Brasileira de Estudos de Gênero e Esporte*, 5(2), 34–49.

Silva, M. V. (2021). As não convocações de treinadoras mulheres: gênero e liderança na seleção brasileira de futebol. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 43, e023019.

Silva, M. V. (2021). Maternidade e exclusão de mulheres no futebol profissional. *Revista Brasileira de Esporte e Sociedade*, 13(1), 101–116.

Silva, M. V., Oliveira, M. A., & Silva, M. R. (2021). O estudo de caso único e sua contribuição para a pesquisa qualitativa em educação. *Revista Brasileira de Pesquisa Qualitativa*, 9, 446–467. <https://doi.org/10.36311/2236-5176/2021.v9.p446-467>

Silva, P., Mourão, L., Goellner, S. V., & Gomes, P. B. (2020). Estratégias de resistência e empoderamento de treinadoras portuguesas. *Journal of Physical Education*, 31, e3109.

Sobrinho, V. (2019). A formação de treinadores esportivos no Brasil: desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 41(1), 84–91.

Souza Sobrinho, A. E. P., Almeida, R. F., Carrara, P. D. S., Santos, F. L. P., Mesquita, I., & Azevedo Júnior, M. R. (2019). Desenvolvimento profissional de treinadores brasileiros medalhistas olímpicos. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 27(3), 170–185. <https://www.researchgate.net/publication/335589721>

Souza, A. C., Alexandre, N. M. C., & Guirardello, E. B. (2017). Propriedades psicométricas na avaliação de instrumentos: avaliação da confiabilidade e da validade. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 41(1), 107–113.

Souza, L. M. (2023). Identidade e afetividade na trajetória de treinadoras. *Revista Mulheres em Movimento*, 9(1), 45–60.

Souza, L. M. (2023). *Judô feminino de rendimento: narrativas de uma treinadora sobre sua trajetória esportiva e profissional* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá].

Stake, R. E. (1978). The case study method in social inquiry. *Educational Researcher*, 7(2), 5–8. <https://doi.org/10.2307/1174340>

Stake, R. E. (1985). The art of case study research: Personal interpretation. In Y. S. Lincoln (Ed.), *Case study methodology* (pp. 1–12). Greeley: Colorado State College of Education. [PDF traduzido]

Stake, R. E. (2005). Qualitative case studies. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *The Sage handbook of qualitative research* (3rd ed., pp. 443–466). Thousand Oaks: Sage Publications.

Stanford University Athletics. (2024). Tara VanDerveer biography. Stanford, CA: Stanford Athletics. Recuperado de <https://gostanford.com/sports/womens-basketball/roster/coaches/tara-vanderveer>

Steffen, C. (2021). Evaluating the impact of a reflective coach education program: An intervention study. *International Sport Coaching Journal*, 8(3), 456–469. <https://doi.org/10.1123/iscj.2020-0094>

Stoszkowski, J., & Collins, D. (2016). Sources, topics and use of knowledge by coaches. *Journal of Sports Sciences*, 34(9), 794–802. <https://doi.org/10.1080/02640414.2015.1072279>

Stryker, S., & Burke, P. J. (2000). The past, present, and future of an identity theory. *Social Psychology Quarterly*, 63(4), 284–297. <https://doi.org/10.2307/2695840>

Thomas, J. R., Nelson, J. K., & Silverman, S. J. (2009). *Métodos de pesquisa em atividade física*. Artmed Editora.

Trudel, P., & Gilbert, W. (2006). Coaching and coach education. In D. Kirk, D. Macdonald, & M. O'Sullivan (Eds.), *The handbook of physical education* (pp. 516–539). Sage.

Trudel, P., & Gilbert, W. D. (2006). Coaching and coach education. In D. Kirk, M. O'Sullivan, & D. Macdonald (Eds.), *Handbook of Physical Education* (pp. 516–539). Sage.

Ungheri, M. F., & Ferraz, R. B. (2022). Educação Física e mercado de trabalho: inserção da mulher. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 44, e023012.

Unicamp. (2024, 12 de março). Unicamp e COB: parceria quer aumentar número de treinadoras mulheres no país. <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2024/03/12/unicamp-e-cob-parceria-quer-aumentar-numero-de-treinadoras-mulheres-no-pais>

University of South Carolina Athletics. (2024). Dawn Staley: Head coach profile. Columbia, SC: Gamecocks Online. Recuperado de <https://gamecocksonline.com/sports/wbball/roster/coach/dawn-staley>

Valporto, C. A., Camargo, F. C. S., & Galatti, L. R. (2021). Inserção e permanência de mulheres treinadoras: desafios enfrentados e estratégias de resistência. *Revista Movimento*, 27, e2(7041). [https://doi.org/10.22456/1982-\(8918\).107624](https://doi.org/10.22456/1982-(8918).107624)

Varanda, L. C., Benites, L. C., & Souza Neto, S. (2019). Validação de instrumentos na Educação Física: reflexões e proposições metodológicas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 41(3), 303–309.

Vazzoler-Mendonça, A., Rondini, C. A., & Costa-Lobo, C. (2023). Procedimento de avaliação de instrumentos por comitê de juízes especialistas para aprimoramento de coleta de informações. *Revista Gesto-Debate*, 23(3), 47–86.

Vieira, M. A. R. (2020). Representatividade de mulheres negras no esporte olímpico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 42, e20200312.

Vinson, D., Christian, P., Jones, V., Williams, C., & Peters, D. M. (2016). Exploring how well UK coach education meets the needs of women sports coaches. *International Sport Coaching Journal*, 3(3), 287–302.

Volleyball Hall of Fame. (2024). Lang Ping biography. Holyoke, MA: Volleyball Hall of Fame. Recuperado de <https://www.volleyhall.org/lang-ping.html>

Werthner, P., & Trudel, P. (2009). Investigating the idiosyncratic learning paths of elite Canadian coaches. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 4(3), 433–449.

Willen, H. (2000). The coaches' world. *The Coach*, 3.

Wolf, A. L. (2017). Teto de vidro no esporte: estudo com treinadoras olímpicas brasileiras [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Repositório Institucional da UFPR.

Wright, T., Trudel, P., & Culver, D. (2007). Understanding the change process: Valuing what it is that coaches do. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 2(2), 143–154.

Yin, R. K. (1981). The case study as a serious research strategy. *Knowledge: Creation, Diffusion, Utilization*, 3(1), 97–114.

Yin, R. K. (2003). *Case study research: Design and methods* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (5ª ed., tradução de Christiane Monteiro). Porto Alegre: Bookman.

Zhao, C., & Jowett, S. (2023). Before supporting athletes, evaluate your coach–athlete relationship: Exploring the link between coach leadership and coach–athlete relationship. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 18(3), 633–641.

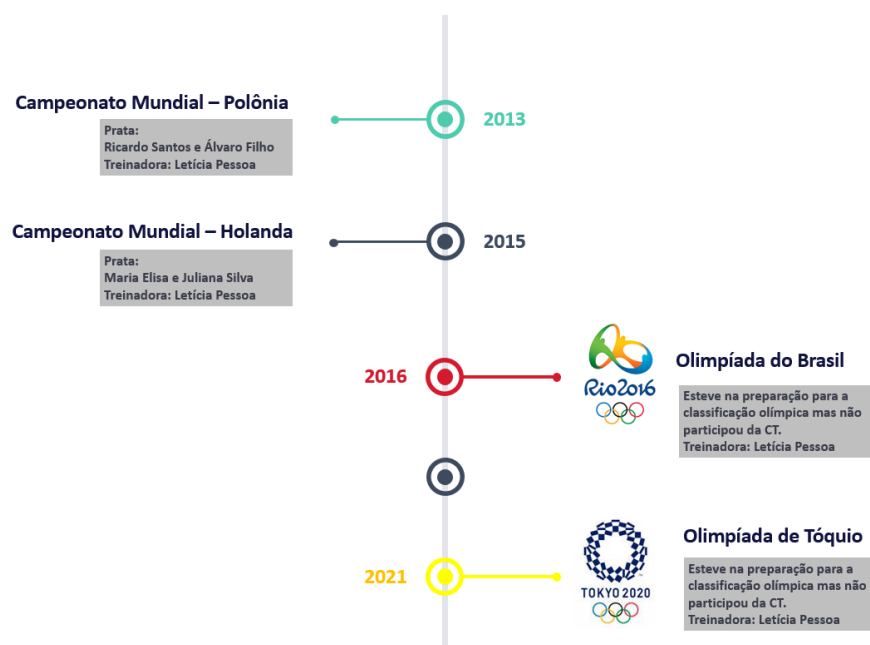
Apêndice A – Roteiros de Entrevista

Abertura da Entrevista:

- Agradecer a participação e explicar o objetivo da pesquisa.
- Reafirmar a confidencialidade das informações.
- Solicitar autorização para gravação da entrevista.
- Informar que a entrevista será conduzida de maneira livre, com foco na experiência pessoal e profissional do entrevistado.

- 1) Qual a sua formação inicial universitária?
- 2) Quando e como se dá início a sua trajetória profissional no voleibol, você poderia compartilhar um pouco da sua trajetória com o voleibol, tanto como atleta quanto como treinadora? Que momentos você considera mais marcantes nessas vivências?
- 3) Como você se descreveria enquanto treinadora e enquanto pessoa? Quais características acredita que contribuíram para que você se tornasse uma profissional com múltiplas conquistas ao longo da carreira?
- 4) Você sente que essa escolha faz parte de um propósito maior para você?
- 5) (Apresentação de uma linha do tempo com os principais títulos Mundiais e Olímpicos)*. A partir dessa linha do tempo, você conseguiria contextualizar o que vivia em cada um desses momentos? Como estavam sua equipe? Quais desses contextos você considera que foram mais favoráveis e por quê?







6) Como você descreve a sua trajetória de desenvolvimento como treinadora? Quais etapas ou momentos que marcaram mudanças significativas na sua forma de atuar ou pensar o treinamento?

7) Quais são os desafios cotidianos de uma treinadora? Comente livremente, se desejar, incluindo situações vivenciadas.

8) Você já pensou em desistir? Por quê? Em que contexto?

9) Na sua opinião, quais são as competências mais importantes para uma treinadora? Quais dessas você mais valoriza em sua própria atuação, e como as desenvolveu ao longo da sua trajetória? Comente livremente, se desejar, incluindo situações vivenciadas.

10) Ao analisar sua atuação como treinadora, o que o diferencia de outras(os) treinadoras(es) de alto rendimento? Comente livremente, se desejar, incluindo situações vivenciadas.

11) Como você acredita que as pessoas te veem como treinadora? Comente livremente, se desejar, incluindo situações vivenciadas.

12) Na sua percepção, de onde vieram seus conhecimentos/habilidades/attitudes como treinadora? Comente livremente, se desejar, incluindo situações vivenciadas.

13) De que forma você acredita que a formação continuada de treinadoras(es) deve acontecer na prática: seguindo estruturas formais e padronizadas ou de maneira mais flexível e adaptada ao contexto de cada profissional?"

14) O que você considera como excelência na atuação de uma treinadora? E, na sua trajetória, você acredita que já vivenciou momentos que se aproximaram desse ideal?

a. Caso sim, poderia compartilhar quais foram esses momentos e o que os tornou especiais?

b. Caso não, por que acredita que ainda não alcançou ou se aproximou desse ideal?

15) Quais são os valores que te orientam como profissional? Comente livremente, se desejar, incluindo situações vivenciadas.

16) Quais aspectos da sua identidade profissional que estão em construção? Quais deles você sente que ainda deseja desenvolver?

17) Como você descreveria o seu perfil de liderança? O que esse perfil implica na sua atuação como treinadora(or)? Fique à vontade para comentar livremente, inclusive trazendo situações vivenciadas.

18) Você costuma refletir sobre como estão suas relações com atletas, comissão técnica e outros membros da equipe.

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)
(Pesquisa On-line)

Prezada Treinadora,

A Sra está sendo convidado(a) a participar, de forma voluntária, da pesquisa intitulada: MEMÓRIAS E DESAFIOS DE UMA TREINADORA BRASILEIRA VENCEDORA EM SÉRIE NO VOLEI DE PRAIA: IDENTIDADE E MAESTRIA. Solicitamos sua autorização para a coleta e a utilização das respostas fornecidas durante a entrevista. O uso dessas respostas será exclusivo para este projeto de pesquisa, salvo se a Sra. autorizar o uso em estudos futuros.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender o processo de construção da identidade profissional de treinadores vencedores em série no voleibol brasileiro. A entrevista será realizada de forma virtual, utilizando a plataforma Zoom, com gravação em áudio e vídeo. Posteriormente, o conteúdo será transcrito literalmente (verbatim), sem interpretações, preservando a fidelidade dos relatos. A análise será feita a partir de frases e afirmações consideradas relevantes para o estudo.

Riscos e desconfortos: Os procedimentos deste estudo apresentam risco mínimo, tanto físico quanto psicológico. Caso sinta desconforto ou constrangimento, a Sra. poderá interromper sua participação a qualquer momento e, se desejar, retomá-la posteriormente.

Entendemos a maestria e a identidade profissional como um fenômeno dinâmico e relacional, resultante de experiências individuais e interações sociais ao longo da trajetória profissional. A pesquisa contribuirá para o entendimento de como treinadores vencedores em série constroem e ressignificam sua identidade profissional.

Custos e benefícios: Sua participação não acarretará custos nem proporcionará vantagens financeiras diretas. No entanto, os resultados poderão contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas e de gestão no treinamento de voleibol. Caso sejam identificados danos decorrentes da pesquisa, a Sra. poderá buscar o pesquisador responsável para esclarecimentos e, se necessário, acionar mecanismos de indenização.

Direitos do participante:

Obter esclarecimentos sobre o estudo em qualquer momento;

Participar ou recusar a participação, sem prejuízos ou penalidades;

Retirar o consentimento e solicitar a exclusão de suas respostas a qualquer tempo, com efeito a partir da solicitação formal.

Sua identidade será tratada com rigoroso sigilo, conforme os padrões profissionais estabelecidos e a legislação brasileira vigente (Resoluções Nº 466/12, 441/11 e Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde, além de suas complementares). As informações obtidas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Armazenamento de dados: As informações, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa serão armazenados com o(a) pesquisador(a) responsável pelo período de 5 (cinco) anos e, posteriormente, descartados de maneira segura.

Por fim, informamos que uma cópia deste termo e das respostas fornecidas será enviada para o endereço eletrônico (e-mail) informado pelo(a) participante.

Este termo de consentimento será assinado eletronicamente, confirmando a sua concordância e anuência com os termos apresentados. Recomenda-se que você guarde o e-mail contendo esta cópia ou imprima-o.

Nome do pesquisador responsável: Profa. Dra. Graciele Massoli Rodrigues.

Endereço: Rua Taquari, 546 - Mooca - São Paulo/SP, Brasil (Universidade São Judas Tadeu).

Contato dos Pesquisadores:

Prof.graciele@usjt.br , tel: (11) 99613-8554

São Paulo, ____/____/____

Nome do participante:

Doc. Identificação:

Ass:

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante para a participação neste estudo, conforme preconiza a Resolução CNS 466, de 12 de dezembro de 2012, IV.3 a 6.

Data ____ / ____ / ____.

Ao clicar no botão: “concordo em participar da pesquisa” o(a) Senhor(a) concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador

Anexo B – Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE DE SANTO
AMARO - UNISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: - TREINADORES VENCEDORES EM SÉRIE: CARACTERÍSTICAS E COMPETÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO DA GESTÃO DE EQUIPES

Pesquisador: ROSEMEIRE DE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 77730524.7.0000.0081

Instituição Proponente: OBRAS SOCIAIS E EDUCACIONAIS DE LUZ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.689.837

Apresentação do Projeto:

As seleções brasileiras masculinas e femininas de vôleibol já conquistaram os principais campeonatos. Juntas somam cinco medalhas olímpicas de ouro, e tantas outras em campeonatos internacionais. Mesmo o vôleibol sofrendo constantes influências dinâmicas, o Brasil já "produziu" várias gerações de campeões e campeãs, todos formados por treinadores e comissões técnicas de especialistas, que trouxeram suas experiências para a formação atlética de excelência. Foram alterações nas regras, na popularidade do esporte (mídia e torcida), na exigência de um biótipo de atletas altos e no perfil do treinador para muito além do treinamento da técnica e tática. Estudos sobre coaching (treinador) esportivo apesar de poucos no Brasil vêm mostrando um amplo desenvolvimento nos últimos anos e, o objetivo desta pesquisa é conhecer as Características e competências dos treinadores em série no desenvolvimento da gestão de equipes brasileiras de vôleibol e compreender como aprenderam a conduzir equipes para consecutivos resultados de sucesso. A proposta da teoria de McAdams se concentra no estudo da narrativa e da identidade pessoal, que definem

significados, unidade, e propósito de vida, através de um modelo integrado de personalidade que é frequentemente descrito como uma estrutura de três níveis, a saber: (1) Traço: pensamento, emoção e comportamento. (2) Características de adaptação: Metas pessoais, valores exibidos em determinados momentos e lugares e a luz do papel social, e (3) Identidade pessoal. É de suma importância entender o processo formador do

Endereço: Rua Profª Enéas de Siqueira Neto, 340

Bairro: Jardim das Imbuías

CEP: 04.829-300

UF: SP

Município: SÃO PAULO

Telefone: (11)2141-8687

E-mail: pesquisaunisa@unisa.br

treinador multi campeão e o tipo de influência subjetiva (e objetiva) dos diversos agentes, percebida pelos treinadores através desse processo de aquisição de conhecimento. Neste sentido, para a obtenção das informações pretende-se utilizar uma entrevista semiestruturada com um roteiro previamente elaborado de acordo com os objetivos propostos, com a finalidade de identificar e analisar contextos de desenvolvimento da carreira

profissional, experiências de aprendizagem e resultados, no sentido de obter uma compreensão sobre a individualidade psicológica e como estes traços moldam os comportamentos em contextos sociais.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar as características e competências no desenvolvimento da gestão de equipes brasileiras de voleibol de alto rendimento comumente encontradas nos treinadores brasileiros de voleibol vencedores em série.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Os procedimentos para este estudo apresentam risco mínimo, tanto físico quanto de constrangimento, mas caso não se sinta à vontade poderá interromper a qualquer momento sua participação na pesquisa e retomar se assim tiver interesse.

Benefícios: A pesquisa contribuirá para proporcionar informações sobre as características e competências de treinadores brasileiros vencedores na série e sua relação com a inovação e sucesso no treinamento e resultados em competições internacionais de equipes de voleibol, e também o desenvolvimento contínuo de treinadores esportivos para fortalecer a atuação dos treinadores, aumentando suas habilidades de liderança, gestão de equipe, comunicação e capacidade de lidar com desafios.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

3.1 Pesquisa qualitativa Esta pesquisa caracteriza-se por estudo qualitativo exploratório, de caráter transversal, que visa a compreensão dos significados das experiências das ações humanas dentro de um determinado contexto sociocultural, onde possibilite uma representação do fenômeno estudado (Thomas, Nelson & Silverman, 2009). A pesquisa quantitativa atua com indicadores e tendências observáveis enquanto a investigação qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões, experiências e se atenta a compreender fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna, enfatizando a compreensão

Endereço: Rua Profº Enéas de Siqueira Neto, 340

Bairro: Jardim das Imbuías

UF: SP

Município: SÃO PAULO

Telefone: (11)2141-8687

CEP: 04.829-300

E-mail: pesquisaunisa@unisa.br

dos significados das ações humanas dentro de um determinado contexto sociocultural. (Minayo, 2012). A totalidade do saber e das experiências de um indivíduo se desenrola no âmbito da história coletiva, sendo intrinsecamente moldada pelo contexto cultural do grupo ao qual pertence. A história de vida destes treinadores vencedores em série coletada através de dados primários e secundários, pode ser considerada um importante instrumento na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos socioculturais por meio da manifestação de crenças, valores, opiniões, representações, relações interpessoais, simbologias, usos, costumes, comportamentos e ações (Paulilo, 1999; Minayo, 2017). Participantes Uma amostra ideal é aquela que capta, em sua totalidade e profundidade, as diversas facetas de um determinado evento, buscando a excelência nas ações e interações ao longo de todo o processo. Essas características tornam a pesquisa qualitativa uma abordagem que concede voz ao sujeito, tornando-a, assim, extraordinariamente valiosa (Minayo, 2017). A seleção dos participantes do presente estudo será baseada na amostragem por critério, ou seja – seleção baseada no fato dos sujeitos apresentarem características semelhantes e com quem se pode aprender muito (Thomas; Nelson & Silverman, 2009). Para serem considerados elegíveis, os treinadores devem possuir certificação pelos Níveis de Credenciamento da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), adquirida por meio de cursos que envolvem avaliação teórica e prática realizada pela Comissão Nacional de Treinadores. Além disso, é requerido que atuem na categoria adulta do voleibol, conduzam seleções nacionais representativas do Brasil e demonstrem repetidos sucessos (Serial Winning Coaching) em eventos de elite, como Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos, durante o período de 1990 a 2023, no contexto de suas atividades de treinamento. Os treinadores que não atendam aos requisitos mencionados anteriormente, incluindo a certificação pelos Níveis de Credenciamento da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), a experiência na condução de seleções nacionais e a obtenção de resultados significativos em eventos esportivos internacionais, serão excluídos do processo de seleção para a pesquisa em questão. Instrumentos Para compreender o processo de formação do treinador de alto rendimento se faz necessário identificar as fontes a partir das quais os treinadores aprendem e as suas características peculiares que ocorrem nos percursos de aprendizagem. Callary et al. (2012), dizem que a partir de uma visão construtivista, a aprendizagem pode ser vista como um processo de transformação: uma pessoa se envolve em situações sociais ao longo da vida que são transformadas técnica, cognitiva e emocionalmente e integradas à biografia da pessoa para que ela se torne mais experiente. Os dados primários e secundários para a presente

Endereço: Rua Profª Enéas de Siqueira Neto, 340

Bairro: Jardim das Imbuías

CEP: 04.829-300

UF: SP

Município: SÃO PAULO

Telefone: (11)2141-8687

E-mail: pesquisaunisa@unisa.br

Continuação do Parecer: 6.689.837

pesquisa serão coletados por objetivo, a saber: Para o objetivo específico número um, qual seja, descrever os títulos alcançados por esses treinadores e a importância destes títulos para a história da modalidade, a técnica de pesquisa será uma revisão de literatura em documentos da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e da Federação Internacional de Voleibol.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Folha de rosto - apresentada
- Metodologia - adequada
- Instrumentos - apresentados no projeto
- TCLE - apresentado e adequado
- Termo de compromisso e confidencialidade - assinada pela pesquisadora (não assinado pela orientadora)
- Cronograma - apresentado e detalhado
- Orçamento - apresentado com custeio próprio.
- Riscos e benefícios - apresentados e adequado
-

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2292318.pdf	26/02/2024 01:36:49		Aceito
Outros	TermoCompromissoConfidencialidade.docx	26/02/2024 01:35:43	ROSEMEIRE DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	InstrumentoColetaDados.docx	26/02/2024 01:35:28	ROSEMEIRE DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMOCONSENTIMENTO.docx	26/02/2024 01:34:19	ROSEMEIRE DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	ProjetoRose.docx	26/02/2024 01:34:02	ROSEMEIRE DE OLIVEIRA	Aceito

Endereço: Rua Prof. Enéas de Siqueira Neto, 340

Bairro: Jardim das Imbuías

CEP: 04.829-300

UF: SP

Município: SÃO PAULO

Telefone: (11)2141-8687

E-mail: pesquisaunisa@unisa.br

Continuação do Parecer: 6.689.837

Investigador	ProjetoRose.docx	26/02/2024 01:34:02	ROSEMEIRE DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostoRose.pdf	26/02/2024 01:33:48	ROSEMEIRE DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 07 de Março de 2024

Assinado por:
Ana Paula Ribeiro
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Profª Enéas de Siqueira Neto, 340

Bairro: Jardim das Imbuías

CEP: 04.829-300

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)2141-8687

E-mail: pesquisaunisa@unisa.br

Anexo C – Termo de Autorização para Identificação Nominal em Pesquisa Acadêmica

Eu, Letícia Pessoa, portadora do RG nº _____ e CPF nº _____, autorizo de forma livre e esclarecida que meu nome verdadeiro e informações referentes à minha trajetória profissional sejam utilizados na tese de doutorado intitulada:

“MEMÓRIAS E DESAFIOS DE UMA TREINADORA BRASILEIRA VENCEDORA EM SÉRIE NO VOLEI DE PRAIA: IDENTIDADE E MAESTRIA”, de autoria de Rosemeire Oliveira, sob orientação da Profa. Dra. Graciele Massoli Rodrigues, junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu.

1. Contexto ético da pesquisa

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o parecer nº 6.689.837, garantindo que todos os participantes tenham sua identidade preservada por meio de anonimato, conforme exigem as diretrizes éticas nacionais e internacionais para estudos com seres humanos.

No entanto, devido à relevância histórica e profissional da minha trajetória para o objeto de estudo, fui convidada a decidir se gostaria de ser identificada nominalmente, reconhecendo publicamente minha contribuição.

2. Razões para a identificação nominal:

- Preservar a autenticidade histórica do estudo de caso, valorizando a representatividade feminina no esporte de alto rendimento;
- Permitir que minha trajetória profissional seja registrada e citada de forma fidedigna, mantendo o vínculo entre minhas falas e minha identidade;
- Evitar que o anonimato oculte a singularidade do caso e sua relevância para a compreensão do fenômeno estudado.

3. Natureza e limites desta autorização:

- A decisão de me identificar é voluntária, sem qualquer tipo de imposição ou condicionamento à minha participação;
- Estou ciente de que posso recusar esta identificação, sem prejuízo algum à minha participação na pesquisa;
- A autorização se limita ao uso do meu nome e à associação às falas concedidas durante as entrevistas, para fins exclusivamente acadêmicos e científicos;
- Não haverá qualquer uso comercial ou finalidade que gere exploração econômica da minha imagem ou nome.

4. Uso e divulgação:

- O conteúdo poderá ser divulgado em trabalhos acadêmicos impressos e digitais, apresentados em congressos e publicado em repositórios científicos, preservando sempre a fidelidade ao contexto das falas;
- A autorização é concedida em caráter gratuito, irrevogável e irretratável, exclusivamente para os fins aqui descritos.

Declaro que recebi todas as informações necessárias, compreendi o conteúdo deste documento e autorizo de forma consciente a utilização do meu nome verdadeiro nesta pesquisa, ciente das implicações e finalidades acadêmicas.

São Paulo, 13 de agosto de 2025.

Letícia Pessoa



Rosemeire Oliveira
Pesquisadora

Profa. Dra. Graciele Massoli Rodrigues
Orientadora